a revista para quem gosta de ver filmes

SET

Editora Abril

Outubro, 1998 - Ed. 136 - Ano 12 - Nº 10 - R$ 5,70 - 5633

KUROSAWA
O homem que fez o Ocidente gostar de cinema japonês

ANTHONY HOPKINS
"Eu sempre quis fazer filmes de ação"

É MESMO DIFÍCIL ALUGAR O FILME QUE VOCÊ QUER?
Nós fomos às locadoras responder a essa pergunta

HOME THEATER
O que você precisa para ter um cinema em casa

EM VÍDEO
Titanic e mais 32 lançamentos comentados

Por que Antonio Banderas é o homem certo para usar

a máscara do ZORRO

Toda a história por trás da mais divertida aventura desta temporada – na página 16

ISSN 0104-1592

00136

9 770104 159003

W/Brasil

O BÁSICO DA AVENTURA.

HERING BASICS KHAKIS.

EXCLUSIVIDADE

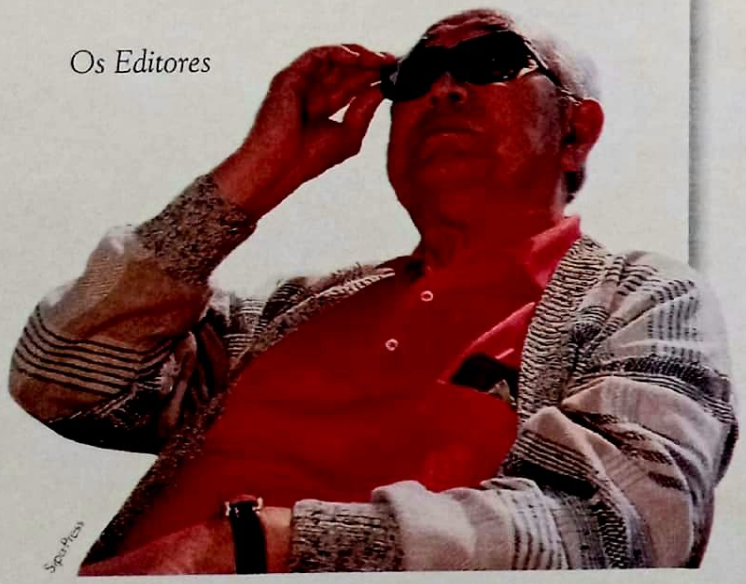
family store

Tel. 0800-473114 - e-mail: sac@hering.com.br - http://www.hering.com.br

CARTA ao LEITOR

Pouco mais de um ano atrás, quando James Stewart morreu, ficamos todos aqui na Redação com a sensação de ter perdido um parente "postiço", mas nem por isso menos querido: com seu sorriso franco e seu jeitão de boa gente, Jimmy iluminou quase noventa filmes e conquistou gerações, seja no cinema, seja nas reprises da TV. Agora, com a morte de **Akira Kurosawa**, a tristeza se repete. Em seus 88 anos de vida, esse pintor que virou cineasta – e dos maiores que este século conheceu – construiu, a cada filme, um pedacinho de uma ponte que é um milagre da engenharia: uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, através da qual transitaram idéias, imagens, cores e influências que antes permaneciam virtualmente isoladas. Fã dos faroestes de John Ford e das peças de William Shakespeare, Kurosawa incorporou as criações desses mestres em obras essencialmente japonesas, mas inegavelmente universais. Em troca, viu seu trabalho servir de inspiração a inúmeros cineastas ocidentais. Se você acha que nunca viu um filme de Kurosawa, pense que, sem ele, talvez não houvesse *Guerra nas Estrelas*: o próprio George Lucas afirma, com orgulho, que foi de *A Fortaleza Escondida* que saiu a idéia para sua milionária trilogia.

Os Editores



NESTA edição

Na Capa: *A Máscara do Zorro* (Columbia TriStar)

16 A Máscara do Zorro
Como um herói de quase oitenta anos ganhou vida nova para o cinema

24 anthony hopkins
Ele é um ator com "A", mas garante: interpretar é bico

28 akira kurosawa
A trajetória do grande mestre japonês

32 exemplo e contra-exemplo
O veterano Brian De Palma erra a mão em *Olhos de Serpente*, e o novato F. Gary Gray acerta com *A Negociação*

34 censura - ufa! - nunca mais
O novo e ainda polêmico *Lolita* chega em ocasião oportuna: os dez anos do fim da censura no Brasil

40 qual o segredo de mary?
Como a comédia *Quem Vai Ficar com Mary?* passou de azarão a grande fenômeno da temporada

42 gene kelly & fred astaire
A vida de quem a deu para a dança

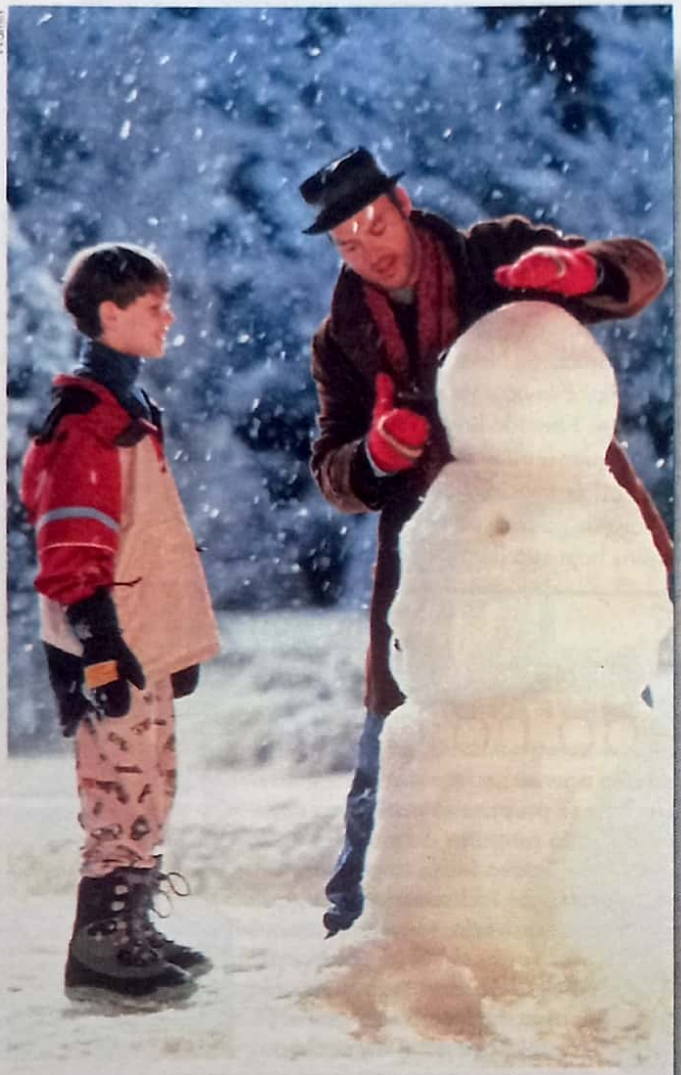
50 leon cakoff
Há 22 anos ele compra briga por uma causa muito nobre: fazer a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo acontecer

54 o teste do aluguel
Oito de nossos colaboradores foram a campo tirar uma dúvida: sábado é mesmo dia de sair frustrado da videolocadora?

SEMPRE em SET

5 **takes**
8 **radar brasil**
10 **atrás da câmera** com Helvécio Ratton
11 **sob os holofotes** com Gary Sinise
12 **o que eles dizem**
14 **papo rápido** com Michael Douglas
58 **dúvidas cruéis** por Gabriela Aguerre
59 **por trás da tela** por Francisco Ramalho
60 **10** mentiras que o cinema insiste em dizer que são verdades
61 **novos filmes** *Um Crime Perfeito*
64 **hollywood boulevard** por Dulce D. de Brito
66 **videolançamentos** *Titanic*
72 **cinema para guardar**
73 **clássico por assinatura** *Um, Dois, Três*
74 **o que eu amo & odeio** com Harrison Ford
76 **cartas**
77 **próximas atrações**
78 **nostalgia**

TAKES o que vem por aí



Warner

O HOMEM DE GELO

Depois da recepção gelada ao fiasco *Os Vingadores*, a Warner decidiu apelar para um filme no mesmo tom místico-lacrimoso do sucesso *Cidade dos Anjos*. Em *Jack Frost*, do diretor estreante Troy Miller, Michael Keaton é um músico que, durante uma turnê, morre em um acidente causado por uma nevasca. Amargurado no pós-vida por causa do pouco tempo que passou com o filho, ele volta à Terra como... um homem de neve! Curiosamente, o filme seria estrelado pelo atual Batman, George Clooney, mas a Warner acabou optando por Keaton, que também já foi Homem-Morcego, porém mais bem-sucedido.

PETER JACKSON

dando vida a *o senhor dos anéis*

Jackson: trilogia

Durante anos, os fãs do clássico *O Senhor dos Anéis*, do escritor J.R.R. Tolkien, ouviram boatos sobre uma versão para o cinema. Agora a espera acabou: a New Line anunciou a produção de *três* filmes baseados na aventura, todos com roteiro e direção de Peter Jackson – responsável por *Almas Gêmeas*. A trilogia será rodada durante 1999 para ser lançada a partir do ano 2000, com um orçamento de 130 milhões. O elenco ainda não foi definido, mas não seria nada mau ter Sean Connery no papel do mago Gandalf, o mais carismático dos protagonistas da obra.

EYES WIDE SHUT

O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA...

Será que algum dia teremos o prazer de assistir a *Eyes Wide Shut*, que o diretor Stanley Kubrick está fazendo há quase dois anos? Depois de ter sido arremessado para fevereiro do ano que vem, o filme foi novamente adiado – desta vez para o próximo verão americano – porque ninguém faz idéia de quando Kubrick acabará de montar sua obra. Rumores sobre um suposto trailer deixaram os fãs com água na boca: durante trinta segundos, a tela seria recheada com a imagem de um par de seios, cada um deles ostentando o nome dos protagonistas, o casal Nicole Kidman e Tom Cruise.

Tom Cruise: esperando

Columbia TriStar

SPAWN 2

o chamado das trevas

Spawn: bicho-papão

Warner

A New Line deu sinal verde para *Spawn 2*, a segunda aventura no cinema do herói dos quadrinhos. Ao contrário do filme original, porém, os produtores querem deixar de lado os elementos sobrenaturais para mostrar Spawn como um bicho-papão que habita os becos de Nova York. "Queremos um filme ao estilo de *Seven* e *O Silêncio dos Inocentes*", disse o produtor Terry Fitzgerald. Não é à toa que David Fincher, diretor de *Seven*, é o mais cotado para comandar a seqüência.

AGUARDE! ***HOLY MAN*, comédia com Eddie Murphy e Kelly Preston, chega ao Brasil em 13 de novembro; e *O PRÍNCIPE DO EGITO*, desenho animado da DreamWorks, estréia em 25 de dezembro.**

COMO É MESMO O NOME DELE?

Columbia TriStar

skeet ulrich
O MOSQUITO QUE VIROU GALÃ

Skeet Ulrich vive sendo comparado a Johnny Depp, com quem compartilha o visual descuidado e a escolha pouco convencional de personagens. Há menos de três anos trabalhando à frente das câmeras, ele foi uma das vítimas de *As Jovens Bruxas* antes de se tornar popular como o namorado de Neve Campbell em *Pânico*. Depois vieram *Melhor É Impossível* e o faroeste *Newton Boys – Irmãos Fora-da-Lei*. Nascido Bryan Ray há 29 anos, ele era chamado de Mosquito – ou Skeeter – porque tinha um tipo físico mirrado na adolescência. Ao contrário do que pode indicar sua atual cara de galã, Skeet nunca namorou na época do colégio, mas hoje está (bem) casado com a atriz Georgina Cates.

METRO GOLDWYN MAYER

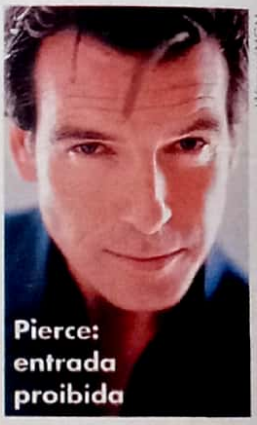
VENDE-SE UM LEÃO

O leão da Metro não assusta mais ninguém. Sem lucros há dez anos, o estúdio do magnata Kirk Kerkorian, avaliado em 1,2 bilhão de dólares, está à venda. A ciranda financeira da Metro dá um bom filme: desde os anos 60, Kerkorian vem vendendo e recomprando sua companhia, numa confusão financeira que ninguém entende – não é surpresa que o orçamento do estúdio esteja uma bagunça. Mas o futuro comprador não estará colocando os pés numa barca furada: ele será o dono dos direitos do agente James Bond, que vai muito bem neste final de milênio. Quem sabe 007 consiga salvar não só o mundo, mas também tirar o leão do buraco?

PIERCE BROSNAN

barrado no baile

Por essa o mais famoso agente secreto do cinema não esperava. Pierce Brosnan se preparava para uma noite animada quando foi barrado na porta do movimentado Met Bar, em Londres, que estava fechado para uma festa particular da cantora Janet Jackson. Brosnan, que não queria voltar para casa frustrado, tentou reverter a situação jogando o clássico "você sabe com quem está falando" para cima do leão-de-chácara. "Não estou nem aí se você é James Bond, mas aqui você não entra", devolveu o sujeito. E o martini ficou para a próxima.



Warner/MGM

Pierce: entrada proibida

DUDLEY MOORE

o preço do excesso

As coisas não estão nada bem para o baixinho Dudley Moore. Depois de passar os últimos anos envolvido em um complicado divórcio, Moore viu sua mulher, Nicole Rothschild, desistir do processo de 10 milhões de dólares contra ele por um motivo trágico: a saúde deteriorada do ator. Nicole não revela o mal que acometeu seu marido, mas deixou escapar em entrevistas que o motivo está na vida regada a álcool e drogas de Moore. Sobre o fim do processo contra o ator, ela foi categórica: "Não quero ser a causa de sua morte".

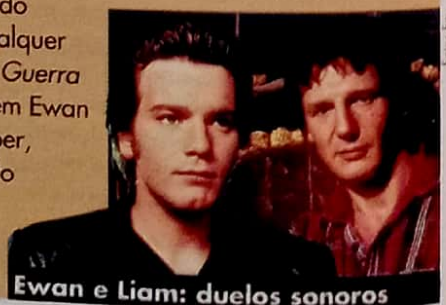
Sygma

Moore: no limite

GUERRA NAS ESTRELAS

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

A maior dificuldade de George Lucas no novo *Guerra nas Estrelas* é controlar o entusiasmo do ator Ewan McGregor, que fará o papel do cavaleiro Obi-Wan Kenobi. Durante um duelo de sabres de luz com Ewan, o ator Liam Neeson caía na gargalhada toda vez que George gritava "ação". Quando o diretor perguntou qual era o problema, Liam disse que não conseguiria se concentrar enquanto Ewan "continuasse fazendo aquilo" – como qualquer sujeito criado com *Guerra nas Estrelas*, o jovem Ewan estava, sem perceber, imitando o zumbido do sabre de luz durante a cena. Essas crianças...



Fotos Fox

Ewan e Liam: duelos sonoros

Ilustração sobre foto Marcos Smirkoff

GODZILLA

REMEXENDO OS ESCOMBROS

Parece que a passagem de *Godzilla* pelas telas americanas deixou menos marcas do que esperava a dupla responsável pelo filme, Roland Emmerich e Dean Devlin. O jornal americano *The New York Post* publicou uma nota que listava as pessoas prejudicadas pelo lagartão, entre elas o ator Matthew Broderick e os quase 230 empresários que licenciaram a marca Godzilla – e viram seus produtos acumular poeira nas prateleiras. Mas as principais vítimas do monstro não foram outras que não Emmerich e Devlin, como observou um comentarista do *Post*: "Ninguém em Hollywood vai bater a porta na cara deles, mas a dupla não verá um tapete vermelho tão cedo".

O RESGATE DO SOLDADO RYAN

a guerra da imagem

Quando a revista americana *Newsweek* deu capa para *O Resgate do Soldado Ryan*, a reação do estúdio DreamWorks não foi comemorar, mas esbravejar. O problema era que a foto da capa não fazia parte do material cedido à imprensa: era um fotograma retirado do trailer do filme. Além disso, a matéria arruinou um acordo feito com a *Time* para a publicação de um artigo exclusivo. Depois do barulho, a DreamWorks disse só estar interessada em impedir a veiculação de material de origem duvidosa. Na prática, porém, a ação tem cara de controle de marketing, já que a imprensa dependeria sempre de um estúdio para realizar reportagens sobre filmes.

JEROME ROBBINS

A ÚLTIMA DANÇA

Jerome: clássicos

Reprodução

O cinema ficou mais triste no último dia 29 de julho: o diretor e coreógrafo Jerome Robbins morreu aos 79 anos, vítima de um derrame. Responsável por algumas das peças musicais mais famosas deste século, como *O Rei e Eu*, Robbins mostrou que a transposição de um musical do palco para as telas poderia se tornar pura magia: em 1961, ele adaptou *Amor Sublime Amor*, uma atualização da história de *Romeu e Julieta*, e o resultado foi um clássico vencedor de dez Oscar.

BRAD RENFRO

rebelde sem causa

Parece que o talentoso Brad Renfro, aos quinze anos, está a caminho de ingressar no clube dos garotos rebeldes encabeçado por Charlie Sheen. O ator de *O Cliente* foi detido por posse de drogas, levado a um centro de detenção de menores e, após quarenta minutos, liberado ao pagar fiança. Embora o jovem astro negue que tenha sido preso, seu amigo Mark Singleton, que estava com ele no momento da chegada da polícia, foi indiciado por posse de maconha e liberado depois de pagar 1,5 mil dólares. Se continuar assim, Brad vai acabar ganhando um narigão...

Brad Renfro: problemático

AP

FESTIVAL DE BRASÍLIA

DE OLHO NO PLANALTO

A premiação do 31º Festival de Brasília, que será realizado entre os dias 11 e 18 deste mês, não ficará resumida ao tradicional Troféu Candango: para estimular a produção nacional, os melhores filmes receberão um prêmio em dinheiro. Serão 65 mil reais distribuídos entre os vencedores. Apesar de se dedicar exclusivamente ao cinema nacional, a festa em Brasília guarda uma semelhança com o Festival de Gramado (que abriu seu leque para filmes latinos): o cineasta Nelson Pereira dos Santos, que deixou a Serra Gaúcha com o Troféu Oscarito pelo conjunto de sua obra, será o grande homenageado na capital federal, dividindo as honras com Joaquim Pedro de Andrade, autor do clássico *Macunaíma*, morto há dez anos.

LEI DO AUDIOVISUAL

cinco anos que mudaram o cinema

A Lei do Audiovisual está completando cinco anos. Enquanto muitos comemoram a volta do cinema brasileiro – foram 54 filmes realizados nesse período, contra menos de uma dezena nos anos que precederam a extinção da Embrafilme –, outros olham para o futuro com apreensão. Embora a lei tenha viabilizado a volta da produção nacional, muitos produtores temem que a instabilidade do mercado e a falta de uma política pública específica sinalizem um futuro menos glorioso. Mas o público, ao menos, já deu seu aval positivo: quatro filmes realizados com o apoio da Lei do Audiovisual – *Carlota Joaquina*, *O Qu4trilho*, *O Noviço Rebelde* e *Central do Brasil* – romperam a marca de um milhão de espectadores.

O Qu4trilho: um milhão de espectadores

Europa

Os nacionais que estão para chegar às telas:

FILME	SINOPSE
Amor & Cia, de Helvécio Ratton, com Marco Nanini, Patrícia Pillar, Alexandre Borges, pronto.	Um comerciante do século 19 descobre que sua mulher o está traindo. Em vez de apelar para um duelo, ele resolve o impasse numa arena mais perigosa: o mundo dos negócios.
Lavoura Arcaica, de Luiz Fernando Carvalho, com Selton Mello, Raul Cortez, Simoni Spoladori, em filmagem.	O diretor da novela *Renascer* estréia na telona com a história de um filho de libaneses que deixa a família após se apaixonar por sua irmã.
Orfeu, de Cacá Diegues, com Toni Garrido, Patrícia França, Zezé Mota, Murilo Benício, em finalização.	A peça de Vinícius de Morais ganha mais uma versão para o cinema. No papel de Orfeu, um músico que conhece a tragédia, está o vocalista do conjunto Cidade Negra, Toni Garrido.
São Jerônimo, de Julio Bressane, com Everaldo Pontes, Helena Ignez, Silvia Buarque, Bia Nunes, em filmagem.	A vida do homem que virou santo depois de traduzir o Antigo Testamento do hebraico, grego e aramaico para o latim vira filme nas mãos do diretor de *Matou a Família e Foi ao Cinema*.
O Tronco, de João Batista de Andrade, com Ângelo Antonio, Rolando Boldrin, Antônio Fagundes, em finalização.	No começo do século, um conflito entre o governo e fazendeiros do norte de Goiás desencadeia uma verdadeira guerra civil.
Villa-Lobos – Uma Vida de Paixão, de Zelito Vianna, com Marcos Palmeira, Antônio Fagundes, em finalização.	Biografia do compositor Villa-Lobos narrada em três momentos de sua vida: quando criança, durante a juventude e no final de sua vida.

MEIA NOITE

CINEMA SUPERSÔNICO

O cinema brasileiro já está no século 21 – pelo menos na forma de curta-metragem. O cineasta Walter Salles, de *Central do Brasil*, assina com Daniela Thomas a direção de *Meia Noite*, que faz parte do projeto canadense "2000 Visto Por...", uma seleção de filmes mostrando a virada do milênio em cinco países. Com pouco mais de uma hora de duração, *Meia Noite* surpreende pela velocidade com que foi produzido: o curta foi rodado em apenas uma semana. Para o futuro lançamento em cinema, os diretores devem acrescentar vinte minutos, que ficaram de fora da montagem final.

Meia Noite: Brasil no ano 2000

Divulgação

GRAMADO 98

A FESTA DOS HERMANOS

O longa argentino *Pizza, Birra, Faso*, dirigido pela dupla Bruno Stagnaro e Israel Caetano, foi o grande vencedor do 26º Festival de Gramado, realizado na Serra Gaúcha em agosto passado. O filme, que mostra a trajetória de um grupo de adolescentes marginais em Buenos Aires, levou os Kikitos de melhor filme, diretor e roteiro. E a festa latina continuou com prêmios distribuídos para produções uruguaias (*Otário*) e cubanas (*Tropicanita*). Dos filmes brasileiros em competição, apenas a comédia *Amores* foi lembrada: o trabalho do diretor Domingos de Oliveira foi escolhido o melhor do festival pela crítica e pelo público.

Fotos: Divulgação

***Pizza, Birra, Faso* foi o grande premiado em Gramado. Do Brasil, as láureas foram para a comédia *Amores* (ao lado)**

O CAUDILHO E O JAGUNÇO

chatô começa a dar frutos

O ator Guilherme Fontes dá mais um passo para levar o romance *Chatô*, de Fernando Morais, para o cinema – mas desta vez a ação se desenrola na telinha da TV. Fontes é um dos responsáveis pela minissérie *O Caudilho e o Jagunço*, que mostra a relação do presidente Getúlio Vargas com o jornalista Assis Chateaubriand, mas contada sob o ponto de vista da imprensa. O projeto, ambientado nos anos 50, será dividido em cinco capítulos de meia hora, que deverão ser exibidos em um canal de TV a cabo. A idéia de Fontes é manter o mesmo elenco e produzir outras histórias – tudo isso como parte do projeto *Chatô*, que culminará com o esperado longa-metragem.

MICHAEL CIMINO

COMANDANDO O DESCOBRIMENTO

Ronaldo Carvalho

O cineasta Michael Cimino, diretor de *O Franco-Atirador*, esteve em terras tupiniquins em setembro para confirmar sua participação em *Brasil 1500*, um projeto de 35 milhões de dólares que pretende contar a história do descobrimento sob o ponto de vista de um jovem marinheiro da esquadra de Pedro Álvares Cabral. O roteiro original, escrito pelo empresário Fábio Fonseca, foi reescrito pela equipe de Cimino e ganhou tintas épicas. "A época das navegações foi muito rica para nossa história", diz Cimino. "Curiosamente, o cinema nunca demonstrou grande interesse pelo assunto." O produtor Ilya Salkind, o mesmo de *Superman*, ressalta que o filme não é um drama histórico, e sim "um épico que fala da história de um povo, mas que é de interesse do mundo inteiro". *Brasil 1500* deve chegar às telas no começo do ano 2000.

CINEMA NA PRAIA

AREIA, MAR E FILMES

Lugar de filmes não é no cinema, e sim na praia – pelo menos em Vitória, Espírito Santo. Desde o dia 23 de julho, a capital capixaba sedia o projeto Cinema na Praia, que promove sessões de graça e ao ar livre de produções brasileiras. Os filmes são exibidos em um telão montado em plena areia. O próximo longa do projeto é *Menino Maluquinho 2* – outros filmes estão sendo programados para os próximos meses, exibidos sempre na terceira quinta-feira do mês. Se depender do público, a iniciativa já é um sucesso: duas mil pessoas assistiram a *Central do Brasil* na estréia do projeto.

Divulgação

Filmes na praia: sessões de graça

André Penazzo

helvécio ratton

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

O diretor mineiro Helvécio Ratton abandona os filmes infanto-juvenis e, com *Amor & Cia.*, envereda pelos caminhos do amor e da traição

Helvécio Ratton é um diretor apaixonado pelo que faz e, ao mesmo tempo, um cinéfilo exigente. Como bom mineiro, nascido há quase cinqüenta anos na cidade de Divinópolis, prefere trabalhar devagar e sempre a entrar no jogo ansioso de muitos dos cineastas de hoje, que querem a todo custo colocar seu produto o mais rapidamente possível no mercado. Quieto e cauteloso, Ratton pensou bem antes de se aventurar em seu terceiro longa-metragem, *Amor & Cia.*, uma das atrações da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que acontece este mês.

Muitos acreditavam que o diretor ficaria marcado por seu trabalho voltado para o espectador infanto-juvenil: seu nome estabeleceu-se com a realização de *A Dança dos Bonecos* e *Menino Maluquinho*, dois dos melhores filmes brasileiros do gênero. Mas eis que surge *Amor & Cia.*, uma comédia dramática sobre temas tão universais quanto amor, traição e honra. Adaptação do romance *Alves & Cia.*, de Eça de Queirós, cuja ação é transposta para a cidade mineira de São João del Rey (terra natal do pai do diretor), o filme se desenrola no século passado e mostra fatos e suposições sobre um triângulo amoroso – um rico comerciante, Godofredo Alves (Marco Nanini), acredita que sua mulher, Ludovina (Patrícia Pillar), o está traindo com seu sócio, Machado (Alexandre Borges).

Leitor compulsivo, Ratton quis demonstrar a maturidade de seu trabalho sendo fiel ao estilo refinado e sutil do romancista português. Para tanto, recorreu ao que chama de "humor de canto de boca": "Fiz um filme a que assistiria com prazer. Evitei soluções óbvias; quis que o requinte narrativo permitisse que ele fosse visto várias vezes pelo mesmo espectador", explica o cineasta.

DEVAGAR E SEMPRE Quando Ratton se mudou para Belo Horizonte, no final dos anos 60, fez cinema amador e participou do movimento cineclubista. Militante de esquerda, morou no Chile de 1970 a 1974, durante o governo de Salvador Allende, e começou a filmar profissionalmente. De volta a Belô, foi um dos cofundadores do Grupo Novo de Cinema, produtora para a qual dirigiu curtas, documentários e comerciais. Entre os filmes que produziu, o mais conhecido é *Noites do Sertão*, de Carlos Prates Correia. Por ter se submetido muitas vezes a exigências técnicas (ao trabalhar, por exemplo, com animação em *A Dança dos Bonecos*), Ratton fez questão de inverter o jogo em *Amor & Cia.* "É a câmera que se adequa à cena, minuciosamente planejada em conjunto com os atores. Quis privilegiar o trabalho do meu elenco, ao contrário de muitos filmes recentes, que impõem a câmera como narradora."

E, devagar e sempre, ele pretende acompanhar seu novo filme por quase todos os lugares em que for lançado – para só então, com calma, refletir sobre qual vai ser o próximo enredo que levará às telas. Afinal de contas, "o cinema aconteceu em minha vida pelo imenso prazer que tenho de narrar histórias. A figura do contador de causos é uma coisa muito mineira". E quem melhor do que o próprio Ratton para confirmar essa regra?

Christian Petermann

gary sinise

SELEÇÃO NATURAL

Dividido entre o palco e as telas, o ator Gary Sinise trabalha pouco mas bem

O mundo dá mesmo muitas voltas. Em 1978, Gary Sinise estava começando a fazer nome no teatro quando trabalhou como figurante no suspense *A Fúria*, de Brian De Palma. Duas décadas e dezesseis filmes depois, Sinise volta a trabalhar com De Palma – mas não em uma ponta, e sim como um dos protagonistas do thriller *Olhos de Serpente*, ao lado de Nicolas Cage. "Na verdade", brinca o ator, "Brian nunca esqueceu meu rosto e esperou vinte anos para ter a oportunidade de trabalhar comigo novamente."

Desde que terminou o colegial, Sinise divide seu tempo entre os palcos, a televisão e o cinema – uma carreira coroada com o tenente Dan de *Forrest Gump*, papel que lhe rendeu uma indicação ao Oscar. A exposição conquistada com sua participação em um dos filmes de maior bilheteria do cinema, porém, não fez com que ele aumentasse seu ritmo de trabalho. "Prefiro fazer um filme a cada dezoito meses", conta. Essa escolha se deve em parte ao seu envolvimento com a companhia de teatro Steppenwolf, de Chicago, fundada em 1974 por ele e seus amigos Terry Kinney e Jeff Perry. Ele também quer dedicar mais tempo a seus três filhos, Sophie, McCanna e Ella, fruto do casamento com a atriz Moira Kelly, em 1981. Mas a verdade é que Sinise, que nunca freqüentou um curso de interpretação, só não trabalha mais por falta de boas opções: "Se estivesse recebendo roteiros bons, mas bons de verdade, provavelmente faria mais filmes".

Gary Sinise nasceu em Blue Island, Illinois, em 17 de março de 1955, mas logo se mudou para Highland Park, no mesmo estado. Foi lá que ele teve sua primeira experiência com os palcos, em uma montagem de *West Side Story*. Depois de iniciar a Steppenwolf, o ator passou a trabalhar também nos bastidores, dirigindo peças premiadas, como *True West*, de Sam Shepard – montagem que marcou a estréia da companhia na Broadway, em um espetáculo protagonizado pelo próprio Sinise e por John Malkovich.

DESAFIOS LUXUOSOS Curiosamente, sua carreira nas telas começou na cadeira de diretor, em um par de episódios da série de TV *Crime Story* e no filme *Gritos de Revolta*, com Richard Gere. Sinise começou a atuar no cinema em *Noites Calmas*, de 1991, mas só passou a chamar a atenção de Hollywood no ano seguinte, quando produziu, protagonizou e dirigiu a adaptação da peça *Ratos e Homens*. Daí veio *Forrest Gump*, e o resto é história.

Apesar de trabalhar em grandes projetos hollywoodianos, como *Apollo 13* e *O Preço de um Resgate*, Sinise admite que seus maiores desafios estão na telinha – mais precisamente nas luxuosas produções para a TV a cabo americana. Em 1995, ele ganhou um Globo de Ouro por sua atuação em *Truman*, mas foi em *George Wallace*, exibido ano passado, que encontrou seu papel mais complexo: "*George Wallace* foi meu maior desafio por causa da grandiosidade do tema", afirma. "Foi como estar em uma tragédia shakespeariana." Uma diversão ligeira como *Olhos de Serpente* (*leia mais nesta edição*) seria, portanto, a oportunidade de fechar o círculo entre figurante e protagonista – dois extremos que Gary Sinise conheceu muito bem.

Roberto Sadovski

O QUE eles dizem

"As equipes brasileiras têm uma capacidade formidável de se adaptar. Se um equipamento quebrou ou está em falta, elas sempre conseguem consertá-lo ou achar uma outra solução."
Gale Tattersall, que fez a direção de fotografia do comercial da Nike com a seleção brasileira

"Parabéns. Você se casou com um judeu. Garota esperta."
O entrevistador **Larry King** *para Sharon Stone, agora sra. Phil Bronstein*

"Meu pai e eu vestimos o mesmo número. Passamos horas experimentando roupas juntos."
***Liv Tyler** comenta seu relacionamento muito especial com seu pai, Steven Tyler, vocalista do Aerosmith*

"Meu casamento com Gary hoje parece um filme em preto-e-branco, com legendas em uma língua que eu não sei mais falar."
***Uma Thurman**, que se separou de Gary Oldman em 1992*

"Às vezes você é um filme. Outras, você tem de fingir que é. *Tubarão* é um lado de mim que eu fingi ter. Quando eu o assisto hoje, ele vira meu estômago."
Steven Spielberg

"Eu gostaria que todas essas pessoas que ficam prevendo que vou virar astro me mandassem algum dinheiro: devo ter uns quinze dólares no banco."
Russell Crowe

"Acho que o meu problema é falta de decote."

***Winona Ryder**, que teve de esperar quinze minutos até ser atendida por um barman em Cannes*

"Desmaiei em *A Família Addams*, eliminei um cálculo renal quando era o cinegrafista de *Arizona Nunca Mais* e agora quebrei a mão. Sou filho único, e preciso do máximo possível de atenção – mas, com todos esses atores famosos em volta, esse é o único jeito de consegui-la."
***Barry Sonnenfeld**, que está dirigindo Wild Wild West com Will Smith*

"Ninguém estava mais cheio do Antonio Banderas que o Antonio Banderas."
***Banderas** comenta a superexposição de que foi vítima no passado recente*

"Adoro pernas. Da cintura para baixo, é tudo uma maravilha."
Wesley Snipes

"...E o Vento Levou? Imagine! Nenhum filme sobre a Guerra Civil jamais rendeu um centavo."
Do superprodutor **Irving Thalberg**, *explicando por que não iria produzir o que viria a ser um dos maiores sucessos do cinema*

"No cinema independente, você não pode se dar ao luxo de ter bloqueio criativo."
Steve Buscemi

"Durante anos, me odiei. Eu cobria todos os espelhos da casa."
Christina Ricci

Sygma

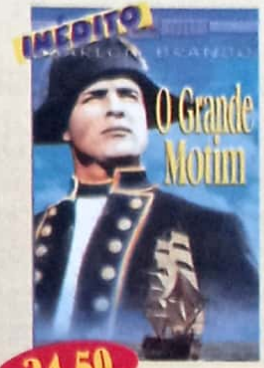
2001 videoteca

MGM/UA HOME VIDEO

LANÇAMENTOS

Preços não estão inclusos o valor do sedex

22,50



24,50

22,50

22,50

22,50 Cada

22,50

Clássicos
Agora mais barato

- *Alta Sociedade
- *2001-Uma odisséia no espaço
- *Amor Sublime Amor
- *Amacord
- *Barco das Ilusões
- *Blade Runner (versão diretor)
- *Cantando na chuva
- *Casablanca
- *Exodus-duplo
- *Da Terra Nascem Os homens
- *O Falcão Maltês
- *Laranja Mecânica
- *O Mágico de OZ(Leg ou Dub)
- *Marujos do Amor
- *Quanto mais quente melhor
- *Um rua chamada pecado
- *Sinfonia em Paris
- *Ben-Hur-duplo
- * O rei dos reis
- * Sete Homens e um destino

Simples R$ 22,50
Duplo R$ 24,50

COLEÇÕES

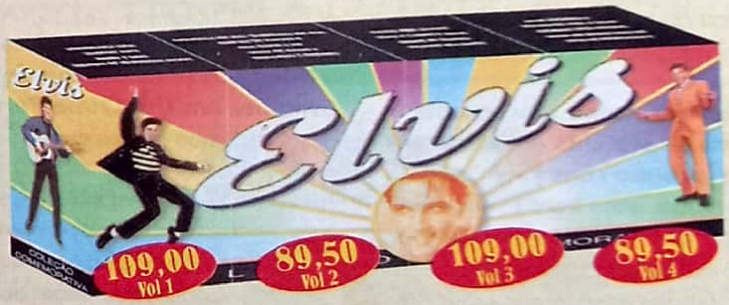
James Bond 007

109,00 Vol 1
89,50 Vol 2
89,50 Vol 3
89,50 Vol 4

CLINT EASTWOOD

109,00 Vol 1
89,50 Vol 2
89,50 Vol 3
89,50 Vol 4
89,50 Vol 5

Elvis



109,00 Vol 1
89,50 Vol 2
109,00 Vol 3
89,50 Vol 4

A PANTERA COR DE ROSA

109,00

Era Uma Vez em Hollywood!

68,00

Rocky

109,00

- Av. Sumaré, 1744
Tel:(011)3872-4912
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite
estacionamento próprio

- Av. Cidade Jardim, 1000
Tel:(011)813-7546
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite
estacionamento próprio

- Av. Paulista,726
Tel:(011)288-4788
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite

RETIRE LISTA DO ACERVO
PELA INTERNET
Ftp://ftp.2001video.com.br/pub
E-mail: 2001@2001video.com.br

2001 videoteca

Enviamos para todo Brasil via sedex - aceitamos todos os cartões de crédito

michael douglas

JOGANDO PARA GANHAR

Ser filho de um astro como Kirk Douglas não é fácil – a não ser que você se chame Michael e seja um osso duro de roer

Bem no começo, ele era só o filho de Kirk Douglas, de quem herdou o inconfundível furinho no queixo. Mas Michael jogou duro para se firmar como produtor (de sucessos como *Um Estranho no Ninho*) e ator. Hoje, aos 53 anos, ele ganhou o jogo: tem respeito e poder, e consegue até melhorar Hitchcock – como no novo *Um Crime Perfeito*, inspirado no enredo de *Disque M para Matar*.

Sua carreira é cheia de papéis ambíguos, como em *Atração Fatal* ou *Wall Street*. Que tal fazer mais um desses em *Um Crime Perfeito*?

Pelo menos este protagonista aqui está se divertindo (*risos*). Esta é a beleza de interpretar um vilão puro e simples: não há dilema moral. E a platéia também adora um cara assim. Estamos todos tão enredados na civilidade e na responsabilidade social que achamos o máximo ver alguém que não se prende a isso. Uma pequena parte de nós diz: "Bem que eu gostaria de poder fazer o mesmo".

O que você, como ator, possui que faz as platéias embarcarem nessa jornada com você, seja como vilão, seja como mocinho?

Acho que elas percebem que, para mim, o mais importante é o filme, não meu papel. Mesmo quando não estou produzindo, me certifico de que todos estão dando o melhor de si. Se o filme não funcionar, o que adianta estar lá? Acho que, nesse departamento, as atrizes é que pecam. Elas se preocupam demais com seus papéis, com o movimento feminista, com decisões políticas, essas coisas. Quando produzi *Um Estranho no Ninho*, por exemplo, cinco atrizes recusaram o papel da enfermeira, porque na época não era politicamente correto fazer uma vilã.

Como surgiu a idéia de refilmar *Disque M para Matar*?

Bem, *não é* uma refilmagem. O próprio Hitchcock já havia se baseado em uma peça. Acho que a Warner prestou um desserviço a este projeto dizendo esse tipo de coisa. Desde o começo tentei calar a boca deles, mas não houve jeito.

Você gosta de Alfred Hitchcock?

Antes de mais nada, não sou um grande cinéfilo. Passo a maior parte do tempo assistindo a eventos esportivos – porque, ao contrário dos filmes, você nunca sabe como eles vão acabar.

Há quanto tempo você conhece Gwyneth Paltrow, que faz sua mulher em *Um Crime Perfeito*?

Desde que ela era pequenininha.

Parece que o pai dela não gostou de vocês fazerem par romântico...

A Gwyneth está fazendo essa história render. Conheço a mãe dela, Blythe Danner – uma das minhas atrizes favoritas –, e o pai dela, Bruce Paltrow, há muito tempo. Acho que para eles, como para a maioria dos pais, é difícil conviver com o sucesso da filha. E é ainda mais difícil receber a notícia que ela vai interpretar a mulher do amigão deles. Bruce me perguntou: "Vocês têm alguma cena de beijo?". Eu disse: "Bruce, eu sou *casado* com ela. Pense bem, você é um profissional". Mas acho que ele não estava se sentindo muito profissional.

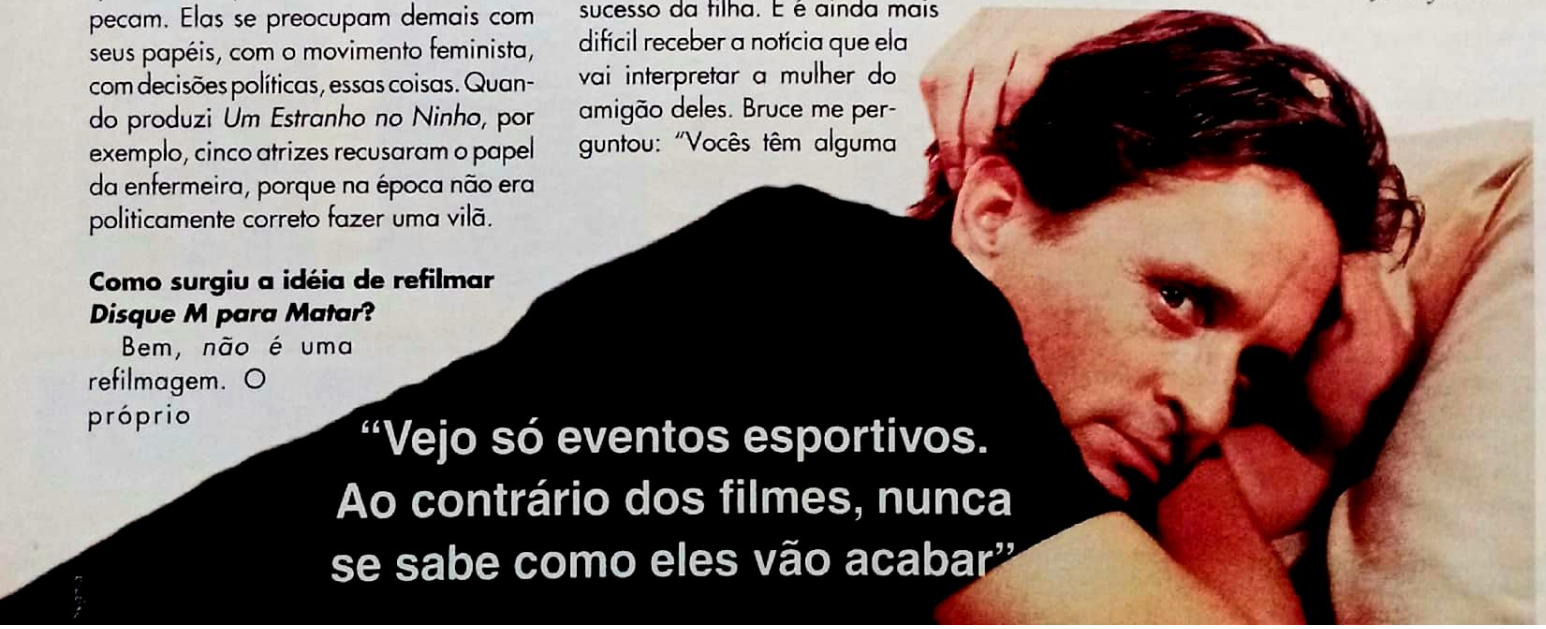
Como era Gwyneth em criança?

Mimada (*risos*).

A cada dia você se parece mais com seu pai. Você também acha?

Acho. Há um mês meu pai me contou que ligara a TV, e que um de seus velhos filmes estava passando, mas ele não se lembrava de tê-lo feito – até que percebeu que o ator era eu, e não ele. Então, sim, vejo muitas semelhanças. Mas uma das vantagens de fazer sucesso por si próprio é que você se sente mais livre. Posso usar os genes de meu pai que me permitem ter expressões e gestos parecidos – mas, quando estava começando e tentando estabelecer minha identidade, eu censurava esses traços em mim. Hoje me sinto mais confortável com eles.

Jenny Peters



"Vejo só eventos esportivos. Ao contrário dos filmes, nunca se sabe como eles vão acabar"

© 1998 Twentieth Century Fox Home Entertainment Inc. Todos os Direitos Reservados. "Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logos são propriedade da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença.

BLOCKBUSTER®

RESERVE AGORA*

A COMPRA DO SEU FILME

UM FILME de JAMES CAMERON

TITANIC

EDIÇÃO TITANIC

OU

EDIÇÃO TITANIC LIMITADA

Contém: Clip da Canção Vencedora do Oscar®, 8 Fotos e Exclusivo Fotograma do Filme em 35mm.

COM SINAL DE APENAS R$ 10,00 E GANHE 1 POSTER + 1 FITA DO MAKING OF**

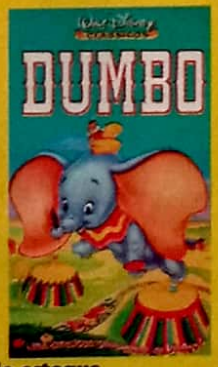
*Promoção válida até a chegada do filme às lojas

**A entrega dos prêmios se dará junto com o filme

SUGESTÕES PARA O DIA DAS CRIANÇAS

ANASTASIA
R$ 22,90
Ganhe
1 Locação Infantil

DUMBO
R$ 19,90



BRANCA DE NEVE E O SETE ANÕES
R$ 22,90

A PRINCESA ENCANTADA E O SEGREDO DO CASTELO
R$ 15,90

A TURMA DA MÔNICA - O ESTRANHO SORO DO DR. X
R$ 15,90

101 DÁLMATAS - O FILME
R$ 14,90

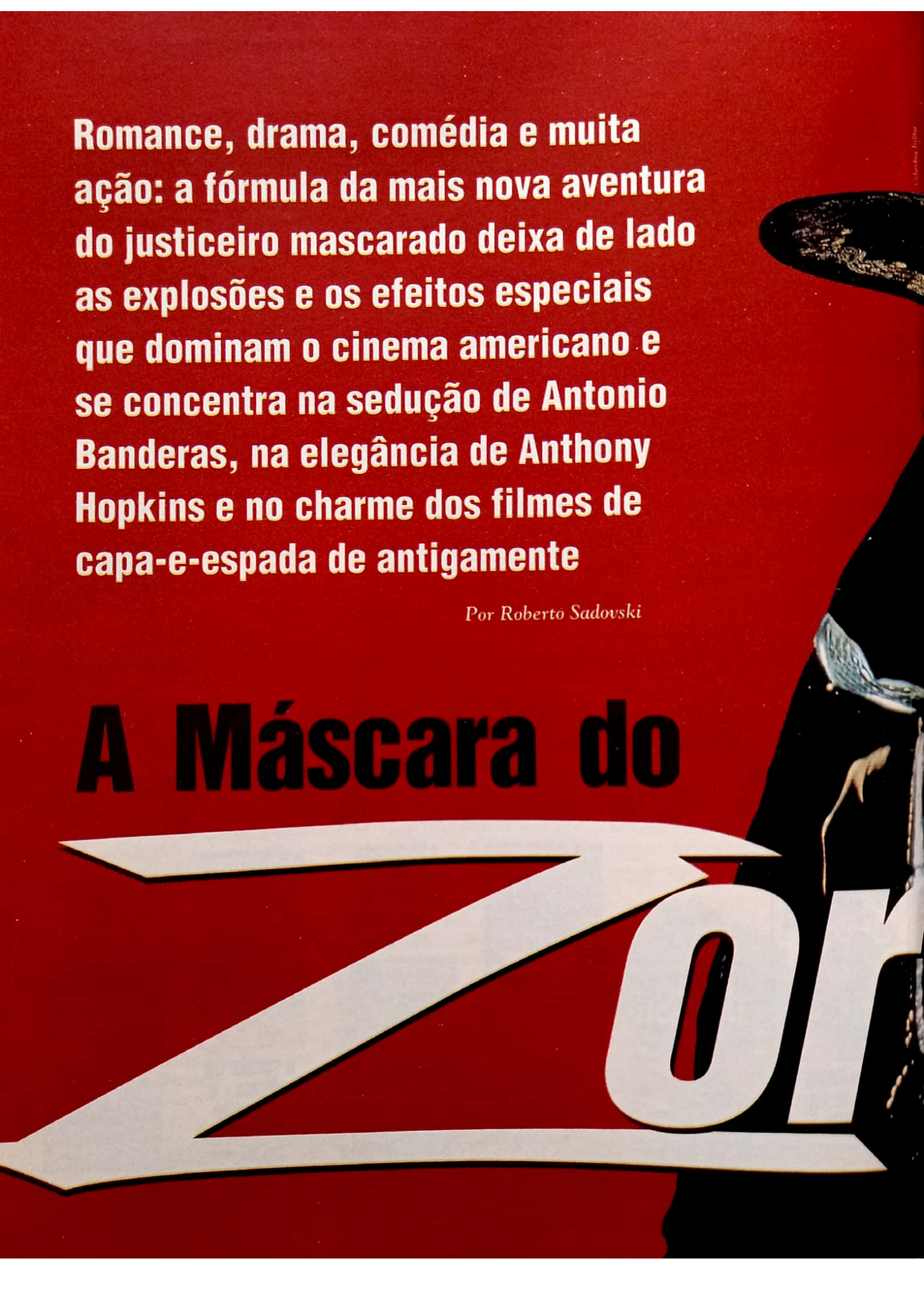
Preços válidos até o final do estoque

CONSULTE A SUA LOJA BLOCKBUSTER NAS SEGUINTES CIDADES SOBRE A DISPONIBILIDADE DO TÍTULO: **Barueri (Alphaville); Belo Horizonte-MG** (3 lojas); **Brasília-DF** (2 lojas); **Campinas-SP; Curitiba-PR** (5 lojas); **Goiânia-Go** (2 lojas); **Guarulhos-SP; Joinvile-SC; Jundiaí-SP; Osasco-SP; Piracicaba-SP; Porto Alegre-RS** (3 lojas); **Ribeirão Preto-SP; Rio de Janeiro-RJ** (5 lojas); **Santo André-SP; Santos-SP; São Caetano do Sul-SP; São Bernardo do Campo-SP; São José dos Campos-SP; São Paulo-SP** (26 lojas).

Romance, drama, comédia e muita ação: a fórmula da mais nova aventura do justiceiro mascarado deixa de lado as explosões e os efeitos especiais que dominam o cinema americano e se concentra na sedução de Antonio Banderas, na elegância de Anthony Hopkins e no charme dos filmes de capa-e-espada de antigamente

Por Roberto Sadovski

A Máscara do Zorro



Para uma platéia habituada a testemunhar invasões alienígenas e destruição em escala planetária cada vez que vai ao cinema, um filme como *A Máscara do Zorro* parece uma anomalia. Mas não deveria parecer. Esta nova aventura, produzida por Steven Spielberg e dirigida pelo mesmo Martin Campbell de *007 Contra Goldeneye*, é perfeita para embalar uma tarde descontraída. *Zorro* é, na verdade, um filme de capa-e-espada feito nos moldes de antigamente, mas colocado na rotação acelerada dos anos 90.

Apostando mais no carisma dos personagens e menos na pirotecnia – a única grande explosão só acontece no final –, *A Máscara do Zorro* foi um dos únicos filmes desta temporada a escapar da artilharia pesada da crítica americana, que fulminou impiedosamente superproduções como *Godzilla* e *Armageddon*. Mesmo sem ter atingido a marca dos 100 milhões de dólares nas bilheterias dos Estados Unidos – que separa os filmes apenas bem-sucedidos dos arrasa-quarteirões –, *A Máscara do Zorro* foi uma ótima surpresa para o público mais interessado numa boa aventura do que em campanhas de marketing milionárias.

PASSANDO DE MÃO EM MÃO

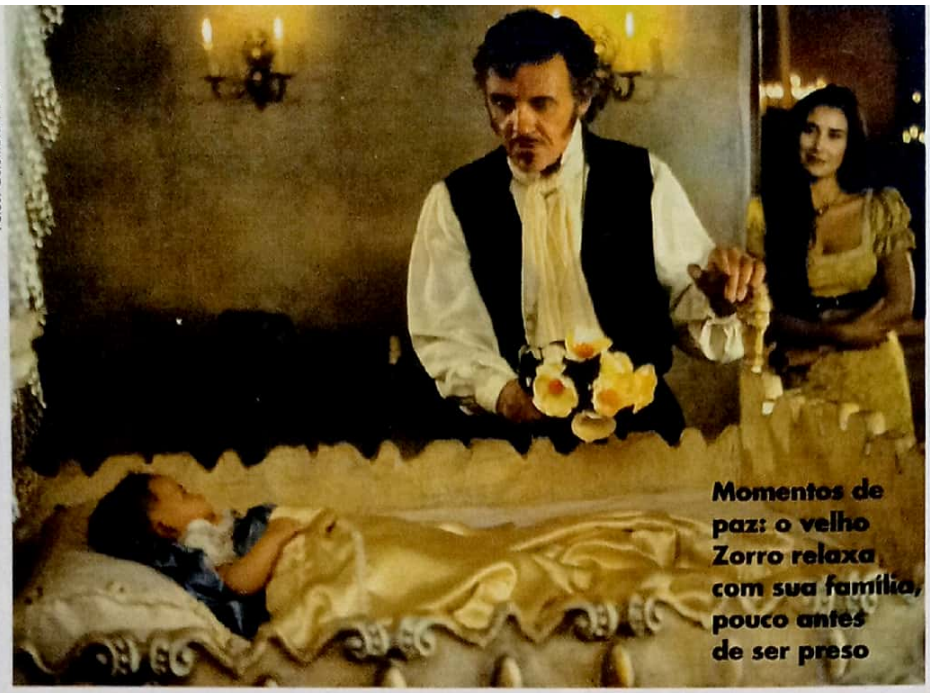
A idéia de levar um novo *Zorro* para as telas surgiu em 1992, quando Steven Spielberg filmava *A Lista de Schindler*. Sua produtora, a Amblin, havia adquirido os direitos do personagem, e o cineasta decidiu que ele próprio iria dirigir a aventura. Mas Spielberg estava bastante ocupado em criar seu próprio estúdio, o DreamWorks, e preferiu passar à posição de produtor, deixando o filme nas mãos de Robert Rodriguez, que se tornara famoso com *El Mariachi* (a produção que entrou para a história por ter custado apenas 7 mil dólares) e havia feito *A Balada do Pistoleiro* com Antonio Banderas.

O astro espanhol, por sinal, foi desde o início a única opção dos produtores para viver o misterioso herói mascarado – e topou na hora. Mas, cada vez que se anunciava o início das filmagens, algum problema terminava por adiá-las e esfriar o ânimo do ator. "Eu já estava me preparando para voltar aos Estados Unidos e começar o filme", lembra Banderas, "quando Robert me ligou e disse que o orçamento havia ficado bem abaixo do que ele esperava."

O pior veio horas depois: Rodriguez ligou novamente para Banderas e anunciou que estava fora do projeto – mas encorajou o amigo a seguir em frente. Na verdade, os produtores de *A Máscara do Zorro* já vislumbravam que a aventura tinha tudo para se tornar uma série muito lucrativa, e temiam que Rodriguez o transformasse numa paródia amalucada ao estilo de *Um Drink no Inferno*. Assim, a pressão com o orçamento e as "diferenças criativas" divulgadas na imprensa foram uma saída elegante para o impasse.

No lugar de Rodriguez, Spielberg escalou Martin Campbell – um cineasta que, embora não se destaque pela inventividade, acabara de dar uma nova vida a um dos heróis mais famosos do cinema com *007 Contra Goldeneye*. Felizmente, a química entre o novo diretor e o astro foi imediata. "Não sei se o *Zorro* de Robert Rodriguez seria melhor ou →

Fotos: Columbia TriStar



Momentos de paz: o velho Zorro relaxa com sua família, pouco antes de ser preso

pior que o filme de Martin, mas certamente seria diferente", afirma Banderas. "Robert faria um filme mais autoral, mais ao estilo de Tarantino. Martin, porém, criou uma aventura inesquecível."

A MARCA DE DOUGLAS Zorro, o personagem, foi criado em 1919 pelo repórter policial Johnston McCulley, que publicou a história "The Curse of Capistrano" na revista *All Story Weekly*. Um de seus leitores era o ator Douglas Fairbanks, que comprou os direitos de adaptação para as telas e, no ano seguinte, protagonizou o clássico *A Marca do Zorro*. Foi o próprio astro quem criou algumas das marcas registradas do personagem, como a máscara e a capa preta, o esconderijo e a marca do "Z". McCulley achou as idéias tão geniais que as incorporou em sua série seguinte de aventuras do herói, *The Further Adventures of Zorro*, publicadas em 1922.

Mas *A Máscara do Zorro* não segue à risca a história clássica do personagem. No começo do novo filme, o aristocrata Don Diego de La Vega já está sentindo o peso da idade, mas ainda assim assume sempre que necessário a identidade do justiceiro mascarado. Um exímio espadachim, ele combate o vilanesco Don Rafael Montero (Stuart Wilson), o governador indicado pela Espanha para a província da Alta Califórnia. Depois de salvar camponeses inocentes da morte certa, Don Diego é desmascarado por Montero, que mata sua mulher, leva sua filhinha para ser criada na Espanha e deixa o velho Zorro apodrecendo na cadeia.

Vinte anos depois, Montero volta à América com novos planos de conquista. Ele vem acompanhado da jovem Elena – que pensa ser filha do tirano e desconhece que seu pai é o herói Don Diego. Furioso, ele foge da prisão e se torna o mentor do ladrão Alejandro Murrieta, um espadachim nato, que é treinado para se transformar no novo Zorro.

Para aprender a usar a e com a ajuda do ex-at veterano espadachim d

CHICOTADAS NO TRASEIRO Tendo Antonio Banderas no papel do jovem Zorro e a belíssima Catherine Zeta-Jones (*leia texto na página seguinte*) como Elena, os produtores trataram de buscar alguém que tivesse porte para interpretar o lendário Don Diego de La Vega – e encontraram o ator ideal em Anthony Hopkins. "Eu não conhecia quase nada do personagem", conta Hopkins. "Meu agente me ligou e disse que haviam me oferecido um papel em *A Máscara do Zorro*. Perguntei se eu faria o vilão, e ele disse que não – eu seria o próprio Zorro! Não entendi nada, mas, quando li o roteiro, aceitei na hora." Para quem está acostumado a ver o ator inglês em papéis mais sisudos, o próprio Hopkins dá o recado: "Não sou esse sujeito sério. Não sou o homem de

O homem das espadas

Para assumir o treinamento de Antonio Banderas, Anthony Hopkins e Catherine Zeta-Jones com a espada, os produtores do novo *Zorro* foram atrás do melhor: Bob Anderson. Aos 75 anos, o ex-atleta e ex-preparador olímpico Anderson já trabalhou nos bastidores de mais de cem filmes e ajudou atores de várias gerações, de Douglas Fairbanks Jr. a Charlie Sheen. Sua primeira participação no cinema foi em *Minha Espada, Minha Lei*, de 1953, no qual ele treinou, dublou e lutou com o astro Errol Flynn.

Mas o veterano espadachim admite que *A Máscara do Zorro* representou seu maior desafio: ele coreografou uma dúzia de lutas envolvendo desde duas pessoas até dezessete participantes. Mesmo assim, Anderson teve um prazer especial em trabalhar com Banderas – segundo ele um espadachim nato, com um talento maior que o de Errol Flynn. "Bastou este filme para me convencer que ninguém é melhor que Antonio."

…pada, Banderas e Hopkins contaram …ta olímpico Bob Anderson, …filmes de Errol Flynn

Vestígios do Dia. Não sou Picasso. Eu gosto de filmes de ação".

E ação foi justamente o ingrediente que não faltou no set de *A Máscara do Zorro*. Para entrar no espírito do filme, tanto Banderas quanto Hopkins tiveram de trabalhar duro para manusear a espada e o chicote. Eles contaram com o apoio do veterano coreógrafo Bob Anderson (*leia texto à esquerda*), que participou dos filmes de capa-e-espada de Errol Flynn e vestiu o uniforme do sinistro Darth Vader durante os combates com o sabre de luz nos dois últimos filmes da trilogia *Guerra nas Estrelas*.

Para Banderas, aprender a lutar com a espada não foi importante apenas para o aspecto técnico do filme, mas também para a →

Todos os Zorros

As voltas que o herói deu pelo mundo do entretenimento

A ORIGEM Zorro (em espanhol, raposa) foi criado por Johnston McCulley, um repórter policial. Em 1919, foi impressa "The Curse of Capistrano", a primeira história dos quase oitenta livros com o personagem.

FILMES Quem definiu as marcas registradas do justiceiro – a espada, o chicote, a máscara, o Z – foi o ator Douglas Fairbanks Jr., nos mudos *A Marca do Zorro* (1920) e *O Filho do Zorro* (1925). A produção original foi refilmada com Tyrone Power em 1940 e com Frank Langella, para a TV, em 1974. Entre 1951 e 1974, vários filmes foram realizados na Europa – o melhor foi *Zorro*, com Alain Delon, em 1975. Em 1981, George Hamilton protagonizou a sátira *As Duas Faces de Zorro*.

SERIADOS DE CINEMA Em 1937, a Republic lançou o herói em um seriado com episódios de vinte minutos, exibidos semanalmente nos cinemas. Nos cinco anos seguintes, foram realizados outros quatro seriados, com destaque para *A Legião do Zorro*, de 1939.

TELESSÉRIES No começo dos anos 50, Zorro ganhou sua primeira versão televisiva, com Clayton Moore (os primeiros 78 episódios) e John Hart. Em 1958, a Disney lançaria a versão mais famosa de Zorro, com Guy Williams: 78 episódios em dois anos, ainda hoje exibidos pela Record. O canal pago Fox está exibindo a mais nova telessérie, uma coprodução EUA/França/Itália.

DESENHOS A CBS americana produziu a primeira série animada do personagem, *As Novas Aventuras de Zorro*, entre 1981 e 1983. Já a Warner atualizou a fórmula com novas técnicas de animação e cores vibrantes: *Zorro* começou a ser produzido no ano passado – há cinco fitas de vídeo, com duas histórias cada, nas locadoras.

Fotos: Columbia TriStar

Trabalho duro: Don Diego ensina a Alejandro a arte de duelar

composição do personagem. O astro explica que a habilidade com esse tipo de arma não depende de força: o segredo está no pensamento estratégico e no autocontrole. Mesmo assim, ele admite que seus primeiros dias como espadachim foram uma bagunça total: "A gente acha que é só segurar a espada e atacar o outro sujeito, e acaba se dando mal".

"Se dar mal", no caso, é voltar para o hotel coberto de arranhões. "Não dá para sair impune", jura Banderas. "Mas pelo menos não perdi nenhum dedo." Os dedos ficaram, mas o astro ganhou uma cicatriz feia na mão, herança da cena em que Alejandro tenta roubar um cavalo e tem de enfrentar mais de vinte soldados. "Os sujeitos apareciam de todos os lugares, mas estava tudo muito bem coreografado. Só que, depois de filmar durante sete horas, o cansaço toma conta e você começa a perder o foco – e a errar o alvo!"

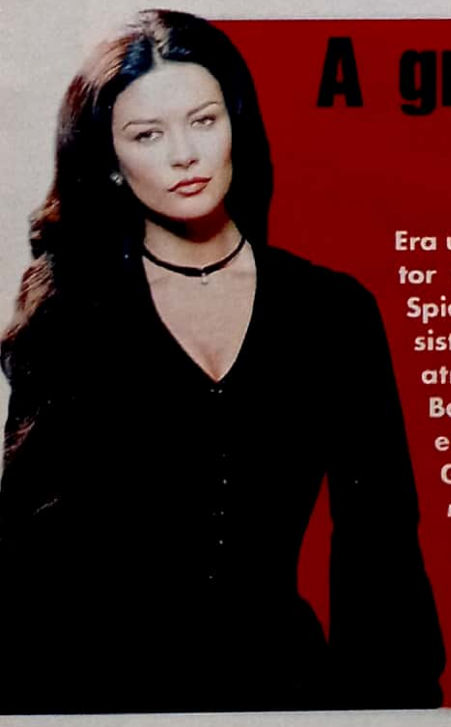
Apesar dos riscos, Banderas fez questão de fazer ele mesmo todas as cenas de lutas. "Ninguém punha a mão na minha espada", diz, explicando que, depois de treinar tanto, não deixaria nenhuma companhia de seguros roubar dele esse prazer. Na verdade, a única cena em que Banderas preferiu passar a vez ao dublê foi a perseguição de cavalos, realizada por um malabarista que faz

Apesar dos riscos, Bande todas as suas cenas de dublês – o que lhe rendeu

shows em Las Vegas. "Acho que ninguém mais no mundo seria capaz de fazer o que aquele sujeito fez", conta. "Ele caía, se arrebentava todo e estava cheio de hematomas, mas rodou tudo durante uma semana inteira, sem reclamar." Hopkins, por sua vez, saiu ileso: "Antonio não me atingiu com a espada – mas eu estalei o chicote em seu traseiro".

Catherine Zeta-Jones também deixou sua "marca" no astro – mas não com espadas. "Estávamos ensaiando a cena da dança por horas, e eu já estava bastante cansada", lembra a atriz. "Foi quando segurei o pescoço de Antonio de mau jeito, e meu anel arrancou um naco de carne de sua nuca."

COMO UMA PARTIDA DE FUTEBOL Embora Anthony Hopkins admita nunca ter sido fã do Zorro, o mesmo não pode ser dito de Antonio Banderas. Para ele, interpretar o personagem foi uma volta à infância: "Me vi novamente em Málaga,



A grande virada de catherine zeta-jones

Era uma noite de domingo, e o produtor de *A Máscara do Zorro*, Steven Spielberg, como qualquer mortal, assistia à TV – mas sua cabeça estava na atriz que faria par com Antonio Banderas. O diretor Martin Campbell estava indeciso entre Judith Godrèche (de *O Homem da Máscara de Ferro*) e Izabella Scorupco (uma das bondgirls de *007 Contra Goldeneye*), mas Steven ainda não estava satisfeito. Foi quando colocou os olhos na televisão e deu de cara com Catherine Zeta-Jones, que fazia um papel na minissérie *Titanic*. Touché!

Apesar do jeitão latino, Catherine é galesa e faz sucesso nas ilhas britânicas desde os dezenove anos. Hoje, aos 28, ela recomeça a carreira depois de ter sido alvo dos tablóides ingleses, que não perdoaram suas até então fracassadas tentativas de se dar bem na América – em filmes como *O Fantasma* – e decretaram o fim de seu talento. Agora, com o sucesso de *Zorro* e a aventura *Entrapment* (com Sean Connery) na agulha, Catherine prova que quem ri por último... bem, você sabe o resto.

ras fez questão de rodar luta sem a ajuda de uns bons arranhões

quando eu e meus amigos víamos *Zorro* no cinema domingo de manhã, batendo os pés no chão e gritando como se estivéssemos em uma partida de futebol". Ele não esconde o orgulho de ser o primeiro ator de origem latina a fazer o único herói espanhol popularizado por Hollywood. "Não cheguei a ficar intimidado em assumir o papel de uma lenda", diz Banderas. "Mas, no primeiro dia, quando coloquei a máscara, a capa e me olhei no espelho, pensei na grandiosidade de tudo aquilo. Foi uma sensação bem estranha."

Para conferir ainda mais autenticidade à história do herói, *A Máscara do Zorro* não foi rodado →

crítica

Ação e humor à moda antiga

A Máscara do Zorro agrada com uma história simples e divertida

Como é que uma coisa tão antiga quanto o Zorro pode ter sabor de coisa nova? Podendo, ora. Gênero dos mais populares até os anos 40, o capa-e-espada desde então volta apenas esporadicamente à tela – e, nas incursões mais recentes, não passa de uma pálida lembrança das aventuras que, protagonizadas por astros como Errol Flynn, animavam o público. Basta pensar em dois exemplos – *Os Três Mosqueteiros*, com Charlie Sheen, e *O Homem da Máscara de Ferro*, com Leonardo DiCaprio – para perceber que a fórmula andava meio cansada.

Mas não em *A Máscara do Zorro*. Equilibrando humor, drama, romance e ação – muita ação – em proporções corretas, o filme ajuda a entender por que o capa-e-espada, assim como o faroeste, era um daqueles gêneros completos que marcaram a aurora do cinema. Que ninguém pense, porém, estar diante de um filme cerebral e cheio de referências históricas. O novo *Zorro* é diversão pura, daquele tipo que só acontece quando todas as decisões certas foram tomadas.

A primeira delas é a escolha de Anthony Hopkins para viver o nobre Don Diego de La Vega, que nas horas vagas rasga com sua espada afiada as roupas dos empoados tiranos espanhóis que ocupam a província da Califórnia – e vez por outra lhes tira o sangue também. Com sua voz sublime, sua dignidade a toda prova e seu humor ferino, Hopkins emana vigor e experiência. É um contraponto delicioso à juventude de Antonio Banderas – que, aliás, é a segunda ótima sacada do filme.

Desde que deixou a Espanha para filmar nos EUA Banderas não se envolvia em um projeto capaz de mostrar em tão boa luz suas qualidades. É um alívio saber que elas ainda estão todas lá: no papel de Alejandro Murrieta, o jovem ladrão que Don Diego treina para lhe suceder, o ator espanhol é impetuoso, engraçado e passional – características que refletem à perfeição aquelas de sua amada, Elena, interpretada pela ótima surpresa Catherine Zeta-Jones. Atenção à cena em que os dois causam escândalo dançando juntos – é de uma canastrice irresistível.

Se há um ponto fraco em *A Máscara do Zorro*, são os vilões: nenhum deles tem carisma suficiente para convencer a platéia, erro sério em um filme que trata de mocinhos e bandidos. Mas é uma falha amplamente compensada pela exuberante ação física do filme – que depende muito mais da energia dos dublês que de efeitos computador – e pela alegria com que o elenco encara o trabalho.

Isabela Boscov

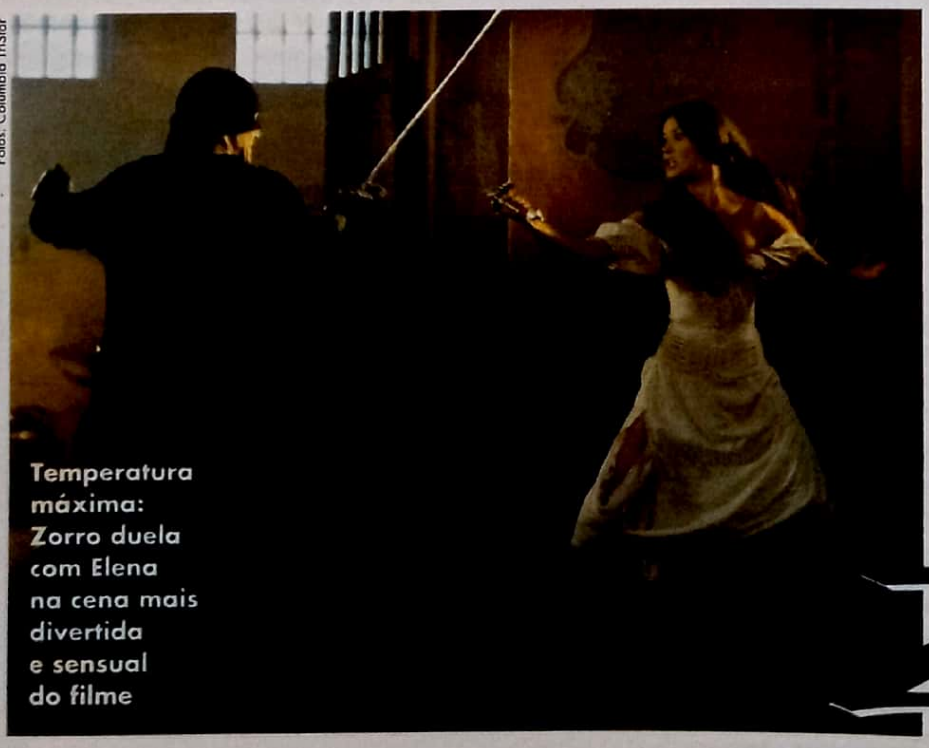
(The Mask of Zorro, EUA, 1998) ***Direção:*** *Martin Campbell.* ***Com*** *Antonio Banderas, Anthony Hopkins, Catherine Zeta-Jones, Stuart Wilson, Matt Letscher, Jose Perez, Victor Rivers. 136 min.*

"Filmar no México foi fundamental", disse Banderas. "Você tem de ver a cultura e provar a comida para entrar no clima"

em algum estúdio de Los Angeles, e sim em um vilarejo mexicano chamado Tula, onde a produção ergueu os cenários da Califórnia do século passado. "Filmar no México foi fundamental", afirma Banderas. "Você tem de estar lá para entrar no clima. Ver os mariachi cantando em cada esquina, a cultura, as cores, provar a comida, sentir a atmosfera... Tudo isso está no filme." O único revés foi o assédio furioso da imprensa mexicana, que inventou os boatos mais absurdos sobre o astro – o mais notório deles dizia que Banderas estaria importando água mineral para tomar banho, com medo que a água mexicana lhe causasse queda de cabelos.

CRIANÇAS DE QUARENTA ANOS Apesar de ainda ser cedo para falar em uma continuação para *A Máscara do Zorro*, Antonio Banderas não descarta essa possibilidade – contanto que o diretor Martin Campbell estivesse novamente no comando e que (lógico) o segundo filme apresentasse um roteiro tão bom quanto o do primeiro. Mas o próprio ator admite não saber se este é o momento ideal para a volta do herói, ou mesmo se existe espaço para um série cinematográfica que dispense a pirotecnia em favor dos personagens.

"As crianças estão mais preocupadas com brinquedos eletrônicos e computadores", diz. "Não sei se vão aceitar uma aventura assim, como as que eram feitas nos anos 40 ou 50." Ele pensa um pouco e completa: "Acho que *A Máscara do Zorro* vai atrair é as crianças de quarenta ou cinquenta anos". Exagero. O filme é o programa ideal para qualquer pessoa interessada em entrar no túnel do tempo e lembrar de uma época em que Hollywood – e a vida – era bem mais simples. E divertida. ■



Fotos: Columbia TriStar

Temperatura máxima: Zorro duela com Elena na cena mais divertida e sensual do filme

Esta Princesa já chegou na Jointvideo.

Angélica Canta e Dubla esta Maravilhosa História.

A Princesa Encantada e o Segredo do Castelo

JÁ A VENDA

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290-0811

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

Copyright © 1997 SWAN II, LLC. ALL RIGHTS RESERVED

anthony hopkins

MATAD

A versatilidade e a inteligência o tornaram um astro, mas ele é fácil". Nós completamos: só para quem sabe arrancar a al

O cinema rendeu poucos desses atores capazes de, a cada papel, se transformarem em uma pessoa completamente diferente. O jovem Robert De Niro era assim, Laurence Olivier sempre foi assim. E Anthony Hopkins também, embora pouca gente se desse conta de suas impressionantes metamorfoses até vê-lo como o terrível e irresistível Hannibal "O Canibal" Lecter de *O Silêncio dos Inocentes*. Não é que Hopkins fosse um ator menos genial até contracenar com Jodie Foster naquele que foi o filme mais comentado de 1991; é que, quando ele não estava desperdiçando seu carisma em produções americanas para a televisão, estava morrendo de tédio nos palcos ingleses, para os quais jura que nunca mais vai voltar.

O sucesso de *O Silêncio dos Inocentes* e o Oscar que ganhou pelo filme, porém, mudaram sua vida. Hoje, aos sessenta anos, este galês pouco sociável – ele confessa preferir a companhia dos cidadãos anônimos que conhece em suas longas viagens de carro pelos Estados Unidos à de outros atores e diretores – é reconhecido como a melhor aquisição de Hollywood na última década.

Versátil a ponto de interpretar figuras históricas tão diversas quanto o presidente americano Richard Nixon e o pintor espanhol Pablo Picasso (e sem criar entre eles nenhuma semelhança mais embaraçosa), prático ao extremo de se desentender com diretores que gostam de repetir várias vezes a mesma cena (ele até já fugiu de um set pela janela do banheiro para não continuar uma briga) e dono de uma técnica tão apurada que lhe permite convencer como idoso, jovem, reprimido ou diabólico, Hopkins é um verdadeiro matador, um intérprete que sabe arrancar a alma de qualquer papel. A única coisa que seus personagens têm em comum é a inteligência eletrizante de seus olhos azuis – a qual ele acaba de emprestar à nova aventura *A Máscara do Zorro*, no papel não do vilão ou do Sargento Garcia, mas do próprio justiceiro mascarado.

Curiosamente, Hopkins gosta de fazer pouco de seu imensurável talento: ele acha que representar é uma coisa muito simples – bem, para ele deve ser mesmo – e que nenhum ator deveria se dar muita importância. A seguir, o astro diz por que não quer mais saber de Shakespeare, embora ele seja "um escritor muito bom", descreve as sensações que o levam a rodar os Estados Unidos de ponta a ponta e explica por que, em seu caso, querer mais da vida seria "imoral".

Seus dois últimos trabalhos – *No Limite* e agora *A Máscara do Zorro* – têm ação física aos montes. Por que essa novidade? Você não costuma ser associado a esse tipo de filme.

Mas é o que eu sempre quis fazer.

Opa, isso é uma surpresa.

Bem, não era uma coisa consciente. Nunca penso no amanhã. Se estou filmando *O Silêncio dos Inocentes* ou *Vestígios do Dia*, não penso no que farei no ano seguinte, só no aqui e agora. Quando me perguntam quais os papéis que eu sonharia fazer, só sei sonhar para trás. Os papéis que fiz são os que gostaria de fazer, se tivesse sonhado com eles – entende o que eu digo?

O diretor Richard Attenborough disse certa vez que você muda a postura de seus personagens – e, de fato, em *Zorro* você se comporta como um matador.

Richard Attenborough disse isso?

Disse. O que você fez para "encarnar" Zorro dessa forma?

Em qualquer papel, você tem de conseguir o verdadeiro relaxamento físico. É uma coisa simples e prática, um processo que iniciei alguns anos atrás. Digamos →

OR

garante: "Ser ator
ma de um personagem

Texto por Isabela Boscov
Entrevista por Bud Winter

anthony hopkins

"Meus pais tentaram me dar uma boa educação, mas eu era meio burro, ou idiota, ou sei lá o quê"

que eu vá começar um novo filme em dois meses. O que faço é estudar o roteiro todinho e aprender meu papel de trás para a frente antes mesmo que comecem aquelas preliminares, como provar os figurinos. Quando chega o primeiro dia de filmagem, sei que tenho de me levantar, tomar café da manhã, entrar no carro, ser maquiado, contar umas duas piadas e pôr a máscara do Zorro. No momento em que entro no set, estou pronto para ensaiar de forma totalmente relaxada – e, antes que eu me dê conta, meu corpo começa a tomar outra forma.

A improvisação é importante no seu método de trabalho?

Não, ou pelo menos não naquele sentido que o Actors Studio (*a escola que formou atores como Marlon Brando, Paul Newman e Dustin Hoffman*) deu à palavra. Acho que Brando sabia usar o naturalismo de forma excepcional, mas muitos atores se prejudicaram ao tentar imitá-lo. O que eu aprendi é: saiba suas falas, diga suas falas, e trate de manter um certo frescor *dentro dessa estrutura*. Faça com que aquilo pareça estar acontecendo pela primeira vez – e a única forma de obter isso é ouvir o que o seu parceiro de cena está dizendo. Se você ouve, suas reações são quase automáticas e subconscientes.

Quem o vê hoje, neste ponto de sua carreira, tem a impressão de que você está se divertindo como nunca. Está mesmo?

Estou. Todos os dias acordo e agradeço a Deus. Outro dia alguém me perguntou se eu imaginava que um garoto do País de Gales como eu teria chegado até aqui. Eu disse que não, não imaginava isso, mas a vida é tão... Tenho a impressão de que ou já estivemos aqui antes ou, ainda na infância, temos uma visão de qual será nosso futuro, e começamos a sonhar para trás.

Você acabou de rodar um filme com Brad Pitt, não é?

É. Chama-se *Meet Joe Black*. Faço um homem de negócios que é chamado pela morte – na forma de Brad Pitt. Mas ele decide ficar comigo por três dias antes de me levar, porque quer aprender sobre este mundo – e acaba se apaixonando por uma de minhas filhas. É um filme sensacional. Ainda bem que estou nele. Foi como quando contracenei com Jodie Foster. Eu estava em Londres, trabalhando no teatro havia anos e anos e anos, e estava morto de tédio. Eu não agüentava mais Shakespeare (*risos*) – um escritor maravilhoso, muito bom mesmo, mas eu não suportava mais fazer aquilo noite após noite e estava enlouquecendo. E um dia meu agente me ligou dizendo que estava me mandando um roteiro magnífico. "Como se chama ele?", perguntei. "*O Silêncio dos Inocentes*", ele disse. Achei que era uma história infantil (*risos*). Depois de ler o script e saber que Jodie estava no projeto, mal pude acreditar que iria fazê-lo. Terminei aquela peça no dia 14 de outubro de 1989 e fui para os Estados Unidos. Quando me vi cruzando o estado de Idaho de carro – eu ainda tinha algumas semanas antes de as filmagens começarem – senti uma euforia sem igual. Cinco dias antes, quem poderia dizer que naquela data eu estaria ali, no meio de Idaho? Isso é o que há de mágico na vida.

Toda vez que leio sobre você, há uma menção a viajar de carro.

É verdade. Às vezes acordo e penso, acho que hoje vou para o Canadá, ou talvez para... o Nordeste. Já viajei de carro por todos os Estados Unidos.

Sozinho ou acompanhado?

Sozinho.

Você é uma pessoa inquieta?

Sou. Estou sempre pronto para ir embora, para partir para outra. O que me torna meio impaciente. É difícil trabalhar com diretores que gostam de fazer montes de tomadas da mesma cena. Quatro tomadas é tudo o que eu tenho a dar. Daí para a frente, as coisas começam a ficar rançosas.

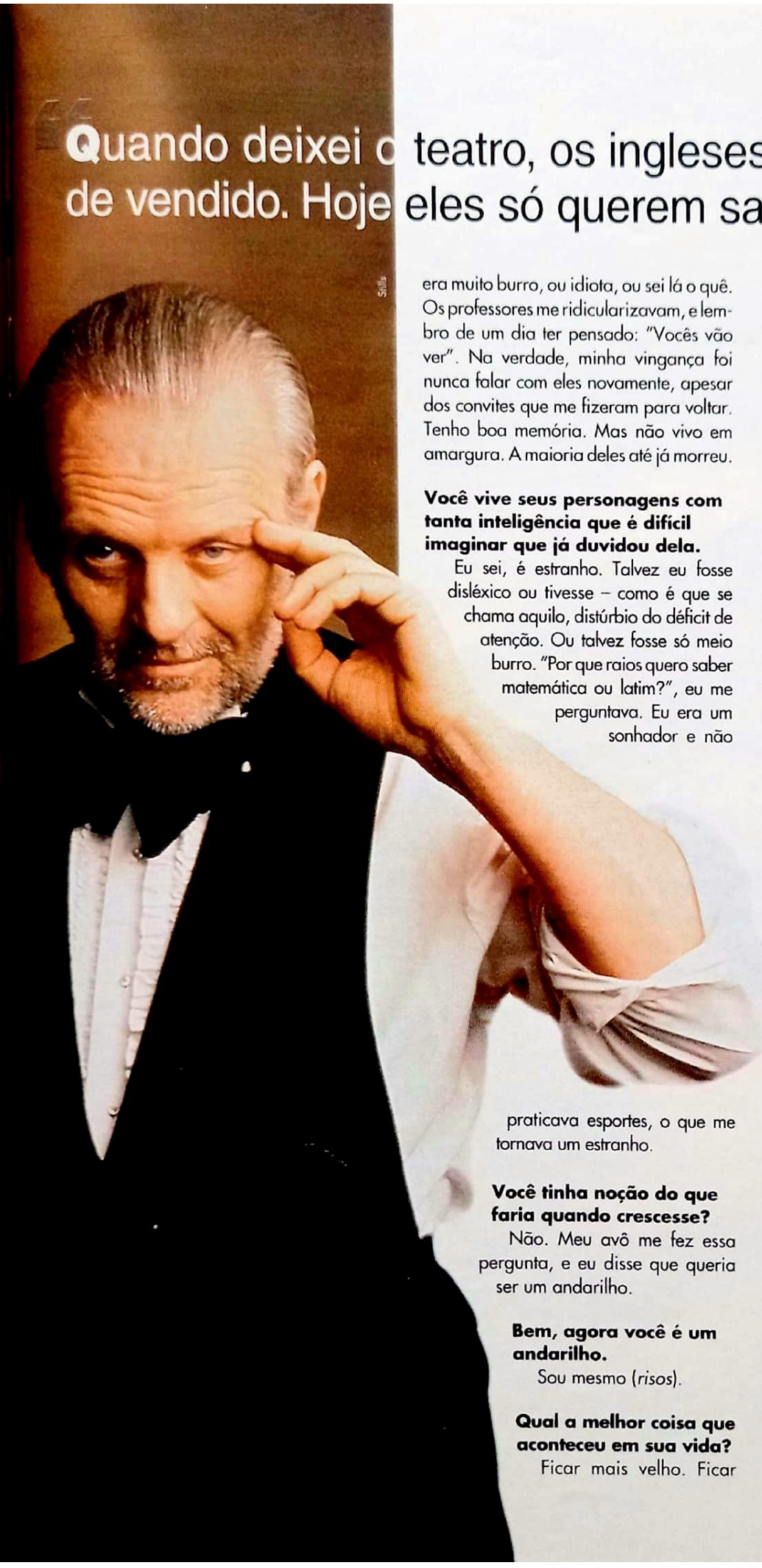
Para que servem essas viagens? Para você se "encontrar"?

Não, eu já me encontrei. Gosto é da aventura, do sabor de novidade, de acordar num hotel e partir não sei para onde. Às vezes estou sentado num café, alguém vem e pergunta se não me conhece de algum lugar – "Você não é o Hannibal Lecter de *O Silêncio dos Inocentes*? O que você está fazendo aqui?". Uns dois anos atrás eu estava hospedado num motel em Yakima, Washington, e um casal começou a me olhar daquele jeito – até que eles me convidaram para sentar à mesa com eles, e depois tiramos fotos juntos. O mesmo aconteceu no parque Yellowstone – uma família ótima, do Texas, que depois me mandou as fotos. Conheço gente do país inteiro assim. Adoro conhecer pessoas, e adoro a América.

Você disse certa vez sobre seu sucesso que gostaria de dançar sobre o túmulo das pessoas que o haviam feito infeliz. Parece que sua infância não foi das melhores, não?

Eu era filho único, e tive uma infância ótima. Só na escola fui infeliz. Eu não sabia do que aquele pessoal estava falando e me sentia excluído. Meus pais tentaram me dar uma boa educação, mas eu

“Quando deixei o teatro, os ingleses me chamavam de vendido. Hoje eles só querem saber de cinema”



era muito burro, ou idiota, ou sei lá o quê. Os professores me ridicularizavam, e lembro de um dia ter pensado: "Vocês vão ver". Na verdade, minha vingança foi nunca falar com eles novamente, apesar dos convites que me fizeram para voltar. Tenho boa memória. Mas não vivo em amargura. A maioria deles até já morreu.

Você vive seus personagens com tanta inteligência que é difícil imaginar que já duvidou dela.

Eu sei, é estranho. Talvez eu fosse disléxico ou tivesse – como é que se chama aquilo, distúrbio do déficit de atenção. Ou talvez fosse só meio burro. "Por que raios quero saber matemática ou latim?", eu me perguntava. Eu era um sonhador e não praticava esportes, o que me tornava um estranho.

Você tinha noção do que faria quando crescesse?

Não. Meu avô me fez essa pergunta, e eu disse que queria ser um andarilho.

Bem, agora você é um andarilho.

Sou mesmo (*risos*).

Qual a melhor coisa que aconteceu em sua vida?

Ficar mais velho. Ficar mais sábio. Relaxar e não dar tanta importância às coisas.

Você pretende voltar à direção (*ele dirigiu a produção para TV Dylan Thomas: Return Journey, em 1990, e o filme August, em 1996*)?

Nãããão. Já existem bons diretores demais por aí.

Ouvi dizer que certo dia, durante a apresentação de uma peça, você deu uma senhora bronca em um espectador que estava entrando atrasado.

Foi em Nova York, muito tempo atrás. Uma atitude estúpida. Mas não era um atrasado, eram uns vinte, falando no meio da peça. Então parei e disse que, quando eles se sentissem prontos, talvez pudéssemos recomeçar. E ficaram todos com aquela cara de um animal surpreendido pelos faróis de um carro (*risos*).

Você se vê fazendo algo semelhante hoje?

Não – até porque não tenho a menor intenção de voltar ao teatro.

Por que trocar a Grã-Bretanha por Los Angeles?

Por causa do tempo. Adoro o clima aqui, e aqui é onde se fazem filmes. Adoro filmes americanos.

Ainda existe um certo esnobismo entre os ingleses de que a verdadeira interpretação é aquela que se faz sobre um palco?

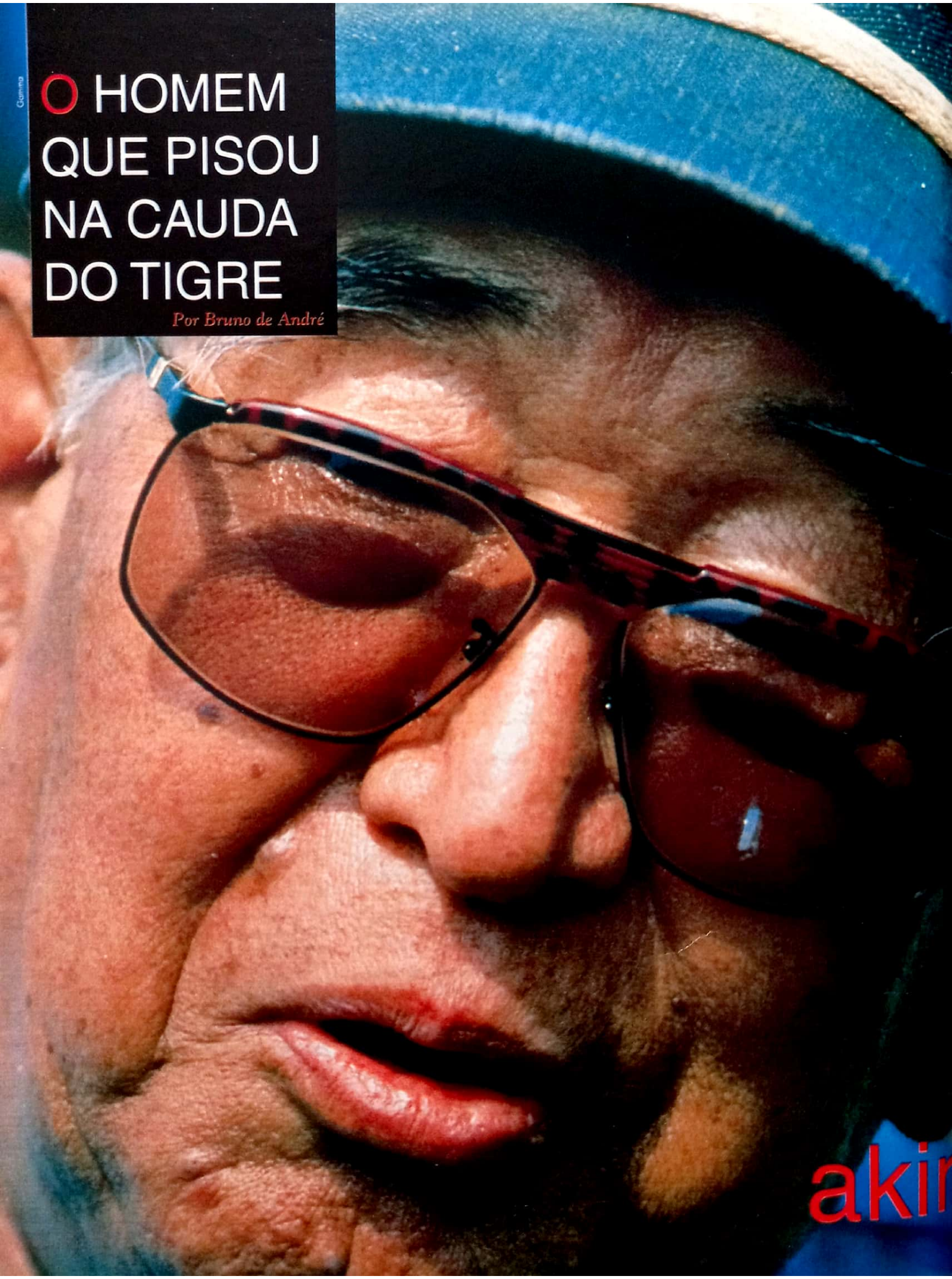
Ah, existe. Só que agora todos eles querem fazer cinema. Antes eu era acusado de ter me vendido, e as pessoas me perguntavam se eu iria perder meu tempo fazendo filmes, e hoje filmes é tudo no que eles pensam (*risos*).

Apesar de tantas realizações, você ainda sente que há algo faltando?

Seria imoral eu não me sentir realizado. Não há nada faltando na minha vida. Tenho tudo com que jamais sonhei, e mais ainda. ■

O HOMEM QUE PISOU NA CAUDA DO TIGRE

Por Bruno de André



a saga

Ele deslumbrou ocidentais, viveu sob desconfiança no Japão e, ao final, deixou um legado sem fronteiras: um cinema magnífico, feito de beleza, dor e humanismo

De armadura reluzente ou de terno e gravata, os heróis do diretor Akira Kurosawa sempre precisaram descobrir, no desafio das lutas, que havia um caminho árduo e imprevisível entre aquilo que acreditavam ser e aquilo em que afinal se transformariam. Para o próprio Kurosawa, esse percurso se estendeu por meio século e 31 filmes, tragédias e comédias, épicos e tramas intimistas que fizeram o mundo reconhecer a existência e a importância do cinema do Japão. Descendente de samurais, ele ganhara o apelido respeitoso de "Imperador" muito antes de morrer, em 6 de setembro último, aos 88 anos.

Kurosawa viveu e criou cinema numa época em que a fronteira entre arte e sucesso de público não era o abismo que hoje separa as fitas estreladas por Bruce Willis, rápidas demais para dar tempo de percebermos o que se passa na tela, e os filmes iranianos, lentos o suficiente para botar muitos para dormir. Das obras recentes de Kurosawa, a melhor lembrança é o espetáculo ágil e envolvente, revelador da natureza humana. É o senhor feudal que escolhe um sósia, ladrão pé-de-chinelo, para enganar os inimigos e até seu próprio exército no campo de batalha, em *Kagemusha*, Palma de Ouro em Cannes e indicado ao Oscar. É o guerreiro impiedoso que, envelhecido, decide dar seus poderes e posses aos três filhos que, imediatamente, partirão para uma guerra entre si que dizimará a todos, no também candidato ao Oscar *Ran*, versão de *Rei Lear*, de Shakespeare – de quem Kurosawa já adaptara *Macbeth*, em *Trono Manchado de Sangue*.

Mesmo sem descontar a imagem em preto-e-branco dos tantos clássicos de Kurosawa, poucos filmes resistiram até hoje tão empolgantes quanto *Os Sete Samurais*, *A Fortaleza Escondida* e *Yojimbo*, aventuras magníficas de ação e suspense estreladas pelos dois atores favoritos do diretor, Toshiro Mifune (dezesseis parcerias com o mestre) e Takashi Shimura (22 colaborações) – ambos, não por acaso, ases no uso da espada, como Kurosawa fora na adolescência.

Até seu primeiro trabalho como diretor, *Saga do Judô*, permanece surpreendente: a história de um jovem rebelde, que encontra rumo na vida a partir dos ensinamentos de um rigoroso professor de judô, é bem parecida com o cult juvenil americano *Karatê Kid* (1984), um filminho superficial que teria aprendido a ser muito melhor se tivesse a estréia de Kurosawa como referência.

Já outros cineastas ocidentais, mais inteligentes, não temeram reverenciar o domínio que o diretor japonês →

Preparando os filmes: pinturas de verdade

kurosawa

registros da vida DE UM HOMEM

Os filmes que fazem um gênio

1943 SAGA DO JUDÔ
1944 A MAIS BELA
1945 SAGA DO JUDÔ 2
OS HOMENS QUE PISARAM NA CAUDA DO TIGRE
1946 OS QUE CONSTROEM O AMANHÃ
NENHUM PESAR PELA NOSSA JUVENTUDE
1947 DOMINGO MARAVILHOSO
1948 ANJO EMBRIAGADO
1949 DUELO SILENCIOSO
CÃO DANADO
1950 O ESCÂNDALO
RASHOMON*
1951 O IDIOTA*
1952 VIVER*
1954 OS SETE SAMURAIS*
ANATOMIA DO MEDO
1957 TRONO MANCHADO DE SANGUE*
RALÉ
1958 A FORTALEZA ESCONDIDA
1960 HOMEM MAU DORME BEM
1961 YOJIMBO – O GUARDA-COSTAS*
1962 SANJURO
1963 CÉU E INFERNO
1965 O BARBA RUIVA
1970 DODESKADEN – O CAMINHO DA VIDA*
1975 DERSU UZALA*
1980 KAGEMUSHA – A SOMBRA DO SAMURAI*
1985 RAN*
1990 SONHOS*
1991 RAPSÓDIA EM AGOSTO*
1993 MADADAYO*

* disponível em vídeo

exercia sobre o ritmo e o conteúdo de suas narrativas. Nos anos 60, quando o western perdia força e público, três fitas de Kurosawa forneceram novas idéias a refilmagens que deram fôlego ao mais americano dos gêneros cinematográficos: nos EUA, *Os Sete Samurais* se tornou *Sete Homens e um Destino* (1960, de John Sturges), e *Rashomon* virou *Quatro Confissões* (1964, de Martin Ritt); na Itália dos faroeste-espaguete, *Yojimbo* serviu de modelo para *Por um Punhado de Dólares* (1964, de Sergio Leone). Todos os seis, hoje, são clássicos.

Grandes filmes, como qualquer obra de arte, são aqueles que sabem traduzir os conflitos e as esperanças de seu tempo. Da mesma forma que conseguiu driblar as exigências militaristas durante a Segunda Guerra, eliminando as menções de propaganda patriótica do romance que adaptou em *Saga do Judô*, Kurosawa aproveitou a liberdade do pós-guerra para colocar sua profunda visão humanista a serviço da observação crítica da realidade. "Eu acreditei que, para o Japão se reconstruir, era importante resgatar o valor individual do ser humano", disse ele. "E ainda acredito."

Dessa fase, brotaram dramas de luzes neo-realistas como *Anjo Embriagado*, em que um gângster tuberculoso enfrenta seu antigo chefe pelo mando na quadrilha, e *Cão Danado*, em que um policial, sentindo-se responsável pelos assassinatos cometidos com um revólver que lhe foi roubado, caça o culpado e, quando o encontra, percebe que ele é um jovem da sua idade, que se tornou criminoso como resultado da miséria e dos horrores vividos na guerra. No clímax memorável, os dois lutam corpo a corpo numa rua lamacenta e, quando o bandido finalmente é vencido e algemado, ouve-se seu grito cortante de animal ferido.

O desespero e a busca por razões para a vida foram temas constantes em filmes desse diretor que, em dezembro de 1971, num momento de depressão e crise econômica, chegou a tentar o suicídio. Em *Anatomia do Medo* e em *Rapsódia em Agosto*, os protagonistas são marcados pela terrível memória das bombas atômicas lançadas sobre o país, e Kurosawa transforma esse fantasma tanto em um beco sem saída, como no primeiro filme, quanto numa esperança de

ra preciso resgatar o valor individual do ser humano. E ainda acredito"

futuro de paz, no segundo. A morte que se aproxima é o conflito do emocionante e poético *Viver*, em que um humilde burocrata descobre que tem um câncer terminal e, depois de perambular entre mesas de bares e camas de prostitutas na procura inútil de justificar sua existência medíocre, descobre que sua passagem pelo mundo terá sentido ao ajudar a construção de um parquinho para as crianças de uma rua miserável.

SOB ACUSAÇÃO Desde o início, quando seu *Os Homens que Pisaram na Cauda do Tigre*, tirado de uma tradicional peça do teatro Kabuki, foi tachado como "americano demais" pelos censores japoneses, o rótulo de ser "o mais ocidental dos cineastas japoneses" seguiu Kurosawa carreira afora, às vezes como elogio, quase sempre como acusação. Depois de 1965, a falta de confiança em seus caros projetos e a crise do cinema japonês fizeram com que a maioria de seus vigorosos filmes só pudesse ser realizada com dinheiro europeu ou norte-americano.

Nem sua autobiografia furou o bloqueio: estava inédita quando foi traduzida do japonês para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 1982. No Japão, só saiu dois anos depois. E o sempre inesperado Kurosawa usou esses novos apoios para desenvolver novas e vigorosas formas narrativas. Como em *Sonhos* (1990), no qual imprimiu seu estilo, sempre ousado e estimulante, para compor em oito pequenas histórias uma fantasia dramática de esperança, dor, memória, beleza, perplexidade, medo, espiritualidade, guerra e paz. Kurosawa, como o educador Paulo Freire disse uma vez de si próprio, não se satisfez em ficar velho: também quis, e conseguiu, ficar lírico. ■

ADO
FUJI HQ120 6 HOURS
FUJI PRO120 6 HOURS
FUJI VIDEO HEAD CLEANING CASSETTE VCL-10
FUJI S-VHS 6 HOURS
FUJI 120 8mm
FUJI 8mm CLEANING TAPE
FUJI 30 VHSC
FUJI 30 S-VHSC
FUJI Hi8 120 MP
Linha Vídeo FUJIFILM
Avanço automático.
A linha de fitas para vídeo FUJIFILM é mais do que completa. VHS HQ, VHS PRO, VHS-C/PRO, Super VHS Premium, Super VHS-C, 8 mm, Hi 8 e Cleaning Tape VHS/8 mm. A tecnologia FUJIFILM que salta aos olhos. E aos ouvidos também, é claro.
Av. Vereador José Diniz, 3400 - São Paulo - SP - CEP 04604-901 - Tel. (011) 5091-4000 - Fax (011) 240-2555 - www.fujifilm.com.br
FUJIFILM
I&I - Imagem & Informação

exemplo e co

O que fazer quando veteranos como Brian De Palma t deixar os filmes de ação para novatos cheios de energ

Samuel L. Jackson e Kevin Spacey estão entre os últimos atores que alguém poderia imaginar como protagonistas de um filme de ação na linha de *Duro de Matar*, com tiros e explosões amarrados por um roteiro surrado. Mas é justamente isso o que acontece em *A Negociação*, filme dirigido pelo novato F. Gary Gray. E quer saber? Essa fórmula, mesmo surrada e abusada, funciona que é uma beleza.

Jackson é Danny Roman, considerado o melhor negociador de reféns de Chicago. Depois de realizar uma nova prisão, ele é procurado por seu parceiro, que está investigando um esquema de corrupção dentro da própria polícia e acredita estar correndo risco de vida. Seu medo é justificado: horas depois, ele é assassinado, e Roman, acusado do crime. Encurralado e sem ter a quem pedir ajuda, o policial não vê outra saída a não ser manter seus ex-companheiros como reféns e exigir que o *outro* melhor negociador da cidade, Chris Sabian (Spacey), discuta os termos de sua libertação. Ao mesmo tempo, Roman tenta descobrir a verdade e limpar seu nome.

E é só. Em meio à velha rotina do gênero, *A Negociação* se destaca pelo brilhante trabalho de Jackson e Spacey, que mostram mais uma vez por que são dois dos melhores atores americanos em atividade. Interpretando personagens que, nas mãos de um Bruce Willis qualquer, poderiam se tornar rasos e caricatos, a dupla consegue fazer a platéia acreditar que os protagonistas são pessoas de verdade, e não acessórios que possam ser descartados na próxima explosão. Mas não é um mundo perfeito e, na Hollywood cada vez mais pirotécnica e vazia de hoje, filmes corretos como este *A Negociação* são verdadeiras raridades.

(The Negotiator, EUA, 1998) **Direção**: *F. Gary Gray.* **Com** *Samuel L. Jackson, Kevin Spacey, David Morse, Ron Rofkin, John Spencer, J.T. Walsh, Paul Giamatti. 139 min.*

Fotos: Warner

a NEGOCIAÇÃO

Liberdade ameaçada: Samuel L. Jackson mantém J.T. Walsh como refém, enquanto Kevin Spacey (*no destaque*) conduz a negociação

ntra-exemplo

abalham sem a menor inspiração? Fácil. É só a e de boas idéias como o diretor F. Gary Gray

Fotos: UIP

Assassinato ou conspiração?: Nicolas Cage tenta descobrir a verdade por trás de um crime com a ajuda do amigo Gary Sinise (*no destaque*)

olhos de SERPENTE

Brian De Palma enlouqueceu. De pedra mesmo. Sabe a do louco furioso que acende cigarro com nota de cem? Pois é, o cineasta virou uma versão hollywoodiana desse piromaníaco doido. Sua carreira agora se resume a torrar quantidades absurdas de dinheiro em filmes indignos de seu talento, como este *Olhos de Serpente*.

Todo mundo sabe que De Palma adora copiar Hitchcock e Orson Welles. Mas seu cinema, embora referencial, sempre teve um quê de gênio: filmes como *Vestida para Matar* e *Os Intocáveis* provaram que é possível fazer cinema de autor dentro do esquemão hollywoodiano. Mas, em algum lugar no meio do caminho, De Palma se perdeu. Seus últimos filmes são exercícios de virtuosismo técnico sem nenhum charme ou conteúdo, dos quais *Olhos de Serpente* é o pior.

Trata-se de um thriller sobre um atentado contra um político em meio a uma luta de boxe. Um atirador mata o sujeito diante de quinze mil pessoas – uma delas, o policial Rick Santoro (Nicolas Cage), desconfia que o assassinato não foi obra de um homem só e começa a investigar o que acredita ser uma conspiração. Mas a trama é o que menos importa para De Palma: o que interessa a ele é abusar de recursos estilísticos cada vez mais complexos e, no fim das contas, inúteis.

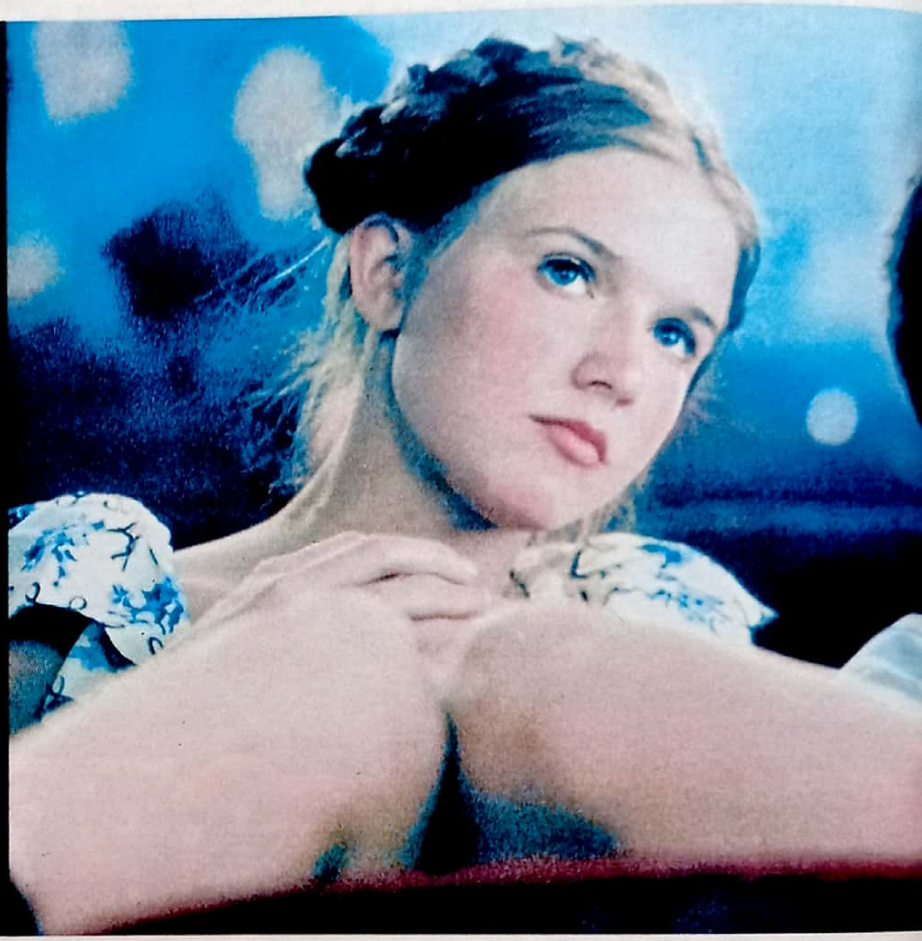
O problema é que o diretor prestou atenção demais aos movimentos da câmera e se esqueceu da história. Não que isso faça muita diferença, já que o maior mistério do filme não é descobrir o assassino, mas tentar entender como um roteiro desses chegou às telas sem que ninguém parasse para pensar nos rombos de lógica da trama. E nem vale a pena discorrer sobre o trabalho de Nicolas Cage e Gary Sinise – nem Laurence Olivier daria credibilidade a uma história dessas.

Os fãs de De Palma vão dizer que o filme é uma piada, um exagero proposital, um comentário irônico sobre o estado lamentável das produções do cinemão americano. Besteira. *Olhos de Serpente* não é divertido nem engraçado, e o público sai da sala com a sensação desagradável de ter sido alvo de uma piada de mau gosto.

(Snake Eyes, EUA, 1998) ***Direção**: Brian De Palma.* ***Com** Nicolas Cage, Gary Sinise, John Heard, Carla Gugino, Kevin Dunn. 99 min.*

CENSURA - UFA

O lançamento da nova versão de *Lolita* acende uma polêmica nos Estados Unidos e ajuda a relembrar um tempo em que, no Brasil, ninguém via um filme ou ouvia uma música sem a autorização de um censor



"Um filme que exige maturidade psicológica. A trama aborda comportamentos desajustados entre um professor solitário e sua enteada. (...) Sugiro que seja liberado com improbidade de dezoito anos, após os devidos cortes de cenas de sexo e nudez." Não é de estranhar que o Departamento de Censura Federal do Brasil tenha assim classificado *Lolita*, de Stanley Kubrick, nos anos 60: afinal, a história do professor Humbert Humbert, que usava dos golpes mais baixos para seduzir a garota do título, de quatorze anos, foi acendendo um rastilho de pólvora por onde passou.

Surpreendente é que esse enredo desperte, hoje, o mesmo incômodo em distribuidores de um país onde o governo não pode vetar: os EUA. Nos idos de 70, para desgosto dos censores brasileiros, *Lolita* entrou nos cinemas. Trinta anos depois, os americanos só puderam ver pela TV a cabo a refilmagem dirigida por Adrian Lyne. Após três exibições, com grande audiência, o sucesso venceu o preconceito: o novo *Lolita* finalmente estreou nas telas.

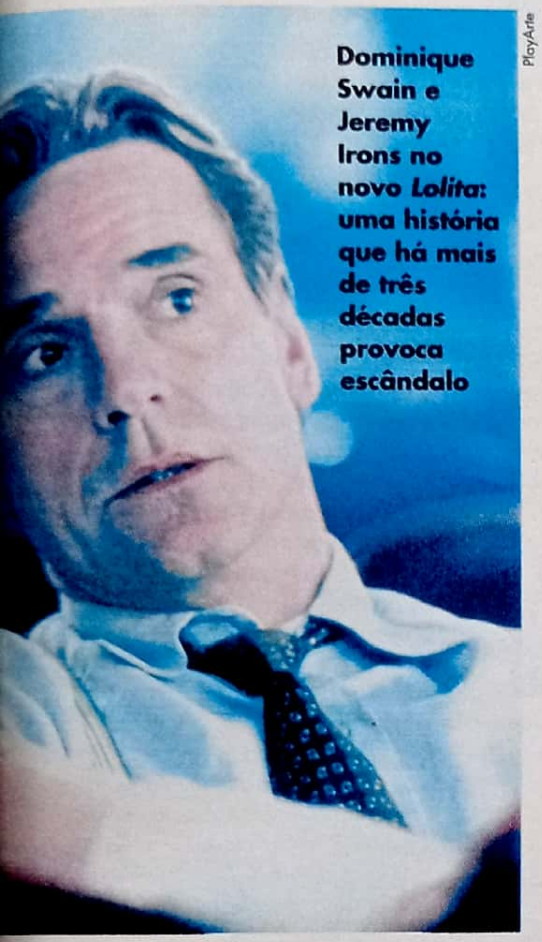
IDÉIAS "MUITO AVANÇADAS"

Sem criar polêmica, no Brasil, a produção de Lyne não encontrou resistência para ingressar no mercado. Embora a história brasileira revele um passado de controle cultural muito rígido, *Lolita* foi lançado em setembro. Mas, há menos de dez anos, as coisas eram bem mais difíceis: a censura tinha o poder de vetar a exibição comercial de qualquer filme.

Segundo os censores, *Lolita* era um daqueles filmes que podiam chocar a platéia pelas idéias "muito avançadas". Entretanto, apesar dos cortes, não recebeu a penalidade máxima: a interdição. Pior sorte teve *Laranja Mecânica*, outro filme de Kubrick que, no início dos anos 70, passando pela primeira vez pela crivo dos censores, foi vetado. Anos mais tarde, diante da insistência da distribuidora, ele foi dilacerado para poder ser exibido. Para os produtores, não havia dilema pior: receber a notícia de que o filme seria mutilado ou que estaria vetado para qualquer tipo de exibição.

Estratégias para tentar burlar a cen-

! - NUNCA MAIS



PlayArte

Dominique Swain e Jeremy Irons no novo *Lolita*: uma história que há mais de três décadas provoca escândalo

sura não faltavam: os produtores de *Barravento*, de Glauber Rocha, enviaram para julgamento apenas quatro dos seis rolos do filme, em 1963. Mas o plano foi descoberto, e o filme, interditado. Os censores acharam que, apenas no que havia sido apresentado, já era possível perceber uma mensagem subversiva "acintosa".

Outra maneira de conseguir a liberação do filme era apresentá-lo mais de uma vez à censura – o veto poderia ser também uma questão de sorte. *Cadáveres Ilustres*, de Francesco Rosi, passou pela censura em 1977. Foi vetado. O parecer aponta-a como uma película que poderia "insubordinar os centros estudantis – levados por inspirações alienígenas, possivelmente →

DA PROIBIÇÃO À PREGAÇÃO

O presente e o passado de Coriolano Fagundes, o censor que virou pastor

O dia do pastor Coriolano Fagundes, 61, começa bem cedo. Ele acorda às três da manhã para orar e, ao lado da mulher, vai ao templo quatro vezes por semana participar de cultos com os fiéis. Na sua casa não há TV, e ele afirma que nesta década não entrou numa sala de cinema: "Vivo alheio ao mundo externo". Mas, há oito anos, antes de sua conversão, Fagundes via pelo menos quatro filmes por dia. Crítico de cinema? Não. Ele era um dos mais antigos técnicos do time que tinha o poder de interditar ou liberar os filmes que entravam no Brasil.

A princípio, diz, foi impulsionado pela remuneração atraente. Ao salário, somava-se a satisfação pessoal: "Desde menino fui encantado por cinema". Motivo que o levou, anos mais tarde, a fazer um curso na PUC e se especializar na área.

Fagundes lembra que, além de analisar e dar chancelas aos filmes, os censores também elegiam as produções que seriam exibidas a um público especial: a elite brasiliense. A disputa pelos convites era acirrada. O departamento de Censura Federal privilegiava grupos seletos de pessoas que assistiriam aos filmes que ainda não haviam entrado em cartaz e que, talvez, nem chegassem a ser exibidos em circuito comercial. "Nos subsolos dos ministérios existiam salas de projeção, e era uma questão de status ser convidado."

Autor do livro *Censura e Liberdade de Expressão*, editado em 1973, Fagundes se confessa mais radical agora do que quando exercia a profissão. "Hoje interditaria muito mais filmes", diz, referindo-se a *Je Vous Salue Marie*, de Jean-Luc Godard, que acabou sendo interditado contra a sua vontade. Na época, ele era o diretor do departamento de censura em Brasília e se recorda que, nos bastidores dos ministérios, era voz corrente que o presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) havia pedido ao presidente José Sarney que intercedesse pela intervenção da película.

Fagundes recorda que os técnicos recebiam orientação velada, mas rígida, para não manter contato com artistas e intelectuais. O ex-censor, porém, não seguia à risca a regra e era amigo pessoal do diretor Luiz Carlos Barreto. "Todos sabiam dessa relação. Tive de ouvir muitas insinuações, mas não deixei que a amizade comprometesse meu trabalho – e vice-versa." ■

Jamil Bittar

PlayArte

Melanie, a mãe, observa o "casal"

de esquerda". Três anos depois, foi reapresentado e liberado para maiores. Sinal de que a ideologia estudantil mudara, na opinião dos censores? Não. A diferença estava na equipe de técnicos, menos radicais. Outras vezes, o vento soprava contra. Na primeira apreciação, *Toda Nudez Será Castigada*, de Arnaldo Jabor, foi liberado. Vencido o prazo de aprovação, foi novamente julgado – e interditado.

"INFILTRAR A REVOLTA" Mas o alvo favorito dos censores eram os filmes recheados de cenas violentas. Logo que foram lançados, nos anos 70, os enredos de arte marcial, como *Kung Fu*, causaram furor e preocupação na Polícia Federal. Um documento confidencial enviado ao general Antonio Bandeira e assinado apenas por W.S. dizia que "a função principal deste filme seria infiltrar mensagens de revolta na mente da juventude universitária do mundo ocidental", concluindo que ele deveria ser proibido em todo o território nacional.

Faz dez anos, contudo, que os brasileiros deixaram de conviver com essas arbitrariedades. Em 1988, a Constituição foi promulgada, e os departamentos de censura, fechados. Curiosamente, os censores continuaram exercendo suas funções até que se criasse uma lei específica para aproveitá-los nos quadros da Polícia Federal – algo que só aconteceu este ano, quando o cargo de censor foi definitivamente extinto. Hoje, os profissionais que tinham o poder de classificar e interditar filmes, peças de teatro e letras de música exercem funções bem mais tradicionais: podem ocupar cargos como o de perito criminal ou delegado da PF. ■

COMO ERA A CENSURA AQUI...

O que os censores brasileiros acharam de alguns dos filmes submetidos à sua análise...

TERRA EM TRANSE

GloboVideo

Diretor: Glauber Rocha

"...Conclama o povo à revolta armada, em represália aos governos demagogos e opressores que fazem as pessoas sofrerem privações. Nada poderá ser alegado em favor da liberação do filme..."

11 de abril de 1967

CADÁVERES ILUSTRES

Diretor: Francesco Rosi

"...Inspira atitude criminosa violenta para aqueles que foram vítimas de falhas jurídicas e também para que os insatisfeitos com o regime possam usar de meios semelhantes para perturbar a ordem e exterminar os governantes (...) Opinamos pela não liberação."

6 de junho de 1977

MIMI, O METALÚRGICO

Divulgação

Diretora: Lina Wertmuller

"A mensagem do filme é negativa, pois apresenta, além de movimentos sindicais, a caracterização de adultérios com propostas de troca de filhos. (...) Sugiro a não liberação."

20 de julho de 1973

JE VOUS SALUE MARIE

Diretor: Jean-Luc Godard

"Esta adaptação da estória da Virgem Maria aos tempos atuais conserva inalterados certos elementos da versão histórica, subvertendo a ordem e o valor de outros. (...) Apesar de monótona e cheia de simbolismos, a narrativa é irreverente, principalmente quando a personagem interroga os motivos de seu sacrifício e, em linguagem grosseira e vulgar, blasfema contra Aquele que a elegera como Mãe de Seu Filho. (...) Sugerimos a não liberação."

15 de janeiro de 1986

Divulgação

Je Vous Salue Marie

DECAMERON

Diretor: Pier Paolo Pasolini

"...A película foi submetida a cortes (...) que provocaram a eliminação de cenas que ferem o decoro público, não sendo, porém, suficientes para a exclusão total das implicações. (...) Novas restrições iriam mutilar totalmente a obra. Propomos, portanto, a não liberação..."

25 de janeiro de 1977

BARRAVENTO

Divulgação

Diretor: Glauber Rocha

"...Sugiro que seja exibido para elementos do Conselho Nacional de Segurança. No meu entender, o crioulo que faz o papel principal conclama os negros – em determinados trechos – à revolta, declarando que os pretos são considerados sub-raça e vivem sendo explorados pelos brancos..."

1º de novembro de 1963

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

Diretor: Arnaldo Jabor

"...Sua mensagem final, com valorização da prostituta, (...) é altamente negativa, pois procura desmoronar com os valores das instituições focalizadas – a família, a igreja, o casamento, o relacionamento entre pais e filhos e a autoridade policial –, além de provocar uma possível reação internacional, quando apresenta um marginal boliviano sem razão comprovada. Isso tudo dentro da narrativa agressiva de Nelson Rodrigues, que, como autor consagrado e censurado, nada tem feito senão destruir com suas obras os valores morais da família brasileira. (...) Acordamos que o filme seja interditado..."

2 de julho de 1973

LARANJA MECÂNICA

Diretor: Stanley Kubrick

"Embora chocante, o filme é cercado de originalidade e sua mensagem global funciona como um alerta contra a violência. (...) Opinamos pela liberação, com os devidos cortes, para maiores de dezoito anos (...). O público adulto, julgamos, saberá entender a mensagem de repúdio às várias formas de agressão..."

8 de novembro de 1977

...E NOS ESTADOS UNIDOS

...e como os americanos impediam que idéias "impróprias" influenciassem seu público

Nos Estados Unidos, o governo não dá um pio quando o assunto é a classificação que um filme vai receber: quem toma conta do sistema é a própria indústria cinematográfica. O que não significa que a censura – ou melhor, a autocensura – não aconteça. Isso porque o maior medo dos produtores é ver seu filme estampado com o carimbo NC-17 (proibido para menores de dezoito anos, mesmo acompanhados), o qual pode significar uma sentença de morte na bilheteria: além de impedir o acesso da faixa etária que mais freqüenta o cinema, ele faz com que muitos exibidores se recusem a programar o filme em suas salas. Foi por isso que a nova versão de *Lolita* passou tanto tempo implorando por quem a exibisse.

Além do temido NC-17, há quatro outras categorias: R (permitido a menores de dezessete anos acompanhados), PG (companhia dos pais recomendada), PG-13 (inapropriado para menores de treze anos) e G (livre).

Esse sistema existe, com poucas mudanças, desde 1968, quando Hollywood aboliu o famoso Código Hays. Também conhecido como Código de Produção, esse conjunto de regras foi estabelecido em 1930 com o objetivo de "moralizar" os filmes e afastar o perigo maior de uma censura governamental. Com proibições anacrônicas, ou mesmo cômicas, para os padrões de hoje, ele era uma ampliação de um outro documento feito três anos antes, em 1927, que tinha o nome mais explícito de "The Don'ts and Be Carefuls" ("Os Não Faça e os Tenha Cuidado").

Escrito por uma equipe que contou até com um padre jesuíta, o Código de Produção tem um caráter fortemente moralista, preocupando-se com os efeitos que os filmes possam exercer sobre a formação de crianças e mentes mais fracas. Embora também se manifeste sobre temas como violência, religião e preconceito, a maior parte do espaço é dedicada a sexo e relações entre homens e mulheres.

Leia, a seguir, um resumo de suas passagens mais "inspiradas":

✘ "As partes mais íntimas do corpo humano são os órgãos masculino e feminino e os seios da mulher. Eles jamais devem ser descobertos. Tampouco devem ser cobertos com material transparente ou translúcido, e não podem ter seus contornos realçados pelo vestuário."

✘ "A dança é uma arte e uma forma linda de expressar emoções, mas cancã e dança do ventre são imorais, obscenas e, portanto, erradas. Os movimentos dos dançarinos não podem inflamar paixões e provocar excitamento físico."

✘ "Bordéis e casas de má fama não servem para o cinema, por serem perigosos e más locações dramáticas. Quanto aos quartos, em si mesmos inocentes, também não cabem para uso em comédias ou farsas, por sugerirem obscenidade e licenciosidade sexual."

✘ "Relações sexuais entre brancos e negros são proibidas."

✘ "Higiene sexual e doenças venéreas não são temas para filmes."

Todo Nudez Será Castigada

Europa

APRENDENDO A USAR A TESOURA

Curso de roteiro, aulas de teatro: como os censores brasileiros aprendiam a identificar idéias "subversivas"

Condicionamento físico e aulas de tiro – dois treinamentos que se espera de um funcionário da Polícia Federal. O estranho é que esse mesmo funcionário recebia também aulas de teatro, música e roteiros cinematográficos – tudo para identificar as linguagens subversivas em filmes, os cineastas rotulados como comunistas e todos os seus seguidores.

Assim preparado, o grupo de cerca de 300 profissionais com nível universitário assistiu e deu sua chancela a 50 mil filmes, desde o final dos anos 60 até o fim da censura, em 1988. Para chegar a esse número, eles tinham de assistir a três ou quatro longas-metragens por dia, cinco vezes por semana. Também era preciso conhecer a atuação política dos diretores. Mesmo que uma produção fosse "adequada" poderia ser proibida, dependendo de quem a assinasse. Um dos diretores mais citados nos cursos era Jean-Luc Godard, e os alunos deveriam redobrar a atenção quando julgassem seus filmes. No Brasil, os filmes realizados pelos seguidores do cineasta "comunista" também eram analisados de maneira especial. Ruy Guerra e Glauber Rocha, por exemplo, eram tema de algumas aulas de segurança nacional.

Sipa Press

Amarincio Gallo

Godard e Glauber: sempre na mira

DPZ
NOVA

"Eu e A NOVA Trocamos Idéias Sobre Trabalho. E Sobre Amor Também, Claro"

Cristiana Arcangeli, presidente da Phytoervas, leitora de NOVA

A vida de uma mulher que preza a sua independência é complicada. Tem que lutar todos os dias pelo seu espaço, provar do que é capaz e ainda manter a beleza e a sensualidade. É assim com a Cristiana Arcangeli. Mas nem mesmo com essas dificuldades ela desiste do lugar que já conquistou. E, para isso, conta com a ajuda de NOVA.

Os maiores prazeres da Cristiana também são as principais causas dos seus problemas - o trabalho e os homens. Só trabalhando ela se sente realizada. Mas o seu sucesso acaba, muitas vezes, assustando as pessoas ao seu redor, que ainda não estão acostumadas a encontrar uma mulher tão decidida e competente. E, para discutir esses problemas, ela só encontra compreensão em um lugar: na revista NOVA.

NOVA faz parte da vida da Cristiana. E de milhares de outras mulheres que sabem exatamente o que querem. Com a revista NOVA, elas conseguem um diálogo franco, objetivo e sem preconceitos sobre os mais diversos assuntos: trabalho, sexo, moda, beleza.

NOVA faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem ainda acha que mulher tem que trabalhar sim, mas na cozinha.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

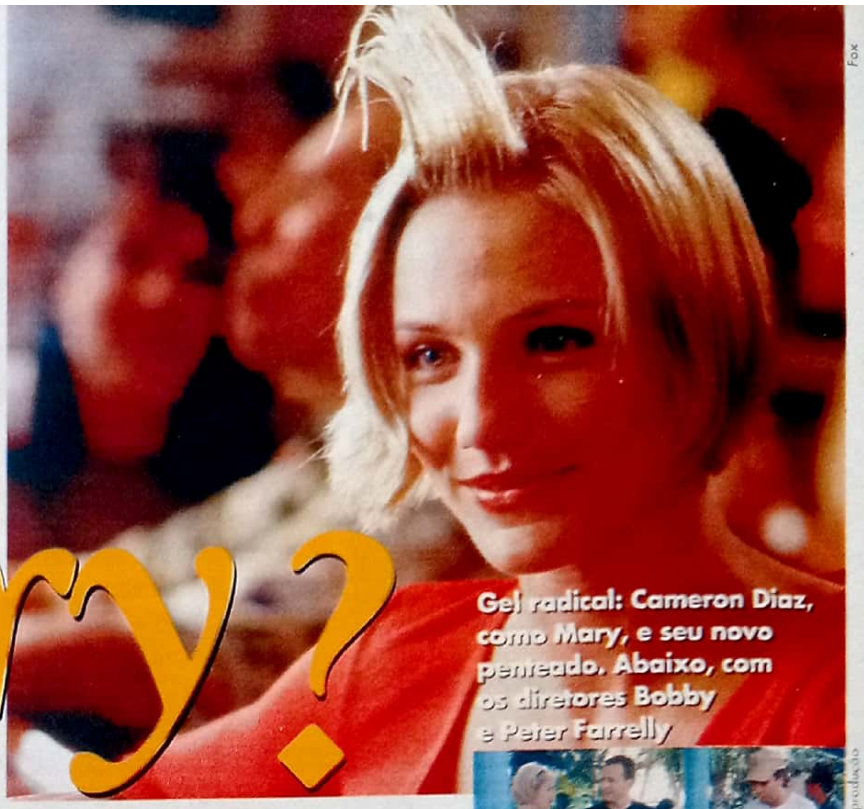
Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · Quatro Rodas · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN Brasil · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV · Quatro Rodas · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · Ilustrada · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Recreio · HBO Brasil · Ação GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · BravoBrasil · HOROSCOPO · AD · Universo HQ · Terra · EURO CHANNEL · CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

Qual o segredo de *Mary?*



Fox

Gel radical: Cameron Diaz, como Mary, e seu novo penteado. Abaixo, com os diretores Bobby e Peter Farrelly

Reprodução

Com seu humor tosco mas irresistível, *Quem Vai Ficar com Mary?* desbancou, uma a uma, as superproduções da temporada

Quem além de adolescentes sardentos gosta de ouvir piadas grosseiras sobre homossexuais, deficientes físicos e minorias raciais? Se a resposta for medida pelo sucesso fenomenal da comédia *Quem Vai Ficar com Mary?*, provavelmente o mundo inteiro. Com nove semanas em cartaz nos Estados Unidos e mais de 140 milhões de dólares coletados nas bilheterias, o filme dirigido pelos irmãos Peter e Bobby Farrelly (de *Debi & Lóide*) já podia ser classificado como um verdadeiro fenômeno.

Mary, que mostra um sujeito tentando reencontrar seu amor adolescente, teve uma estréia modesta – no quarto lugar da parada –, mas passou as semanas seguintes resistindo bravamente a rivais como *O Resgate do Soldado Ryan*, *Halloween: H20* e *Blade*, sem nunca cair abaixo da posição que havia conquistado. Na sua oitava semana em cartaz, porém, bateu um recorde: subiu para o topo do ranking, no primeiríssimo lugar. É a primeira vez na história que se tem notícia de um feito semelhante. Sem falar que apenas *Titanic* conseguiu manter-se entre os cinco filmes de maior bilheteria por tantas semanas consecutivas.

Tentar encontrar uma explicação para tanto fôlego é tarefa complicada. Para alguns analistas americanos, o interesse do público por uma comédia tão grosseira é uma resposta inconsciente à onda do "politicamente correto" que assolou a América na última década, e que foi posta em xeque pelo escândalo que abalou a nação mais poderosa do mundo: o *affair* entre o presidente Bill Clinton e a estagiária Monica Lewinsky. Afinal, com tanta hipocrisia dominando os noticiários, quem vai se sentir culpado por rir de piadas de deficientes físicos? Detalhe: curiosamente, o filme escapou ileso dos segmentos mais conservadores da sociedade americana, que não organizaram protestos nem pediram que o filme fosse excomungado.

MARY CENSURA LIVRE O segredo de todo esse sucesso, porém, não está só na análise da bilheteria ou em mudanças de comportamento: acima de tudo, *Quem Vai Ficar com Mary?* se deu bem por ser uma comédia romântica (sim, romântica!) de primeira, daquelas em que é fisiologicamente impossível não gargalhar do início ao fim – depois da primeira risada, qualquer resquício de moralidade ou elegância dá lugar a uma experiência deliciosa e divertida.

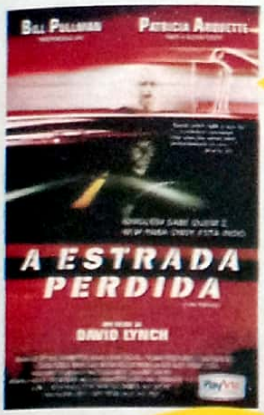
E *Mary* já vai render frutos. A Fox planeja lançar uma versão "censura livre" do filme até o final do ano, não apenas para garantir a cota de risadas da gurizada que ficou de fora da versão proibida para menores de dezessete anos, mas para também faturar mais algumas dezenas de milhões. É claro que várias das cenas mais hilariantes terão de ficar de fora, o que pode comprometer o resultado final. Mas que ninguém pense que a manobra partiu de algum executivo ganancioso da Fox: a idéia foi dos próprios irmãos Farrelly, que vão se encarregar dos cortes e – se for necessário – rodarão cenas novas para não estragar o roteiro. *Quem Vai Ficar com Mary?* garantiu boas risadas para muita gente. Mas, depois de tanto sucesso, a última certamente será a dos irmãos diretores.

Roberto Sadovski

VHS — CD-ROM — DVD — LIVRO

O preço da mercadoria não está incluso o valor do sedex * Promoção válida até 30.11.98 ou enquanto durar os estoques

EXCLUSIVIDADES 2001 videoteca



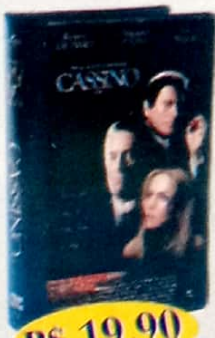
R$ 19,50 CADA

R$ 22,00

ANASTASIA

R$ 23,90 CADA

R$ 13,50



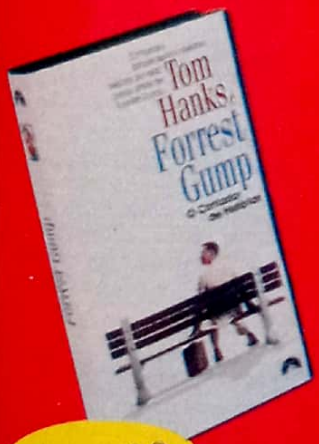
R$ 19,90

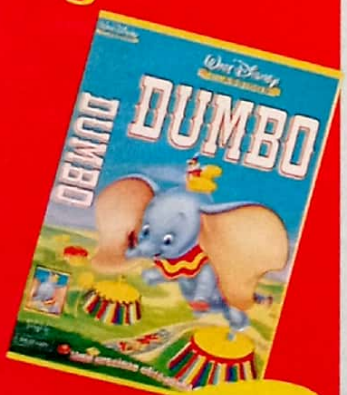
Seção de Curta-Metragem

Curtas de Animação
R$ 14,50
CADA

Curtas Paulistas
R$ 14,50
CADA

Promoções





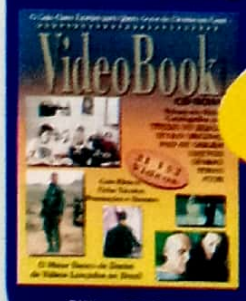
R$ 14,90

R$ 19,90

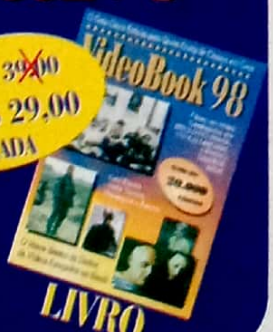
LIVRO

R$ 25,00

VideoBook 98



De R$ 39,00
Por R$ 29,00
CADA



CD-ROM

LIVRO

- Av. Sumaré, 1744
Tel:(011)3872-4912
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite
estacionamento próprio

- Av. Cidade Jardim, 1000
Tel:(011)813-7546
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite
estacionamento próprio

- Av. Paulista,726
Tel:(011)288-4788
São Paulo-SP
Todos os dias
até a meia noite

RETIRE LISTA DO ACERVO
PELA INTERNET
Ftp://ftp.2001video.com.br/pub
E-mail: 2001@2001video.com.br

videoteca

Enviamos para todo Brasil via sedex - aceitamos todos os cartões de crédito

gene Kelly

OS PÉS-D

Fred era leve e aristocrático, Gene era atlético e acrobático.

É comum que, indagado sobre o momento de maior emoção de sua carreira, um astro do passado mencione o dia em que recebeu o Oscar. Para Gene Kelly, contudo, esse instante inesquecível aconteceu bem longe de Hollywood. "Eu estava em Londres para uma cerimônia com a rainha. Sozinho, pensando no tempo em que era um astro, esperava um táxi na esquina de Chapel Street. Achei que ninguém iria me reconhecer, já que chovia e eu estava de sobretudo e chapéu. De repente, me dei conta de que alguém gritava o nome *Cantando na Chuva*. De forma cadenciada, as pessoas no ponto começaram a cantar 'Singin' in the Rain'. Nunca senti nada igual."

Naquele dia, Kelly soube que sua missão se cumprira. "Para mim, o musical é a arte de levar alegria ao público", declarava. "Não quero pregar mensagens e nunca fiz um filme com a pretensão de mudar a história." Mesmo sem querer, mudou. E o mais incrível é que, de seus 83 anos de vida, Kelly só precisou de dez para revolucionar a dança no cinema. É só contar de 1942, quando estreou em *Idílio em Dó-Ré-Mi*, a 1952, quando lançou *Cantando na Chuva*.

Gene foi descoberto pelo mesmo David O. Selznick que contratou Fred Astaire. O chefão da RKO estava sempre nas platéias da Broadway de olho em novos talentos. Quando chegou sua vez, porém, Kelly esperou quase cinco meses até que o estúdio decidisse o que fazer com ele. Acabaram vendendo seu contrato para a MGM, onde finalmente estreou ao lado de Judy Garland em *Idílio*. Os dois também fariam par no belo *O Pirata*. "Judy foi →

Fotos MGM

E-VENTO

Cada um a seu modo, eles fizeram o musical se tornar eterno

Por Suzana Uchôa Itiberê

Em 1986, um ano antes de sua morte, Fred Astaire levou o primeiro e único tombo de sua vida. Aos 87 anos, ensaiava um passo em cima do skate do neto quando perdeu o equilíbrio e foi ao chão, quebrando o pulso. Um senhor serelepe, ele nunca suportou o marasmo: não parava quieto e, mesmo dando uma entrevista, puxava o lóbulo da orelha, alisava uma ruga imaginária nas calças ou brincava de ponte com as mãos. Certas pessoas podem dançar sentadas.

Quando, em 1973, mais de mil pessoas lotaram o Lincoln Center de Nova York para homenageá-lo, um Fred trêmulo de emoção mal conseguiu dizer algumas palavras de agradecimento.

O que mais impressionava nele era a inabalável modéstia. Na autobiografia *Steps in Time*, confessou gostar de sopa de beterraba, assumiu apreciar botões de rubi ou brilhantes enfeitando suas camisas e revelou-se um apaixonado por cavalos de corrida. Mas esqueceu de mencionar que renovou o musical. E nem pensou em sugerir que é considerado o maior dançarino do cinema, ou que

Quando o musical saiu de moda (e por julgar-se velho demais para rodopiar por aí), ele deu um jeito de marcar presença em premiados especiais de TV ou em papéis dramáticos, como em *Inferno na Torre*, de 1974, pelo qual foi indicado ao Oscar. "Não quero ser visitado como um museu", avisava. "E nem quero ser lembrado só por minhas orelhas de abano." A aparência tranqüila e a voz pausada, porém, eram os disfarces de uma incurável timidez.

foi o artista que uniu o neoclassicismo do balé à mais popular forma de arte americana. Não há quem o veja sapatear que não pense que é fácil. O exigente coreógrafo George Balanchine foi enfático: "Ele é o maior bailarino do mundo". A lendária Margot Fonteyn não fez por menos: "Para Fred, dançar parece mais simples do que andar, mais natural do que respirar".

O superastro Mikhail Baryshnikov dizia-se complexado. "Se me pergun- →

fred Astaire

Warner/MGM

"Fred é o nobre. Eu sou o chofer de caminhão", brincava Gene

a atriz de maior talento com que trabalhei", elogiava. "Era limitada em dança, mas tinha um carisma fantástico."

Seguiram-se outros musicais menores, até que, em 1944, Gene foi emprestado para a Columbia e surgiu ao lado de Rita Hayworth no delicioso *Modelos*. O público ficou boquiaberto ao vê-lo dançar com a própria sombra. "Procurei valorizar a dança servindo-me das possibilidades da câmera", explicava. Com seu sorriso largo e o corpo atlético realçado pelas calças coladas e camisas de malha, Kelly imprimiu uma vitalidade profundamente masculina ao gênero. Os homens se identificavam com seu jeitão comum. As mulheres não o punham em um pedestal, como faziam com o elegante Fred Astaire. Sentiam-se, isso sim, no direito de cobiçá-lo.

DOIS NUMA ILHA DESERTA Kelly não gostava das insistentes comparações com Astaire. "Qualquer um que dance no cinema e não admita sua dívida para com Fred é tolo ou mentiroso", afirmava. "Mas nossos estilos são diferentes – e ponto final." O de Fred era mais clássico, sutil. Sabia tirar partido da leveza e, com suas parceiras mais famosas, parecia um corpo só. Kelly sempre foi mais energético. Enquanto Astaire preferia fazer seus números diante de uma câmera parada, Kelly optava por espaços amplos. Levou a dança para as ruas, como no memorável *Um Dia em Nova York*. O próprio Astaire o considerava "um dos mais versáteis e originais intérpretes que o cinema conheceu".

Enquanto Fred sapateava em musicais exuberantes, Kelly preferia histórias mais realistas, daquelas em que o protagonista pena para ser alguém na vida. Preocupava-se em tornar a dança tão relevante quanto o enredo. "A dança e o drama são irmãos. É preciso partir da trama, mas a dança deve expressar algo que não pode ser dito com palavras", doutrinava.

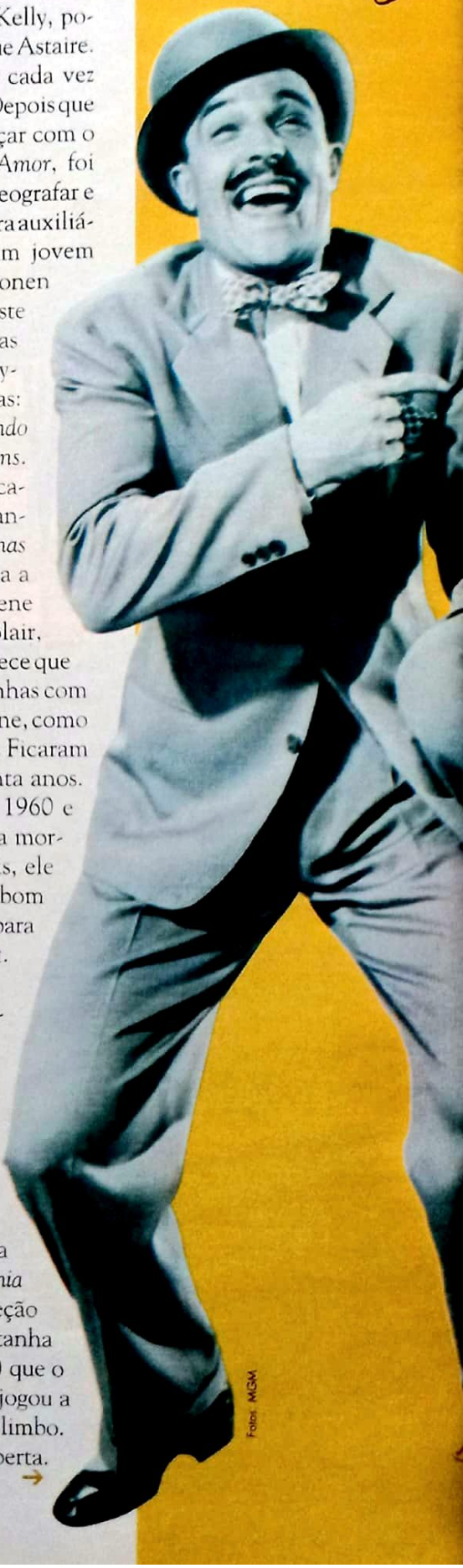
Kelly dizia que ele e Fred eram dois homens numa ilha deserta, os únicos conscientes do problema: "Fazer a dança criar vida em frente à câmera, enquanto uma equipe entediada nos assistia". Kelly, porém, arregaçou mais as mangas que Astaire.

Ambicioso, Gene tornou-se cada vez mais influente e centralizador. Depois que revelou sua genialidade ao dançar com o ratinho Jerry em *Marujos do Amor*, foi ganhando carta branca para coreografar e dirigir seus próprios musicais. Para auxiliá-lo, importou de Nova York um jovem corista da Broadway, Stanley Donen (o homenageado do Oscar deste ano), e com ele criou uma das parcerias mais vitoriosas de Hollywood. Juntos fizeram três jóias: *Um Dia em Nova York*, *Cantando na Chuva* e *Dançando nas Nuvens*.

A colaboração, no entanto, acabou mal. Os dois romperam durante as filmagens de *Dançando nas Nuvens*, e a briga não teve nada a ver com trabalho. Na época, Gene acabara de se separar de Betsy Blair, sua esposa por quinze anos, e parece que não só andou dando umas voltinhas com a mulher de Donen, Jeanne Coyne, como pôs fim ao casamento do amigo. Ficaram sem se falar por mais de quarenta anos. Kelly e Jeanne casaram-se em 1960 e tiveram dois filhos. Quando ela morreu de câncer, treze anos depois, ele ficou devastado e passou um bom tempo vivendo exclusivamente para os pequenos Timothy e Bridget.

CANTANDO NO LIMBO Parece inconcebível, mas, quando foi lançado, *Cantando na Chuva* não causou tanto estardalhaço assim. Se hoje integra a lista dos dez maiores filmes da história e é considerado o melhor musical de todos os tempos, na época sua carreira foi abafada pelo estrondoso sucesso de *Sinfonia em Paris*, que Kelly fez sob a direção de Vincente Minnelli. A montanha de Oscar (nada menos que sete) que o filme abocanhou praticamente jogou a produção de Kelly e Donen no limbo. Levou 25 anos para ser redescoberta. →

gene Kelly



Fotos: MGM

fred Astaire

tam o que sinto ao vê-lo dançar, a resposta é óbvia: ódio, porque ele é melhor do que todos nós." "Eu não sabia que era tão bom assim", Fred rebatia. "Na verdade, quando me via na tela, tinha a impressão de que movia o chão." Mas ele nunca negou que a dança era seu maior prazer, embora desde pequeno a encarasse como um trabalho. E dos mais árduos.

ATÉ OS PÉS SANGRAREM Quando Frederick Austerlitz nasceu, em 10 de maio de 1899, o teatro de variedades, ou *vaudeville*, era o entretenimento mais rentável dos EUA. Quem soubesse cantar, dançar, atuar, contar piadas, fazer mágicas ou qualquer coisa que divertisse o público tinha lugar garantido nos palcos. A mãe de Fred, Ann Gelius, adorava o teatro, e sobrou para o garoto e sua irmã Adele, dois anos mais velha, a tarefa de concretizar seu sonho. Casada com Friedrich Austerlitz, um ex-oficial do exército austríaco que imigrou para a América e entrou no ramo da cervejaria, Ann era ambiciosa demais para tolerar a vida na pequena Omaha, no Nebraska. Mal Fred fez cinco anos, ela deixou o marido para trás e mudou-se com as crianças para Nova York, onde se inscreveu no Ned Wayburn Studio of Stage Dancing. Antes, mudou o sobrenome da família para Astaire. No começo do século, ser judeu não era chique.

Na ânsia de tornar os filhos dançarinos, Ann obrigava-os a ensaiar até que os pés sangrassem. A dedicação rendeu dividendos. Dois anos depois, em 1906, os irmãos estrearam como profissionais na peça *Cyrano de Bergérac* – Fred no papel de Roxane, já que Adele era mais alta. A essa altura, o pai já havia se reunido à família para administrar a promissora carreira dos filhotes, que ganhavam 200 dólares por semana. Logo saíram excursionando pelo país. Enquanto os garotos da mesma idade iam para a cama cedo e comiam aveia na manhã seguinte, os artistas mirins ouviam aplausos e davam bis toda noite. As viagens de trem, as estadas em hotéis de segunda em cidades estranhas e os eventuais fracassos diante de artistas mais velhos e platéias impacientes não parecem ter traumatizado as crianças. No fundo, elas adoravam não precisar estudar. A única educação formal que receberam foi em 1909, quando Ann deu-lhes um intervalo de dois anos para que fossem à escola e aprendessem "o necessário".

Muitas andanças depois, em 1917, a Broadway abriu-lhes as portas. Fred tinha dezenove anos quando estrelou *Over the Top* com Adele. O musical foi um fracasso, mas a dupla entusiasmou os entendidos. Adele e Fred criaram uma nova linguagem: foram os primeiros brancos a unir a malícia do sapateado dos negros ao romantismo divertido das músicas de compositores, então novatos, como Irving Berlin e George e Ira Gershwin. Seus nomes brilharam nos luminosos da Broadway e, em pouco tempo, conquistaram Londres, a Escócia e o País de Gales. "Colombo pode ter dançado de alegria ao descobrir a América", disse o *Times* de Londres, "mas como exultaria hoje se também descobrisse Adele e Fred Astaire".

Eram os artistas favoritos dos Gershwin e estavam entre os poucos que freqüentavam o círculo do aristocrático Cole Porter. Na verdade, quem visse Fred sempre impecavelmente vestido, o corpo esguio, os gestos elegantes, o rosto de garoto sorridente e educado, poderia achá-lo tão ou mais nobre que qualquer um de seus amigos de sangue real. Em Londres, ele e a irmã eram os queridos da realeza. "O príncipe de Gales era minha inspiração ao me vestir", contou.

"ME AGARRE, NÃO SOU SUA IRMÃ!" Mas a convivência entre Fred e Adele nem sempre correu às mil maravilhas. Desde o início, ela era considerada a estrela da dupla – talvez por isso ele fosse tão inseguro. O esforço para se tornar um bom dançarino ultrapassava o limite do saudável. Seu perfeccionismo virou um estorvo para Adele, que →

"Não quero ser lembrado só por ter orelhas de abano", dizia Fred

MGM

Se não ganhava bem, Gene rasgava o contrato e o atirava nos produtores

gene Kelly

"A única coisa que eu sabia é que queria usar a canção 'Singin' in the Rain', de Arthur Freed, e que a dançaria em uma cena de chuva", lembrou. "Ensaiamos por dez dias, e rodamos em um e meio." Kelly não podia saber, mas estava fazendo história quando saiu debaixo da chuva, equilibrando-se no meio-fio, girando em torno dos postes e chutando poças d'água. Sua felicidade é contagiante.

Esse entusiasmo diante da vida sempre foi sua marca registrada. Talvez por isso brilhasse tanto, mesmo ao lado de parceiros nobres, como Frank Sinatra e Donald O'Connor. Gene, porém, não fazia dupla só com seres humanos. Pegava como par o que surgisse à frente, da folha de jornal e as tampas de lata de lixo de *Dançando nas Nuvens* ao cachorro e a estátua de *Vida à Larga*. "O cachorro deu trabalho porque não era um bailarino nato, só um viralata", brincava. "Com a estátua foi mais fácil do que com algumas atrizes – ela nunca se queixou." Mas Kelly é quem não podia se queixar, pois dançou com as melhores do ramo: Cyd Charisse, Leslie Caron, a espevitada Debbie Reynolds e as eletrizantes Ann Miller e Vera Ellen entre elas.

Assim como Fred Astaire, Kelly era extremamente profissional. Sua seriedade impressionou Catherine Deneuve, com quem contracenou em *Duas Garotas Românticas*. "Nunca conheci outro homem que se retirasse da mesa em pleno jantar, às nove horas, porque precisava ensaiar e decorar suas falas", comentou. É claro que Kelly tinha suas manias. Todo gênio tem.

DE OLHO NO TAPETE Quem o conheceu bem conta que o homem amável, que transbordava charme nas telas, não era dos mais fáceis. Tinha tanta consciência de seu talento que, quando lhe ofereciam menos do que valia, rasgava o contrato e o atirava na cara dos produtores. Quando Louis B. Mayer, da MGM, lhe fez a primeira proposta para deixar a RKO, Kelly considerou o valor ultrajante e escreveu a Mayer dizendo não ter interesse em trabalhar para um "vagabundo de direita". No fim, acabaram acertando os ponteiros.

Se Gene era tão exigente e invocado, essa foi uma característica que construiu ao longo de uma vida de luta e dificuldades. É compreensível que, ao chegar lá, tivesse cuidado para que não lhe puxassem o tapete. Kelly sempre disse que foi a Grande Depressão que o levou aos palcos. Embora gostasse de dançar, a profissão de bailarino não fora sua primeira escolha.

Terceiro dos cinco filhos de uma família de classe média de Highland Park, bairro de Pittsburgh, Pensilvânia, Eugene Curran Kelly nasceu em 23 de agosto de 1912. Tinha tudo para crescer e viver para sempre em sua cidade, como bom americano. No máximo, viveria algumas emoções como jogador de hóquei no gelo dos Yellow Jackets locais. A paixão pelo esporte herdou do pai, James Patrick. Adepto da ginástica, o jovem Kelly construiu o físico com natação, futebol e beisebol. Em um programa para a TV, já consagrado, demonstrou como a dança é uma extensão dos movimentos usados em modalidades esportivas.

Kelly foi uma criança agitada. Passava o dia fazendo estripulias. Foi numa dessas, aos seis anos, que ganhou a famosa cicatriz no queixo. O pequeno Gene corria a toda velocidade com seu triciclo quando aterrissou bem em cima de um pedaço de ferro. Suas memórias da infância são felizes. O trabalho do pai como vendedor não era dos piores, e viviam com conforto. Sua adolescência, porém, terminou bruscamente.

Em 1929, com a quebra da Bolsa e o início da Depressão, os Kelly tiveram de jogar os sonhos para o alto e partir para a luta. Gene arriscou-se como jornalista. Não deu certo. Quando juntou um dinheirinho, foi estudar economia e advocacia. Mas o desemprego era geral. O único lugar que parecia não recusar candidatos era o teatro de variedades. Kelly sempre gostou de dançar, interesse que lhe foi transmitido pela mãe, Harriet, apaixonada pelo →

Warner/MGM

fred Astaire

era obrigada pelo irmão a ensaiar durante o pouco tempo livre. Sua febre de perfeição parece ter se tornado ainda mais intensa nos anos de Hollywood.

A invejável leveza que sua dança transmitia era fruto de noites de insônia, durante as quais Fred repensava cada passo, para depois ensaiá-lo exaustivamente. Dizem que levava suas parceiras à loucura ao repetir até cinqüenta vezes o mesmo número. "Eu tenho de ser bom o tempo todo. Fico doente do estômago se faço algo errado", admitia.

É provável que Adele já estivesse cansada dessa vida quando aceitou se casar com o lorde Charles Cavendish, filho do duque de Devonshire. Em 1932, após 25 anos de carreira juntos, ela deixou o irmão e mudou-se para o castelo de duzentos quartos que o marido tinha na Irlanda. Astaire penou um bocado para se acostumar à carreira solo e às novas parceiras. Clare Luce, de *A Alegre Divorciada*, gritava: "Vamos lá, Fred, me agarre, não sou sua irmã!"

ORELHAS GRANDES, CHARME TREMENDO Quem estava na platéia de *A Alegre Divorciada* e viu uma mina de ouro na imagem de Fred cantando "Night and Day", de Cole Porter, era David O. Selznick, chefe de produção do estúdio RKO. "Ligeiramente calvo, personalidade apagada, orelhas enormes, não sabe representar, dança e canta um pouquinho": esse teria sido o lendário veredito dado por um executivo da RKO sobre o teste de Astaire. Tudo indica, porém, que ele já chegou a Hollywood contratado. "Apesar das orelhas e daquele queixo, seu charme é tão tremendo que superará tudo", teria declarado Selznick. Mal sabia ter nas mãos o homem que tiraria o estúdio do vermelho. Astaire, por sua vez, não poupava críticas a si mesmo: "Não gosto da minha figura na tela. Pareço um palito".

Antes de abandonar os palcos e partir para Los Angeles, ele oficializou o romance com a socialite nova-iorquina Phyllis Livingston Potter, viúva e mãe de um menino. Tiveram mais dois filhos, Fred Jr. e Ava, e viveram felizes até a morte dela, aos 46 anos, de câncer. "Foram 21 anos incríveis, e prometi a mim mesmo passar outros 21 sem pensar em outra mulher", afirmou.

Ao aportar em Hollywood, Fred torceu o nariz para o estilo dos famosos musicais de Busby Berkeley, que transformavam bailarinas em caleidoscópios. Em 1933, ele apareceu ao lado de Clark Gable e Joan Crawford em *Dancing Lady*, e foi o quinto nome do elenco de *Voando para o Rio*, atrás de Dolores Del Rio, Gene Raymond, o brasileiro Raul Roulien e uma loira oxigenada que vivia pulando de estúdio em estúdio, com a pretensão de ser atriz dramática: Ginger Rogers.

Ninguém apostava muito no filme, mas, quando eles começaram a dançar "The Carioca", o tempo parou. Feitos um para o outro, foi o que todos disseram. As platéias pediram mais, e Hollywood atendeu. Fred, alinhado na cartola, fraque e bengala, deslizou com Ginger em seus braços por cenários nos quais o luxo fazia o público esquecer a crise pela qual passava o país. Quando foram apresentados na RKO, os dois não eram propriamente estranhos. Haviam até tido um caso rápido quando se cruzaram em espetáculos da Broadway. A dupla fez dez musicais que ficaram na história, como *Roberta*, *A Alegre Divorciada* e *O Picolino*.

Se na tela irradiavam sensualidade e energia, fora delas a parceria era problemática. Após tanto tempo com a irmã, Fred queria voar sozinho, enquanto Ginger buscava papéis sérios. Astaire a achava cafona: "Nunca sabia com que monstruosidade ela viria vestida para filmar". Quando rodaram o famoso "Cheek to Cheek" de *O Picolino*, ele quase levou uns tapas da truculenta Lela Rogers, mãe de Ginger, por criticar o vestido com penas de avestruz que a atriz usava e que o fazia espirrar.

Astaire descrevia a dança como um casamento. "Dançarino e dançarina têm de ser diferentes em estilo para formar →

Fred reclamou de Ginger. E quase levou uns tapas da mãe da atriz

MGM

"É fácil dançar com uma estátua. Ela não reclama", ironizava Gene

teatro – ele e o irmão James tiveram lições de sapateado ainda pequenos. Mas foi com outro irmão, Fred, que ele formou a dupla The Kelly Brothers e passou a se apresentar.

Em 1932, a família abriu o The Gene Kelly Studio of Dance. Os contatos que fez na escola acabaram levando-o à Broadway, onde estrelou o musical *Leave It to Me*. Seu talento foi notado de imediato, e Kelly ganhou a função de coreógrafo em *Diamond Horseshoe* – em cujos bastidores conheceu sua primeira mulher, a também dançarina Betsy Blair. E bastou um grande sucesso, na peça *Pal Joey*, para que David O. Selznick o levasse para Hollywood.

FASE NEGRA Nem tudo em sua carreira foi um mar de rosas, e o final dos anos 50 mostrou-se particularmente desastroso. A começar por sua partida para a Europa. O motivo oficial foi o de beneficiar-se de uma isenção de impostos. Mas, pelo que se sabe, Gene saiu de cena para proteger Betsy, que estava na mira da perseguição aos comunistas. Quando voltou, muitos estúdios já não viam o musical como filão lucrativo. Depois, veio o doloroso fim da amizade com Donen. E, para completar, o início de uma série de desentendimentos com a MGM, que culminou com sua saída do estúdio. Mesmo no começo, os chefões implicaram por Kelly ter se licenciado para servir na Segunda Guerra.

Ele também culpava o estúdio por ter perdido dois importantes papéis. "Sempre sonhei em fazer a versão de *Pal Joey – Meus Dois Carinhos* – no cinema", conta. "Mas a MGM não me liberou para a Columbia e o filme foi estrelado por Sinatra." O mesmo ocorreu com *Eles e Elas*: o estúdio o segurou e o papel coube a Marlon Brando. "Foi uma frustração atrás da outra", lamentou.

Ele sabia que a vida útil de um dançarino não é das mais longas. Por isso, quando o musical entrou em crise, tornou-se um ator-diretor autônomo e dedicou-se a filmes não-musicais, como *Gigot* e *O Túnel do Amor*. Fez até um faroeste, *Cheyenne*. Depois matou a saudade do gênero com *Alô Dolly*, mas estava claro que a fase de ouro ficara no passado. Sua atuação em especiais para TV, porém, sempre foi muito bem vista. No cinema, amargou fracassos, como o ambicioso *Convite à Dança*, em que apresentava três números de balé, de meia hora cada, sem diálogos. Sua incursão por papéis dramáticos também não foi das mais elogiadas. "Sentia-me totalmente deslocado", admitia.

Nos anos 70, voltou à cena ao lançar a série de documentários *Era uma Vez em Hollywood*, uma coletânea dos mais importantes musicais da Metro. Foi uma verdadeira sessão nostalgia. De certa forma, reergueu o gênero novamente. Nos anos 80, já não muito bem de saúde, participou do caça-níqueis *Xanadu*. Passou os últimos anos sendo condecorado e homenageado. Quando morreu, em 2 de fevereiro de 1996, tornara-se finalmente um monumento.

A saúde de Gene agravou-se no início dos anos 90, quando sofreu um derrame. Nessa época, vivia com a escritora Patricia Ward, 41 anos mais nova. Pelo jeito, ele e Astaire (que aos oitenta casou-se com Robin Smith, de 34) compartilhavam o gosto pelas mulheres mais jovens. Na velhice, Gene parecia eternamente impregnado pelas memórias da antiga Hollywood. "Foram 45 anos de carreira", gabava-se. "E um Oscar, em 1951, pelos meus brilhantes feitos na arte coreográfica."

Kelly dizia que não queria ser visto como um astro, mas como homem comum. No fundo, porém, adorava o sucesso. "Ser astro é até meio monótono. Atrapalha a vida particular", queixava-se. "Mas, afinal de contas, não fui eu quem quis trabalhar na Broadway e em Hollywood? Muito bem: não me irrito por ter de ainda agora pagar um tributo por isso. Aceito o fato consumado e pronto." Melhor assim. ■

gene *Kelly*

Warner/MGM

MUITO MAIS QUE um dançarino

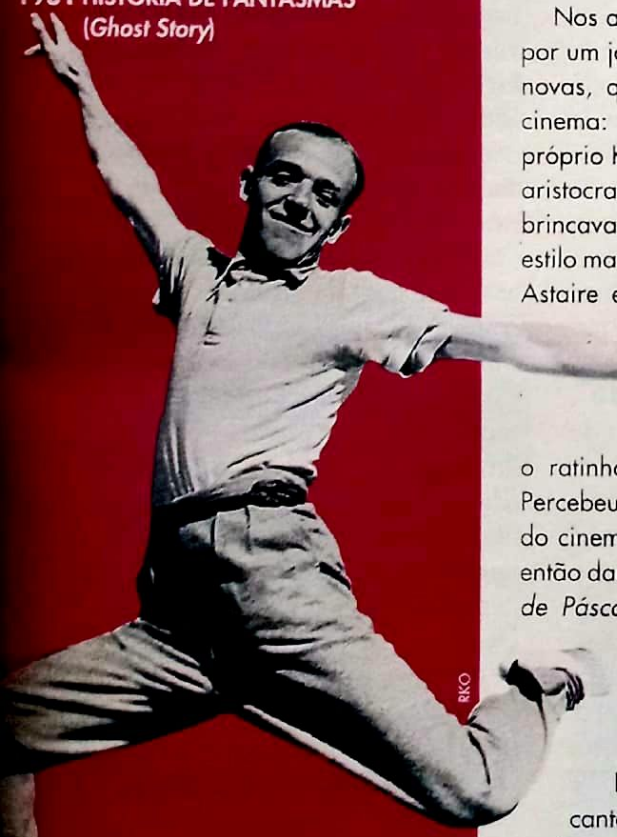
Gene Kelly também demonstrou talento como diretor e coreógrafo; seus filmes disponíveis em vídeo são:

1944 MODELOS (*Cover Girl*, também coreógrafo)
1949 A BELA DITADORA (*Take Me Out to the Ball Game*, também co-roteirista e coreógrafo)
1951 SINFONIA DE PARIS (*An American in Paris*, também coreógrafo)
1952 CANTANDO NA CHUVA (*Singin' in the Rain*, também co-diretor e coreógrafo)
1958 ATÉ O ÚLTIMO ALENTO (*Marjorie Morningstar*)
1960 ADORÁVEL PECADORA (*Let's Make Love*, ponta)
1966 JACK E OS FEIJÕES MÁGICOS (*Jack and the Beanstalk*, também diretor, para a TV)
1973 40 QUILATES (*40 Carats*)
1980 XANADU (*idem*)
1985 QUANDO HOLLYWOOD DANÇA (*That's Dancing!*)
1986 PECADO ORIGINAL (*Sins*, minissérie)
1994 ERA UMA VEZ EM HOLLYWOOD 3 (*That's Entertainment 3*)

ALGUNS PASSOS do mestre

Há poucos filmes de Fred Astaire disponíveis em vídeo – e alguns são difíceis de achar:

1933 VOANDO PARA O RIO (*Flying Down to Rio*)
1934 A ALEGRE DIVORCIADA (*The Gay Divorcee*)
1935 ROBERTA (*idem*)
O PICOLINO (*Top Hat*)
1940 AMOR DA MINHA VIDA (*Second Chorus*)
1941 AO COMPASSO DO AMOR (*You'll Never Get Rich*)
1942 BONITA COMO NUNCA (*You Were Never Lovelier*)
1951 NÚPCIAS REAIS (*Royal Wedding*)
1957 CINDERELA EM PARIS (*Funny Face*)
1974 INFERNO NA TORRE (*The Towering Inferno*)
1979 O HOMEM VESTIDO DE PAPAI NOEL (*The Man in the Santa Claus Suit*, para a TV)
1981 HISTÓRIA DE FANTASMAS (*Ghost Story*)



fred Astaire

um par harmonioso", ensinava. É verdade, já que ele nunca foi sexy como Cid Charisse em *Meias de Seda*, ou artificialmente ingênuo como Leslie Caron em *Papai Pernilongo*. E nem tão vivaz quanto a Audrey Hepburn de *Cinderela em Paris*. Mas ele gostava mesmo era da Rita Hayworth de *Ao Compasso do Amor* e *Bonita Como Nunca*: "Rita era instável, mas poderia ter se tornado a melhor dançarina do mundo".

O NOBRE E O CAMINHONEIRO

Fred sempre se irritou com a câmera irrequieta dos musicais. Quando conquistou poder suficiente, deu um ultimato: "Ou dança a câmera, ou danço eu". Foi atendido. Exigiu a câmera à altura dos olhos, o dançarino de corpo inteiro no quadro, o mínimo possível de cortes. Dali em diante, quem não soubesse dançar, rua. Foi uma revolução.

Nos anos 40, seu trono foi ameaçado por um jovem dançarino, cheio de idéias novas, que desembarcara na meca do cinema: Gene Kelly. O curioso é que o próprio Kelly venerava Astaire. "Fred é o aristocrata, eu sou o chofer de caminhão", brincava. Quando Gene surgiu com seu estilo mais acrobático, a crítica soltou que Astaire estava fora de moda. Ledo engano. Fred fascinou-se ao ver Kelly dançar com o ratinho Jerry em *Marujos do Amor*. Percebeu que era possível usar a técnica do cinema sem trair suas convicções. Só então dançou em câmera lenta em *Desfile de Páscoa* ou subiu pelas paredes em *Núpcias Reais*. Não só sobreviveu a Kelly, como tirou proveito da ousadia do colega para se aprimorar.

Era inegável, porém, que Fred cantava melhor. A pronúncia clara e o fraseado elegante inspiraram gênios como Irving Berlin, os irmãos Gershwin e Cole Porter a compor canções especialmente para ele. Entre elas, as inesquecíveis "Cheek to Cheek", "They Can't Take That Away from Me" e "Begin the Beguine". Astaire e Kelly apareceram juntos em *Ziegfeld Follies*, de 1946, e ensaiaram alguns passos no documentário *Isto Também Era Hollywood*. O respeito e a admiração sempre foram mútuos.

Astaire dizia que não havia segredos para "dançar nas nuvens", como ele. "A receita é muito suor, trabalho e preocupação." Mas, se garantia que a leveza resultava de horas e horas de ensaios, também não podia negar que a elegância era intrínseca à sua personalidade.

Seus 73 anos de carreira foram marcados pela discrição. Fred só foi a uma cerimônia do Oscar para receber o seu, em 1949, um prêmio especial. A fama de bom-moço era tão aceita que ninguém desconfiou quando afirmou que a jóquei Robin Smith, 46 anos mais jovem e seu par constante por mais de cinco anos, era só sua amiga. Quando, aos oitenta anos, ele anunciou seu segundo casamento, a notícia abalou Hollywood – não tanto pela diferença de idade, mas por o romance nunca ter vindo a público. "Fred era muito bom por dentro", dizia Robin, que ficou a seu lado até a morte dele, aos 88 anos.

Astaire detestava quando lhe perguntavam qual era sua parceira preferida – "Gene Kelly e Bing Crosby", respondia – e nunca pareceu muito à vontade entre os agitos de Hollywood. Preferia ficar ao lado da nobreza e sentia-se em casa quando o irmão do príncipe de Gales, George, o acompanhava às corridas de cavalo.

Em uma dessas corridas, em Londres, a rainha Elizabeth soube que Astaire estava presente e mandou-o chamar até a tribuna real. No meio da conversa, Astaire comentou que tivera o privilégio de dançar com a Rainha Mãe em um dos luxuosos bailes da família. Elizabeth sorriu e perguntou: "Ou será que foi ela que teve o privilégio de dançar com você?". Alguém tem dúvida da resposta? ■

"Não gosto de me ver na tela. Pareço um palito", criticava Fred

leon cakoff ele MOSTR

Há 22 anos organizando a Mostra Internacional de Cinema de São Mas, acima de tudo, provou para o público brasileiro que filme bom

Ele não mede palavras, vira e mexe está envolvido em polêmicas e é, por muitos, considerado encrenqueiro. Mas Leon Cakoff, o organizador da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, garante que a fama de brigão tem causa nobre. "Provoco mesmo", rebate. "Quero provar que é possível fazer mais pela cultura do país, e que é preciso ter coragem de peitar tudo o que barra esse crescimento." O que ninguém pode negar é que, não fosse pela garra deste baixinho elétrico, é provável que o público já estivesse sem a maior maratona de cinema do Brasil.

Nesses 22 anos dedicados ao festival, Cakoff passou por muito sufoco. Este ano não foi diferente. A um mês do início do evento – de 16 a 30 de outubro –, ele ainda corria atrás de patrocínio. O custo gira em torno de 2,1 milhões de reais. "Fico louco porque ninguém assume que a mostra não é só minha, mas do país", reclama. Foi essa falta de apoio que várias vezes o fez pensar em acabar com tudo. A verdade, porém, é que todo mundo sabe que ele sempre dá um jeito.

E, no fundo, seu trabalho está cada dia mais prestigiado. Leon mesmo admite que já não precisa mais ir a todos os festivais. "Este ano, perdi o de Berlim por causa do nascimento de meu filho Jonas", conta. "Mas todos os filmes que pedi, ou que me foram recomendados, acabaram chegando a mim em vídeo." Ele também tem olheiros, e muitos produtores o procuram por achar que determinado filme tem "a cara" da mostra. "Eu só não sei qual é essa cara", briga.

Embora ele afirme não seguir um critério de seleção, o evento ganhou fama por divulgar produções dos mais variados cantos do mundo, ou de estreantes que sofrem para encontrar distribuidora. "Não sigo uma tabelinha, escolho filmes que precisam de ajuda", explica. Se, por um lado, ele dá um empurrãozinho na carreira de muita gente, por outro colhe os frutos da boa ação. Seja pelas lágrimas de emoção do diretor Takeshi Kitano, de *Hana-Bi*, ao ser convidado a abrir a mostra de 1997 (ele assina o cartaz deste ano), seja pelos contatos que faz.

"OPINIÃO DE PREGUIÇOSOS"

"Ganhei os direitos de exibição de *Asas do Desejo*, de Wim Wenders, porque o produtor disse que gostaria de me agradecer de alguma forma." Assim como Leon se frustrava com o fim do evento, os produtores não queriam que a carreira do filme parasse ali. Foi então que ele passou a atuar como distribuidor de cinema e vídeo, e planeja agora criar um selo de vídeo.

Leon costuma reunir mais de 150 filmes e este ano espera ver 200 mil cinéfilos circulando pelas salas do Cine Vitrine, MIS, Centro Cultural São Paulo, Masp e Cinearte. Por causa do enorme número de títulos, ele às vezes é acusado de privilegiar a quantidade, não a qualidade. "Essa opinião vem dos preguiçosos que só reclamam", retruca. Ele próprio diz ter passado por essa fase. "Por isso deixei de ser crítico: só falava mal e culpava os outros, mas não fazia nada."

De origem armênia (seu sobrenome real é Chadaverian), Leon nasceu na Síria, mas as primeiras lembranças são da infância saudável na Serra da Cantareira. "Desde que assisti a *20.000 Léguas Submarinas*, percebi que através dos filmes era possível conhecer lugares, pessoas e mundos diferentes." Mais do que cinéfilo, ele se define como alguém preocupado com a sociedade. Por isso fez antropologia. "Esse é meu papel: aproximar culturas."

Como o mercado não estava para antropólogos, ele arranjou emprego como crítico no *Diário de São Paulo*. Mas foi como diretor do departamento de cinema do Masp que criou a mostra, para celebrar os trinta anos do museu. E, da sétima para a oitava edição, em 1984, decidiu fazê-la sozinho. "Eu gostava do Bardi (*Pietro Maria Bardi, que dirigia o Masp*), mas ele ficava enciumado com as coisas que cresciam e fugiam ao seu controle."

Nestes anos de batalha solitária, Cakoff quase foi preso ao enfrentar a censura prévia, lutou contra as leis alfandegárias e fez mais inimigos do que amigos. Enquanto isso, a mostra foi crescendo e mudando. Tornou-se competitiva e cada vez mais respeitada. "Inventei o prêmio de público", diz. "E eu e a Renata (*Renata de Almeida, sua esposa*) assistimos a mais de mil filmes para fazer uma escolha justa."

Leon rejeita o título de "Sr. Mostra" e diz que seu verdadeiro desejo é provocar mudanças. "O público tem

A tudo

Paulo, ele já comprou muitas brigas. se faz em qualquer lugar do mundo

de perceber que está conhecendo em primeira mão o trabalho de alguém que pode ser famoso no futuro." Como exemplo, lembra que o desconhecido Quentin Tarantino veio à mostra de 1992, para divulgar *Cães de Aluguel*, e teve sua presença recusada num conhecido talk-show. Apesar dos pesares, ele não esconde que é esse um trabalho que lhe dá prazer: "Não imagina o que senti quando encontrei, em Paris, um enorme cartaz de *O Jarro* que dizia: 'Premiado em Locarno e na Mostra Internacional de São Paulo'. Quase caí para trás". Bem, até que dá para imaginar sim.

Suzana Uchôa Itiberê

OS DESTAQUES DA 22ª MOSTRA

Entre os títulos que já estão confirmados, destacam-se:

- ***Velvet Goldmine***, de Todd Haynes, com Jonathan Rhys-Meyers e Ewan McGregor
- ***A Vida É Bela***, do italiano Roberto Benigni, vencedor do prêmio do júri em Cannes
- ***Aprile***, do italiano Nanni Moretti, diretor de *Caro Diário*
- ***Felicidade***, de Todd Solondz, o aclamado diretor de *Bem-Vindo à Casa de Bonecas*
- ***Carne Trêmula***, de Pedro Almodóvar
- ***Welcome to Woop Woop***, do diretor do australiano *Priscilla – A Rainha do Deserto*
- ***Conheço Essa Música***, de Alain Resnais
- ***Jeanne et le Garçon Formidable***, dos novatos Olivier Ducastel e Jacques Martineau
- ***Os Idiotas***, do dinamarquês Lars Von Trier
- ***O Silêncio***, de Mohsen Makhmalbaf, que ganhou uma retrospectiva na 19ª edição

Eduardo Albarello

Você vai ver O Mentiroso. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1, dia 31/10, às 21:00h. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando. Neste mês são 769 filmes, dos mais variados gêneros, todos com o som original, legendados e sem intervalos. Quem não tem Telecine não tem cinema.

Assine já NET ou SKY - 0800-992211.

www.telecine.com.br

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INÉDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTÍFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMÉDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE, ISTO É CINEMA

BLOCKBUSTER

NA COMPRA DE UMA DESTAS FITAS, VOCÊ CONCORRE A UMA VIAGEM À DISNEY E A MILHARES DE BONÉS.

APROVEITE E CORRA PARA A BLOCKBUSTER MAIS PERTO DE VOCÊ.

R$ 5,90 CADA

FLASHSTAR HOME VIDEO

Na compra de um destes desenhos, você leva uma raspadinha.
Não perca tempo! Raspe logo, você pode ganhar 1 boné exclusivo da Blockbuster ou uma viagem à Disney.
Promoção válida de 25/09/98 à 31/12/98 ou enquanto durar o estoque.

o teste d

Ir à locadora no sábado é mesmo garantia de frustração? Nós des

Ida às locadoras no dia de sábado é uma verdadeira tortura: loja apinhada de gente, os filmes mais interessantes já alugados, o stress geral de sair de casa para muitas vezes voltar de mãos abanando. Será que é mesmo assim? Ou melhor: será que a*inda* é assim? Para verificar as verdades e mentiras sobre os embalos de sábado à tarde nas locadoras brasileiras, SET reuniu uma equipe de oito colaboradores, que foram às ruas com faro crítico. Os jornalistas receberam a incumbência de escolher seis filmes: um lançamento quentíssimo, um lançamento mais ou menos recente, um clássico, um filme infantil, um cult-movie ou filme alternativo e um lançamento comercial antigo. Definiu-se então que, no dia 29 de agosto, o último sábado do mês, cada colaborador iria a uma locadora diferente às seis da tarde, munido da lista.

O saldo desse garimpo foi bem melhor do que se imaginava. Salvo dois casos trágicos, nossos investigadores saíram com diversão garantida para o fim de semana. Só uma coisa nenhum deles conseguiu: alugar o tal do lançamento quentíssimo. Mas não porque outros felizardos tivessem chegado antes, e sim porque as locadoras ainda não haviam recebido cópias desses títulos. E aí o milagre fica mesmo impossível.

Fotos: André Perazzo

BLOCKBUSTER (São Paulo)
Quem foi: Sérgio Martins, editor da revista *ShowBizz*, da Editora Abril
Quais filmes queria alugar: *U.S. Marshals – Os Federais, 007 O Amanhã Nunca Morre, A Marca da Maldade, Hércules, O Balconista, Perigo Real e Imediato*
Quais filmes encontrou: *007 O Amanhã Nunca Morre, A Marca da Maldade, Hércules, O Balconista, Perigo Real e Imediato*
Como foi a visita: Ao chegar, o cliente é recebido com um sorriso, mas dentro da loja é difícil fazer com que um atendente lhe dê atenção. A rede não aluga filmes adultos. Trabalha, porém, com venda direta e comercializa ainda fitas seminovas, doces, salgados e o guia de vídeo da própria Blockbuster. Tem o chamado "quick drop", no qual as fitas são devolvidas em uma caixa especial, sem que seja preciso entrar na loja. As fitas infantis custam um real a menos que todas as outras. O cliente pode freqüentar qualquer loja da rede, desde que preencha uma ficha no local.

"O filme que você quer alugar hoje fatalmente estará na banca de ofertas daqui a três meses. Para quem coleciona, é uma boa"

Aluguel

brimos que a verdade não é tão cinzenta assim

POR QUE OS LANÇAMENTOS QUENTES NÃO FORAM ENCONTRADOS?

Fato: nenhum dos participantes desta reportagem conseguiu alugar o lançamento quentíssimo, aquele que deveria ter acabado de chegar às locadoras – segundo o prazo anunciado pelas próprias distribuidoras. É compreensível que as fitas demorem a chegar aos pontos mais distantes do país. Mas como explicar que isso aconteça em praças centrais, como São Paulo e Rio de Janeiro? Pois é. As distribuidoras precisam estabelecer datas mais realistas, ou continuarão frustrando a clientela.

PREMIERE (São Paulo)

Quem foi: Vitor Paolozzi, editor-assistente da revista *Veja*, da Editora Abril

Quais filmes queria alugar: *O Fim da Violência, Contato, Testemunha de Acusação, Ferngully, Joe e as Baratas, O Jornal*

Quais filmes encontrou: *Contato, Testemunha de Acusação, Ferngully* e *O Jornal* em cópia dublada

Como foi a visita: Uma única funcionária atendia vários sócios ao mesmo tempo. As fitas adultas ficam em uma área proibida para menores de idade. Além de trabalhar com venda direta, a locadora também comercializa DVDs, games e acessórios para vídeo. O sócio de uma loja não pode alugar em outra da mesma rede. Vitor alugou mais dois filmes de catálogo para pagar menos e ficar mais dias com as fitas – um bom negócio.

"A Premiere fica perto de casa, e seu acervo é de muita qualidade"

CLASSIC VÍDEO (Recife)

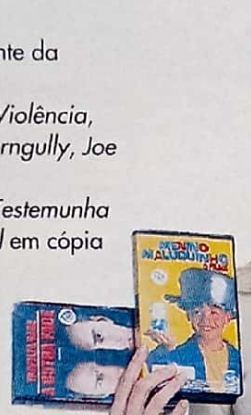
Quem foi: Rodrigo Salem, repórter do jornal *Diário de Pernambuco*.

Quais filmes queria alugar: *Possuídos, Hamlet, O Poderoso Chefão, Batman Abaixo de Zero, Plan 9 from Outer Space, Coração Satânico*

Quais filmes encontrou: *Hamlet, O Poderoso Chefão, Plan 9 from Outer Space, Coração Satânico*

Como foi a visita: A locadora, de médio porte, é apertada e pouco confortável. O atendimento foi correto, mas os funcionários da casa ficaram atrás do balcão, apenas indicando para onde o sócio deveria se dirigir. As fitas adultas são escolhidas em dois álbuns com as capinhas dos títulos à disposição – os filmes permanecem inacessíveis. Preço único para todas as fitas: apenas 3 reais!

"A locadora grava episódios de séries de TV escolhidos pelos clientes e faz a edição final de vídeos particulares"



Ricardo Barba

2001 (São Paulo)

Quem foi: Suzana Uchôa Itiberê, jornalista

Quais filmes queria alugar: *Amistad, A Outra Face, Cantando na Chuva, Menino Maluquinho – O Filme, A Rainha Margot, Asas do Desejo*

Quais filmes encontrou: *A Outra Face, Cantando na Chuva, Menino Maluquinho – O Filme*

Como foi a visita: A locadora estava razoavelmente cheia, mas o atendimento foi personalizado e profissional. A 2001 quase não trabalha com filmes adultos. A rede oferece o Ticket Vídeo, com o qual se pagam quinze locações antecipadamente e com desconto no preço final. É possível alugar filmes em qualquer loja da rede.

"É difícil resistir à enorme quantidade de títulos à venda, já que a oferta é de dar água na boca"

"Mesmo se houvesse uma Blockbuster por perto, eu dificilmente trocaria de locadora. Os preços são mais baixos, o pessoal reserva filmes e liga em casa"

Fotos: André Perazzo

BILOKA'S (São Paulo)

Quem foi: Renato Viliegas, jornalista e diagramador da revista *Ação Games*, da Editora Abril

Quais filmes queria alugar: *Possuídos, Força Aérea Um, Juventude Transviada, Bernardo e Bianca, Veludo Azul, Forrest Gump*

Quais filmes encontrou: *Juventude Transviada, Bernardo e Bianca, Forrest Gump*

Como foi a visita: Esta é a típica locadora de bairro: funcionários e clientes tratam-se como amigos. A sala reservada para os filmes adultos é apertadíssima. O espaço é tão reduzido que os lançamentos mais recentes ficam à disposição no balcão de atendimento, e há cartazes colados até no teto.

"Muitos sócios chegaram à locadora com a idéia exata do que queriam alugar"

ESTAÇÃO VÍDEO (Rio de Janeiro)

Quem foi: Cesar Garcia Lima, jornalista e escritor

Quais filmes queria alugar: *Amistad, Teoria da Conspiração, A Felicidade Não se Compra, Fievel – Um Conto Americano, Revolução de 30* e *Léolo*

Quais filmes encontrou: *A Felicidade Não se Compra*

Como foi a visita: A locadora forma uma rede junto a duas outras lojas em salas do circuito Estação Unibanco. Além de um pequeno número de fitas, o único item que estava sendo vendido era... uma pintura a óleo! Quem devolver qualquer fita "Novidade" até as cinco da tarde do mesmo dia paga metade da diária e ganha um bônus – reunindo dez, uma locação grátis.

HOBBY VÍDEO (São Paulo)

Quem foi: Alessandro Giannini, jornalista

Quais filmes queria alugar: *Gênio Indomável, Advogado do Diabo, Rashomon, A Pequena Sereia, Subúrbia, Coração Selvagem*

Quais filmes encontrou: *A Pequena Sereia, Coração Selvagem*

Como foi a visita: A Hobby do Sumaré é bastante espaçosa. Os filmes adultos, que antes ocupavam uma sala exclusiva, estão em local reservado, mas bem visível. A loja vende fitas novas e usadas, além de itens de bonbonnière. Mesmo a Hobby sendo uma rede, o usuário precisa ter um cadastro diferente para cada loja.

"O que me chamou a atenção foi o fato de a atendente não ter sugerido *Os Sete Samurais*, que vi exposto, no lugar de *Rashomon*"

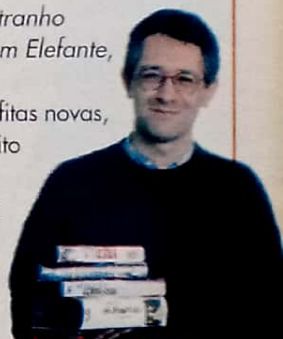
BOULEVARD VÍDEO (São Paulo)

Quem foi: Sérgio Rizzo, jornalista e professor universitário

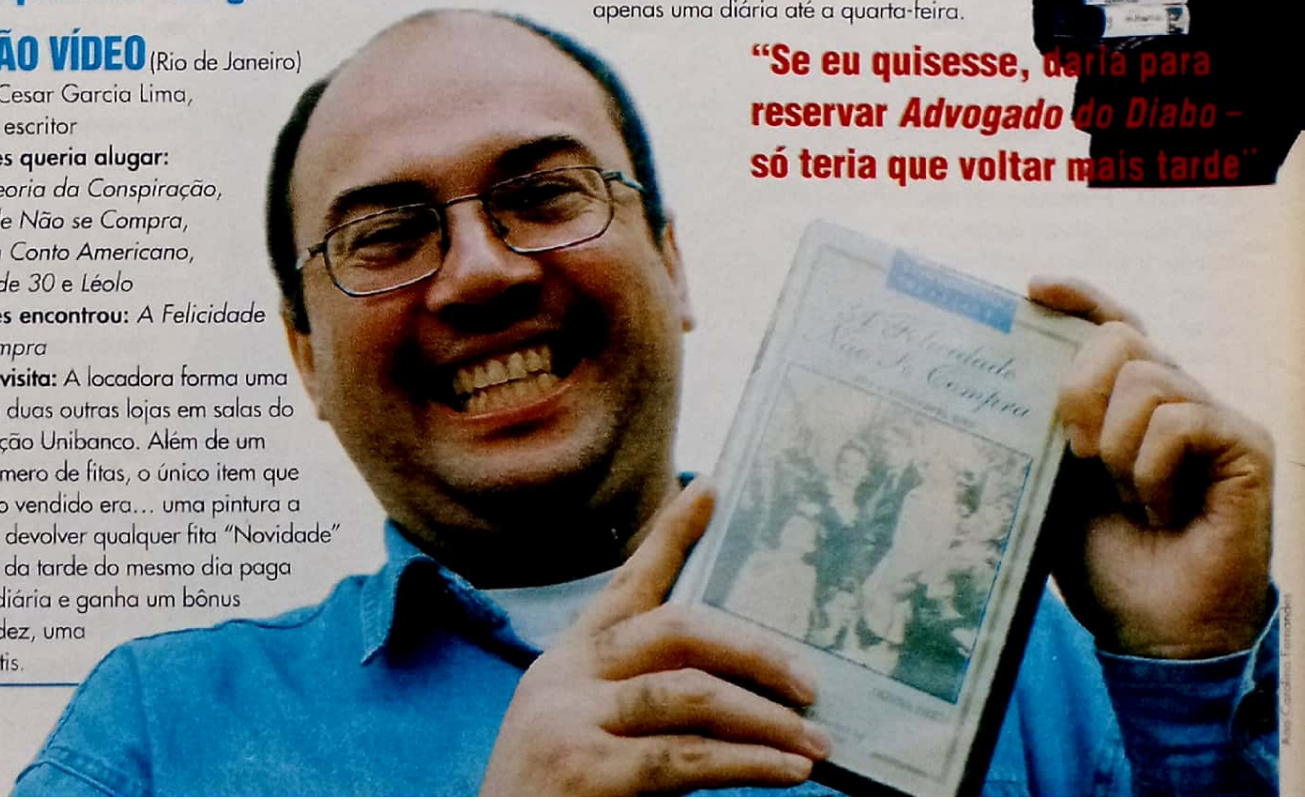
Quais filmes queria alugar: *Jackie Brown, Advogado do Diabo, A Doce Vida, O Estranho Mundo de Jack, O Homem Elefante, Instinto Selvagem*

Quais filmes encontrou: *A Doce Vida, O Estranho Mundo de Jack* em cópia dublada, *O Homem Elefante, Instinto Selvagem*

Como foi a visita: A locadora vende games, fitas novas, usadas ou virgens. As instalações não são muito confortáveis – quando há duas pessoas no mesmo corredor, o espaço se torna motivo de disputa. A seção de clássicos é bem confusa. Sérgio retirou quatro fitas no sábado e pagou apenas uma diária até a quarta-feira.



"Se eu quisesse, daria para reservar *Advogado do Diabo* – só teria que voltar mais tarde"



PARTICIPE DESTA PROMOÇÃO:

RESPONDA A FRASE ABAIXO, ENVIE À WN, E GANHE UM LINDO BRINDE.

"QUEM COMPRA NA _____ NÃO FICA PENDURADO DEPOIS."

AQUI VOCÊ TEM A MAIOR SEGURANÇA E OS MELHORES PREÇOS.

PARA NÃO FICAR PENDURADO, COMPRE NA WN.

MONTE A SUA VIDEO LOCADORA COM A WN E APROVEITE ESSAS OFERTAS:

- 350 FITAS INCLUINDO LANÇAMENTOS
- 350 ESTOJOS NOVOS
- PRATELEIRAS PARA FITAS
- REBOBINADOR NOVO
- PORTA POSTER
- POSTERS A VONTADE

FRETE GRÁTIS PARA TODO O BRASIL NA COMPRA DO LOTE

ABERTO DAS 9:00 ÀS 18:00 HORAS

WN

TELEVENDAS: 6959-7959

RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 18h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h

TELEFAX: (011) 290-8143

VALE A PENA INVESTIR EM UM HOME THEATER?

Nem toda a tecnologia pode pôr em casa o encanto do cinema. Mas há recursos sofisticados que garantem diversão com muito charme

Virou coqueluche. Agora ninguém pensa simplesmente em comprar uma televisão: fala-se em home theater. As empresas de aparelhos eletrônicos aproveitam a onda e embarcam também no termo pomposo. O que era antes requinte de milionários está se popularizando e entrando de vez na casa dos aficionados da telona. E o que é preciso para se incluir nessa lista dos privilegiados que têm, em sua sala de estar, uma recriação do ambiente dos cinemas? Primeiro: não é preciso muito dinheiro. Pode-se começar aos poucos, como vamos ver aqui.

O conceito de home theater – que surgiu da cabeça inventiva do diretor George Lucas, criador da série *Guerra nas Estrelas* –, consiste basicamente de uma tela grande e som *surround*, responsáveis pelo efeito envolvente que só o cinema nos dá. Para conseguir esses dois efeitos, no entanto, é necessário um equipamento básico, composto por uma televisão de tela plana de 29 a 34 polegadas, videocassete hi-fi, um receiver (que reúne as informações de áudio e vídeo) e cinco caixas acústicas de médio porte. Esse é o começo. E é mais fácil começar quando já se tem alguns desses aparelhos, o que não é raro.

O único pré-requisito para montar um home theater – além dos equipamentos, claro – é o espaço. Não é qualquer ambiente que se presta a se converter em um. O sofá, por exemplo, precisa estar a uma distância de 2,5 metros a 3 metros da tela. Já as caixas devem estar dispostas nos cantos do ambiente, para dar a sensação de envolvimento e o som não "embolar". Logo, tudo precisa ser planejado conforme o tamanho de sua sala. Para o conjunto simples de home theater, o mais indicado é uma área de doze metros quadrados.

Por ser formado por vários equipamentos que não necessariamente têm de ser da mesma marca ou geração, o home theater pode ir crescendo de acordo com seu orçamento. Pode-se começar com 2 mil reais – e avançar até valores cem vezes maiores do que esse. Independentemente de como se começa – e do quanto se gasta –, é importante que todo modelo de home theater inclua a possibilidade de um *upgrade*. Ou, em outras palavras, de ir crescendo e se sofisticando. Se você estiver pensando em um modelo mais arrojado, não deixe de consultar um projetista – nome dado aos funcionários que adequam o home theater às dimensões de sua casa.

Um home theater de última geração vai depender, portanto, dos elementos que você escolheu para compor seu cinema particular. E aí não podem faltar equipamentos como TV com vídeo embutido, DVD player, telão, projetor, videolaser e até videogame. Para governar toda essa parafernália eletrônica, há modelos sofisticados de controles universais que programam os aparelhos, regulam o som e tudo o mais que sua imaginação mandar. Aí é só preparar a pipoca e torcer para o telefone não tocar no meio do filme!

Gabriela Aguerre é repórter da revista Superinteressante, *da Editora Abril.*

Pedro Rubens

O prazer de ter um cinema em casa pode ser conquistado com gastos a partir de 2 mil reais

NADA SE CRIA, TUDO SE TRANSFORMA

Refilmar não é vergonha: desde tempos remotos, histórias iguais ganham versões diferentes, agradando a novas platéias

Você conhece bem esta trama: moça de sociedade, porém arruinada, compromete-se a casar com um homem pobre. Adicione uma grande catástrofe e você tem *Titanic*, o maior sucesso dos últimos tempos. A base dessa mesma história já foi recontada inúmeras vezes e continuará a ser, com outras variantes. Desde os mais remotos tempos, histórias iguais são narradas com poéticas diferentes, transformando-se e agradando a novas platéias.

No cinema, uma boa história poderá ser filmada inúmeras vezes. Partindo da Bíblia, Cecil B. DeMille filmou duas vezes *Os Dez Mandamentos* – em 1923, ainda no cinema mudo, e em 1956 –, ambas com estrondoso sucesso. Alfred Hithcock, um gênio da autoria cinematográfica (pois conseguiu criar um estilo para amplas camadas de público como nenhum outro cineasta), refilmou sua própria obra: realizou *O Homem que Sabia Demais* em 1934 e uma segunda versão, com outro roteiro, em 1956. *Psicose* gerou nada menos que três continuações e um filme para TV, e está sendo refeito neste momento, com Anne Heche substituindo a Janet Leigh do original. Vamos conferir o resultado no ano que vem.

Warner

Grace Kelly em *Disque M para Matar*

Neste momento, Hitchcock é rememorado nas telas com *Um Crime Perfeito*, inspirado em *Disque M para Matar*, que ele filmou em 1954, com Grace Kelly e Ray Milland. Nessa época, Hitchcock, já famoso, firmara contrato com a Warner e aceitou basear-se numa peça teatral de grande sucesso. *Disque M* foi filmado em cores pelo processo conhecido como 3D. Para o espectador ter essa sensação de três dimensões, era necessário ver o filme com óculos especiais cedidos no início da sessão e devolvidos ao final – invenções para inovar o cinema diante da afirmação da televisão. Entretanto, em inúmeros países o filme foi exibido normalmente, pois os exibidores nem sempre estavam dispostos a investir nos tais óculos, que tinham aros de papelão e lentes de papel de seda.

Apesar do sucesso da produção, que não escondia sua origem teatral, com muitos diálogos e poucas locações, *Disque M para Matar* não foi um filme querido por Hitchcock, nem tampouco muito considerado em sua filmografia. Foi, porém, refilmado para a televisão em 1981, com Angie Dickinson no papel que fora de Grace Kelly. Agora, retorna em nova versão em *Um Crime Perfeito*. A nova loira, Gwyneth Paltrow, reinterpreta o papel de Grace Kelly ao lado de Michael Douglas, amigo dos pais da jovem atriz durante anos. Problemas familiares, pois a atriz declarou: "Como meu pai e minha mãe irão ver este filme se faço amor com Michael?". Solução: a cena foi posteriormente cortada. A equipe de criadores do filme tem competência em *remakes*: o diretor Andrew Davis e o produtor Arnold Kopelson realizaram o bem-sucedido *O Fugitivo*, adaptado de um seriado de TV.

Até no Brasil o fato ocorre (isso para não falar nos *remakes* de novelas): o grande sucesso brasileiro *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, estrelado por Sônia Braga em 1977, virou *Kiss Me Goodbye* em 1982, com Sally Field no lugar de Sônia. Dessa vez, contudo, os americanos erraram – o filme foi um fracasso retumbante.

Esperemos por outras refilmagens, acreditando no princípio de Lavoisier: na natureza, nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma.

Francisco Ramalho dirigiu e escreveu, entre outros, Besame Mucho, O Cortiço e À Flor da Pele. *É associado de Hector Babenco, de quem produziu, entre outros,* O Beijo da Mulher Aranha *e* Coração Iluminado.

10 MENTIRAS QUE O CINEMA INSISTE EM DIZER QUE SÃO VERDADES

Qual o único lugar em que as leis da física e do bom senso não valem? A tela grande!

1 CACHORROS SÃO INDESTRUTÍVEIS Depois de uma guerra nuclear, não são as baratas nojentas que herdarão a Terra, e sim o melhor amigo do homem. Cachorros sobrevivem a erupções vulcânicas, assassinos psicopatas, tornados furiosos e até invasões alienígenas – sem nunca deixar de abanar a cauda. "Mundo cão" de verdade é o do lado de lá das telas.

2 DIRETORES DE PRESÍDIOS SÃO SÁDICOS E PERVERSOS Deus nos livre de sermos presos em alguma cadeia americana. Se depender do que é mostrado no cinemão ianque, qualquer câmara de gás é melhor do que passar alguns anos sob o jugo de diretores sádicos que fazem de tudo para derrotar física e espiritualmente os homens sob sua custódia.

3 TODO ORIENTAL É ESPECIALISTA EM ARTES MARCIAIS Parece que as pessoas nascidas na Terra do Sol Nascente – ou na China, ou na Coréia... – dominam alguma arte marcial desde o berço e são ótimas em quebrar ossos, estourar clavículas e fazer caretas. Fica o aviso: se algum oriental invocar com você, peça desculpas e saia de fininho.

4 ABRIR UMA FECHADURA COM UM PEDAÇO DE ARAME É FÁCIL Você trancou a porta do carro com a chave dentro? Ou bateu a porta da casa e deixou o chaveiro em cima da cama? Não tem problema: com um pedacinho de arame, é simples abrir qualquer fechadura – pelo menos do lado de lá da tela. Já do lado de cá, o máximo que conseguimos é estragar a porta e ganhar uma bela conta com o chaveiro.

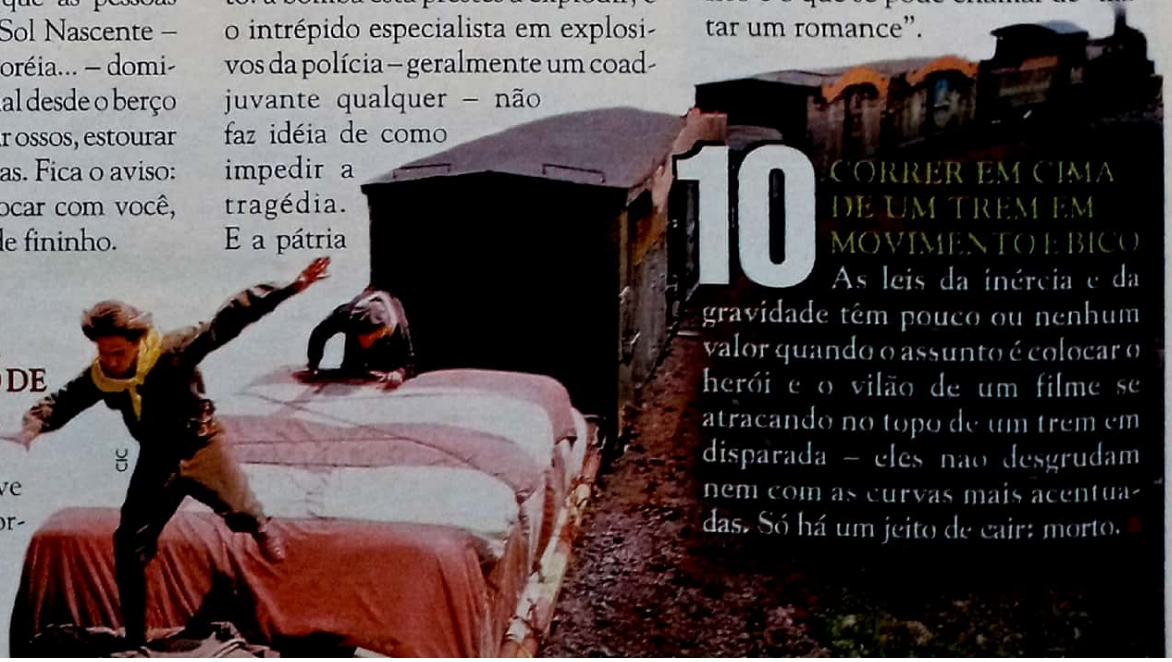
5 POLICIAIS ÍTALO-AMERICANOS SEMPRE TÊM ALGUM AMIGO DE INFÂNCIA NA MÁFIA Os imigrantes e descendentes de italianos que vivem em Nova York possuem apenas duas vocações: ou escolhem o lado da lei e se tornam policiais ou são atraídos pelo dinheiro fácil e entram para a máfia – e elegem as ruas da Grande Maçã para resolver diferenças de infância a bala. Como Nova York está coalhada de ítalo-americanos...

6 ESPECIALISTAS EM EXPLOSIVOS SÃO INCOMPETENTES Não tem jeito: a bomba está prestes a explodir, e o intrépido especialista em explosivos da polícia – geralmente um coadjuvante qualquer – não faz idéia de como impedir a tragédia. E a pátria sempre é salva por aquele policial engraçadinho (o astro do filme) que teima em cortar o fio vermelho.

7 É FÁCIL DERRUBAR ALGUÉM COM UMA CACETADA NA CABEÇA No cinema, deixar um sujeito desacordado é moleza: basta acertar a cabeça dele com qualquer coisa (até as mãos) que o indivíduo parte para a terra dos sonhos. Aqui as coisas são um pouco diferentes. Seu antagonista ganha uma bruta dor de cabeça, e você, um olho roxo.

8 ASSASSINOS CONSEGUEM ESCONDER TODOS OS CORPOS ATÉ O ÚLTIMO SEGUNDO Quando um bando de adolescentes é eliminado aos poucos por algum maníaco em um lugar isolado, ninguém sente falta das duas dúzias de jovens desaparecidos – até que os corpos começam a aparecer por todos os lugares. Aí já é tarde demais.

9 DOENÇAS FATAIS SÃO UMA GRANDE OPORTUNIDADE PARA SE APAIXONAR Tudo bem, as pessoas ficam mais emotivas e sensíveis quando um ente querido está à beira da morte – mas isso não é desculpa para qualquer casal se apaixonar perdidamente quando um deles admite estar com uma doença fatal. Isso é o que se pode chamar de "matar um romance".



10 CORRER EM CIMA DE UM TREM EM MOVIMENTO É BICO As leis da inércia e da gravidade têm pouco ou nenhum valor quando o assunto é colocar o herói e o vilão de um filme se atracando no topo de um trem em disparada – eles não desgrudam nem com as curvas mais acentuadas. Só há um jeito de cair: morto.

UM CRIME PERFEITO

SET RECOMENDA

O diretor de *O Fugitivo* readapta com êxito o suspense *Disque M para Matar*

A idéia de refazer um grande sucesso do cinema é, em princípio, uma aposta arriscada – por dois motivos. Primeiro, porque a nova versão sempre será comparada ao original. E, segundo, crítica e público costumam decretar que o original sempre é melhor. Não é difícil imaginar o porquê: refilmagens contemporâneas como a do suspense *Diabolique*, protagonizado por Sharon Stone, só servem para provar que alguns filmes não passam de desperdício de dinheiro.

Felizmente, esse não é o caso de *Um Crime Perfeito*, uma versão atualizada – e melhorada! – de *Disque M para Matar* – que, por sinal, não se inspira no filme de Alfred Hitchcock, e sim na peça em que o grande diretor se baseou. Contando com a direção de Andrew Davis (de *O Fugitivo*) e um elenco afiadíssimo, comandado por Michael Douglas, o novo filme é daqueles suspenses que acumulam tensão até o final explosivo.

Ligações perigosas: Michael Douglas é o milionário que trama a morte de Gwyneth Paltrow nas mãos do artista Viggo Mortensen

Douglas é um milionário que, ao mesmo tempo, faz duas descobertas importantes: ele está à beira da falência, e sua mulher, Gwyneth Paltrow, está dormindo com outro homem, o artista marginal Viggo Mortensen. Para resolver sua encrenca financeira e embolsar os milhões da herança de Gwyneth, ele contrata o próprio amante da esposa para matá-la. É claro que isso é só o começo de uma trama muito bem amarrada e – melhor ainda – que não ofende a inteligência da platéia com soluções vulgares.

O público certamente vai sentir falta do ritmo acelerado conferido pelo diretor a *O Fugitivo*. Mas a proposta aqui é completamente diferente: mais do que outra aventura de verão, *Um Crime Perfeito* é o filme elegante que estava faltando nesta temporada.

(A Perfect Murder, EUA, 1998) ***Direção:*** *Andrew Davis.* ***Com*** *Michael Douglas, Gwyneth Paltrow, Viggo Mortensen, David Suchet, Sarita Choudhury, Constance Towers. 107 min.* ***www.aperfectmurder.com***

OS PERIGOS DE PSICOSE

Se refilmar uma obra de Alfred Hitchcock já é perigoso, imagine ter a ousadia de recriar seu maior clássico. Mas de ousadia o diretor Gus Van Sant, autor de *Garotos de Programa* e *Gênio Indomável*, entende bem: é dele a tarefa de comandar o novo *Psicose*, que estréia nas telas americanas em dezembro. Mais do que uma refilmagem, o filme está sendo chamado de "recriação": além de usar o mesmo roteiro (e roteirista) do original, Van Sant está rodando as cenas com os mesmos ângulos usados pelo mestre do suspense. A grande diferença fica por conta do uso da cor (*Psicose* era em preto-e-branco) e do elenco jovem, com Vince Vaughn, de *O Mundo Perdido*, no papel de Norman Bates e Anne Heche interpretando Marion Crane, a primeira vítima do assassino.

PEQUENOS GUERREIROS

O diretor de *Gremlins* tenta reencontrar o sucesso com esta aventura infanto-juvenil. Para não perder o investimento feito em chips militares capazes de dotar objetos de vontade própria, uma empresa decide testá-los em soldados de brinquedo. Mas os brinquedos, programados para a batalha, declaram guerra à vizinhança. Pena que os fantásticos efeitos especiais não seguram a trama fraquinha.

(Small Soldiers, EUA, 1998) **Direção:** *Joe Dante.* **Com** *Gregory Smith* **e as vozes de** *Tommy Lee Jones, Frank Langella. 108 min.*

DESCONSTRUINDO HARRY

Na nova comédia de Woody Allen, que demorou um ano para chegar às telas brasileiras, o diretor e ator interpreta o personagem que melhor sabe fazer: ele mesmo. Allen é Harry Block, um brilhante escritor que, por contar os detalhes de seus relacionamentos a cada livro que faz, destrói mais um pouco sua vida social. Amoral e preocupado apenas com sexo e trabalho, o protagonista é um reflexo distorcido do próprio Allen, que parece usar a tela do cinema como divã. Não que isso seja um problema, já que *Desconstruindo Harry* mantém o mesmo (alto) nível dos últimos filmes do diretor.

(Deconstructing Harry, EUA, 1997) **Direção:** *Woody Allen.* **Com** *Allen, Kirstie Alley, Judy Davis, Elisabeth Shue, Billy Crystal, Robin Williams, Demi Moore. 95 min.*

Lloyd: chefão atrapalhado

MÁFIA!

Depois de ajudar a criar *Apertem os Cintos... O Piloto Sumiu!*, o diretor Jim Abrahams parou no tempo. A prova é *Máfia!*, uma paródia a filmes de mafiosos, na qual ele tenta fazer rir apostando na memória do público, com Lloyd Bridges fazendo um *capo* nada poderoso. Mas nem algumas tiradas inspiradas impedem que *Máfia!* se perca na mesmice.

(EUA, 1998) **Direção:** *Jim Abrahams.* **Com** *Lloyd Bridges, Jay Mohr, Christina Applegate, Olympia Dukakis. 84 min.*

Samuel L. Jackson e sua filha: fim da inocência

Reprodução

SET RECOMENDA

AMORES DIVIDIDOS

A diretora estreante Kasi Lemmons retrata o sul dos EUA com imaginação e leveza

Das peças de Tennessee Williams ao recente *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*, o sul dos EUA figura na imaginação dos americanos como um lugar místico e sensual, em que as coisas mais estranhas podem acontecer. *Amores Divididos*, a estréia na direção da atriz Kasi Lemmons, apóia essa teoria, mas inova ao encenar suas tramas de discórdia, sedução e perda de inocência em meio a uma família negra que, nos anos 50, vive a vida com muito conforto – mas não com muita harmonia.

"Eu tinha dez anos no verão em que matei meu pai", anuncia já na primeira cena a voz de Eve Batiste. O pai em questão, Louis (o excelente Samuel L. Jackson), é médico e um ídolo não só para suas filhas, Eve e a adolescente Cisely, mas também para suas pacientes, com quem gosta de travar contatos muito íntimos. No verão em que elas descobrem as escapadas paternas, as tensões dentro de casa estão chegando ao ponto de ebulição. À maneira sulista, serão resolvidas com lances dramáticos, uma boa interferência do sobrenatural e uma notável leveza por parte da diretora, que nunca perde o humor nem exagera nas tintas.

(Eve's Bayou, EUA, 1997) **Direção:** *Kasi Lemmons.* **Com** *Samuel L. Jackson, Jurnee Smollett, Meagan Good, Lynn Whitfield, Debbi Morgan, Diahann Carroll. 109 min.* **www.trimarkpictures.com/screening/eves**

A RAZÃO DO MEU AFETO

Os opostos se atraem nesta simpática comédia romântica. Jennifer Aniston (da série *Friends*) se apaixona por seu companheiro de apartamento, Paul Rudd. Mas nem tudo é perfeito: ele é gay e ela está grávida do ex-namorado. O maior problema de *A Razão do Meu Afeto*, porém, é nunca se aprofundar na sexualidade conflitante de seus personagens – um tema original que se perde numa abordagem convencional.

(The Object of My Affection, EUA, 1998) **Direção:** *Nicholas Hytner.* **Com** *Jennifer Aniston, Paul Rudd, Alan Alda, Allison Janney. 112 min.*

Aniston e Rudd: amor complicado

Woody Allen volta a interpretar (e a dirigir) a si mesmo na comédia Desconstruindo Harry

Um ajuste de contas conduz a trama do ótimo **Ação Entre Amigos**

Top Tape

PERDITA DURANGO

Movido a sangue e balas, *Perdita Durango* mostra a trajetória da anti-heroína mexicana interpretada por Rosie Perez e seu amante, Romeu Dolorosa, a partir do momento em que os dois são contratados para roubar um caminhão carregado de fetos humanos. O tema bizarro é conduzido com segurança por Alex de la Iglesia (diretor da ficção científica *Ação Mutante*). Mesmo sendo longo demais, o filme é um prato cheio para os fãs do cinema bagaceira, com sua estética de histórias em quadrinhos.

(México/Espanha, 1997) **Direção**: *Alex de la Iglesia.* **Com** *Rosie Perez, Javier Barden, Harley Cross, Aimee Graham, James Gandolfini, Alex Cox. 126 min.*

AÇÃO ENTRE AMIGOS

SET RECOMENDA

Em seu segundo filme, Beto Brant discute a tortura política do ponto de vista das vítimas

Se em seu primeiro filme, *Os Matadores*, o diretor Beto Brant apresentou o universo ético dos assassinos profissionais, em *Ação Entre Amigos* quem tem voz são os torturados da ditadura. O próprio Brant afirma que o filme nasceu da necessidade de ver nas telas a visão das vítimas, e não a dos algozes militares. O drama desenvolve uma idéia simples, sem firulas, indo direto ao ponto. A trama começa nos dias de hoje: quatro amigos fazem uma inocente viagem de pescaria ao interior de São Paulo. Um deles, porém, tem segundas intenções: ele identificou na foto de um comício realizado nas redondezas o torturador que mudou sua vida e a de seus amigos. Instala-se o impasse: vingança pessoal ou anistia? Indo e vindo no tempo, o filme passa sua mensagem, mas carece de calor humano, já que Brant não explora todo o potencial de seu elenco, formado basicamente por atores de teatro.

(Brasil, 1998) **Direção**: *Beto Brant.* **Com** *Leonardo Villar, Zecarlos Machado, Cacá Amaral, Carlos Meceni, Genésio de Barros. 76 min.*

Fotos: Rio Filme/Lumiere

O passado retorna: amigos planejam sua vingança contra Leonardo Villar (*no destaque*)

PATY'S
HOME VÍDEO
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
E GANHE TODAS AS PRATELEIRAS
E BRINDES ESPECIAIS.
TUDO EM FITAS
E ACESSÓRIOS
• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO
TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO
Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Disk Vendas
(011)
298-1899
NOVO TELEFONE
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

CANNE'S
VÍDEO
A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS
• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!
CONFIRA!
• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade
Não compre sem antes nos consultar
SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

QUANTO MAIOR A ALTURA... PIOR A QUEDA

Betty Hutton, Veronica Lake e Ali MacGraw estão entre os tristes exemplos de atrizes que desabaram depois de conhecer o estrelato

Nos anos 40 e 50, Betty Hutton agitava Hollywood com sua personalidade vibrante. Estrela de muitos musicais da Paramount – inclusive do grandioso *O Maior Espetáculo da Terra* –, Betty foi convocada pela Metro para substituir a complicada Judy Garland em *Bonita e Valente*, o maior sucesso de bilheteria de 1950. Mas, limitada a cantar e dançar, de repente Betty viu-se sem trabalho devido à escassez de musicais. Ainda tentou o gênero romântico em outro estúdio, a velha Republic, onde fui entrevistá-la em 1957 no set de *O Amor Chegou com a Primavera*. Mas já estava infeliz, entrando em decadência. Havia sido explorada por três maridos e ainda tentou um quarto casamento, em 1960, que também fracassou. Decepcionada, abandonou tudo – até as três filhas –, converteu-se ao catolicismo e foi buscar refúgio numa igreja em Rhode Island, onde lhe deram casa e comida em troca de serviços domésticos. "Encontrei a paz", declarou a loira explosiva em 1976, ao completar 55 anos.

Será que a Paramount foi "pé frio" com suas estrelas? Várias outras atrizes consagradas pelo estúdio desabaram de forma trágica. Frances Farmer, por exemplo, surgiu nos anos 30 como uma nova Garbo. Tinha beleza, talento e uma legião de fãs. Mas uma desilusão amorosa abalou sua estrutura mental, levando-a ao alcoolismo. Internada num hospício pela própria mãe, foi submetida a choques elétricos e uma lobotomia. Havia feito quinze filmes até morrer, em 1970, aos 56 anos, de câncer na garganta. Sua triste história foi filmada em 1982, com magistral atuação de Jessica Lange.

Veronica Lake criou o penteado *peek-a-boo*, estilo tapa-olho, e há pouco foi "clonada" por Kim Basinger em *Los Angeles – Cidade Proibida*. Fazendo par com Alan Ladd e Frederic March, angariou fãs-clubes no mundo inteiro, mas não soube lidar com o sucesso. Por causa das bebedeiras, perdeu seu contrato. Para sobreviver, cortou os famosos cabelos e tornou-se garçonete. Veronica morreu em 1973, aos 53 anos, de cirrose hepática.

Outra vítima da Paramount – esta ainda viva – foi Ali MacGraw. Ao contrário de suas loiras antecessoras, Ali é morena e tinha corpo esguio. Em 1969, conseguiu não só um contrato como se casou com o chefe de promoção do estúdio, Robert Evans. Encantado com sua "descoberta", ele lançou Ali como estrela de *Love Story*, pelo qual recebeu o Globo de Ouro e disputou o Oscar. Em 1973, apesar de ter tido um filho de Evans, Ali divorciou-se para se casar com o galã Steve McQueen, com quem viveu até 1978, dois anos antes de ele morrer. Desde então, Ali começou a desabar, e o alcoolismo e as drogas deixaram profundas marcas no seu outrora clássico rosto. Aos cinqüenta anos, aparenta sessenta e tem se limitado a narrar documentários para a TV a cabo.

Arquivo Pessoal Dulce

Dulce encontra Betty Hutton em 1957: o início do fim

Além dessas trágicas ex-estrelas, convém lembrar outra loira que se deu mal, mas sacudiu a poeira: Tippi Hedren, lançada por Hitchcock em *Os Pássaros* para "substituir" Grace Kelly – a favorita do diretor –, que deixara Hollywood para ser a princesa de Mônaco. Tippi não tinha o menor carisma e, de bom, só produziu a talentosa filha, Melanie Griffith. Hitch deu-lhe ainda uma segunda chance em *Marnie – Confissões de uma Ladra*, mas Tippi se viu sem uma carreira no cinema e resolveu aposentar-se prematuramente aos 35 anos, dedicando-se ao seu zôo particular de animais selvagens.

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados e de O Cruzeiro de 1952 a 1968.

EM NOVEMBRO, NA SUA LOCADORA
NA CIDADE, MORRER
É UMA FORMA DE VIVER
JOHN TURTURRO
SCOTT GLENN
ELIZABETH PERKINS
JIMMY SMITS
DUBLADO
LEGENDADO
CALIFORNIA
HOME VIDEO
VIVER E MORRER EM
NOVA YORK

Kate Winslet descobre que DiCaprio sabe desenhar, e não apenas gritar que é o rei do mundo

Abril/Fox

TITANIC

VENDA DIRETA

Agora já é possível ter em casa o épico romântico mais comen

No primeiro minuto de 1º de setembro, quando o mais célebre transatlântico do século ainda naufragava em quinhentas salas de cinema dos EUA e Canadá, já havia gente acampada à porta das lojas que, naquela hora, começariam a despejar 20 milhões de cópias de vídeo de *Titanic* no mercado americano – no Brasil, espera-se vender bem mais que os 900 mil exemplares do recordista O *Rei Leão*. A esta altura, porém, ninguém se surpreende com os feitos que o filme de James Cameron vai somando. Surpresa ele causou nove meses atrás, quando chegou envolto naquela aura meio maldita dos filmes muito caros e muito problemáticos e jogou por terra todas as teorias a seu respeito.

Mas será que é só isso que essa febre vai deixar como seqüela – números? Felizmente, não. Passada a fase aguda da doença em que se converteu o culto ao filme e a Leonardo DiCaprio, *Titanic* pode ser interpretado como o primeiro sinal de que há algo de novo acontecendo à margem do esquema que Hollywood montou para lançar sucessos em série. Apesar de ser a produção mais cara da história, *Titanic* não nasceu daquela calculeira que os estúdios fazem para descobrir quem é seu público-alvo e o que ele deseja: do princípio ao fim, obedeceu só às convicções de Cameron, que, à custa de muita teimosia, colocou na tela aquilo que ele próprio gostaria de ver.

E é esse o dado mais curioso: Cameron, o homem que bolou aquele supra-sumo do filme de ação chamado O *Exterminador do Futuro*, queria ver um romance desses em que a mocinha rica desafia todas as convenções em nome do amor por um pobretão. Desde que *Titanic* foi lançado, não faltou quem chamasse essa paixão vivida por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet de piegas, ou que acusasse o diretor e seu roteiro de simplistas e simplórios. Provar essas afirmações, contudo, daria um trabalho danado, já que boa parte da humanidade pagou para votar em Cameron e derrotar críticos como o da *Time*, para quem o filme "fracassava miseravelmente" em seus propósitos e iria a pique na bilheteria.

Com sua história simples e sua encenação espetacular, *Titanic* deixou uma certeza: é possível ganhar o público na base da grandiosidade,

os números de *Titanic*

16 milhões de espectadores no Brasil, batendo o recorde de *Tubarão*

1,8 bilhão de dólares é a bilheteria mundial

33 salas no Brasil ainda exibiam o filme após 33 semanas em cartaz

600 milhões de dólares foram arrecadados nos EUA depois de 8 meses de exibição

...do dos últimos anos

mas para deixá-lo de joelhos é preciso alguma emoção – e, quanto mais básica ela for, mais difícil é resistir. O incrível é que, com tantos marqueteiros a seu serviço, Hollywood só agora redescubra algo que já não era novidade para David O'Selznick, um visionário que sabia que um filme sobre a Guerra Civil com um romance tempestuoso no meio daria um samba chamado ...*E o Vento Levou*, tão afinado que seriam precisos mesmo uns sessenta anos para tirá-lo do topo da parada.

Isabela Boscov

★★★★

(EUA, 1997) **Direção:** *James Cameron.* **Com** *Leonardo DiCaprio, Kate Winslet, Billy Zane, Gloria Stuart, Frances Fisher, Kathy Bates, Bill Paxton, Victor Garber, Bernard Hill, Jonathan Hyde, Danny Nucci, David Warner. 194 min. Abril/Fox.*

EU SEI O QUE VOCÊS FIZERAM NO VERÃO PASSADO

suspense

★★★

Columbia TriStar

Jovens em apuros

Este é um filme de terror que leva zero no quesito originalidade, mas ganha pontos por, ao lado de *Pânico*, ter recolocado o gênero no topo da lista de interesses dos estúdios hollywoodianos – não é à toa que ambos foram escritos pelo mesmo roteirista, Kevin Williamson. Quatro adolescentes têm grandes planos para o futuro, mas tudo muda quando acidentalmente atropelam um sujeito. Com medo das conseqüências, eles decidem se livrar do corpo e prometem nunca mais tocar no assunto. Um ano depois, alguém que parece saber a verdade sobre o acidente passa a perseguir os quatro – e os elimina um a um. Nenhuma novidade, mas o elenco jovem e cheio de energia – e o clima de suspense que é mantido até o final – fazem a diferença.

Roberto Sadovski

(I Know What You Did Last Summer, EUA, 1997) **Direção:** *Jim Gillespie.* **Com** *Jennifer Love Hewitt, Sarah Michelle Gellar, Ryan Phillippe, Freddie Prinze Jr., Anne Heche. 100 min. Columbia TriStar.*

POSSUÍDOS

suspense

★★★

Warner

Denzel se defende

O diretor Gregory Hoblit já demonstrara talento em *As Duas Faces de um Crime*, com Richard Gere. Ele volta a surpreender neste intrigante thriller de terror, que narra a luta de um policial contra o próprio demônio. Denzel Washington é responsável pela captura de um assassino possuído pelo capeta (o ótimo Elias Koteas, de *Crash*). Antes de morrer na cadeira elétrica, o criminoso promete se vingar. Seu espírito volta para infernizar a vida do detetive. A forma pelo qual o demo se manifesta é de arrepiar os cabelos – as aparições, inesquecíveis, são carregadas de tensão. Ecos de *O Iluminado* e de *O Inquilino* povoam a trama. Se Hoblit não é Stanley Kubrick ou Roman Polanski, ele ao menos satisfaz com um final moralmente audacioso.

Miguel Barbieri Jr.

(Fallen, EUA, 1998) **Direção:** *Gregory Hoblit.* **Com** *Denzel Washington, John Goodman, Embeth Davidtz, Donald Sutherland, Elias Koteas, Robert Joy. 125 min. Warner.*

UM RATINHO ENCRENQUEIRO

comédia ★★★

Já a partir da primeira cena – o enterro de um velhinho de nome Smuntz – o humor do filme é demolidor: é evidente a inspiração nos desenhos de Tom & Jerry e nas comédias com o Gordo e o Magro. Os irmãos Ernie (Nathan Lane) e Lars Smuntz (Lee Evans) são dois desajustados que herdam uma velha fábrica de barbante e uma mansão abandonada e vazia. Esta, porém, tem valor histórico. Durante a restauração da casa, os Smuntz enfrentam um ratinho capaz de derrotar até um exterminador (Christopher Walken). O tom de fábula e a interpretação exagerada dos atores garantem a diversão para o público infanto-juvenil. Já os adultos serão seduzidos pelo ritmo vertiginoso e pela impressionante movimentação da câmera.

CIC

Nu sem a mão no bolso

Alfredo Sternheim

(Mouse Hunt, EUA, 1997) **Direção:** *Gore Verbinski.* **Com** *Nathan Lane, Lee Evans, Christopher Walken, William Hickey, Vicki Lewis, Maury Chaykin. 97 min. CIC.*

MEIA-NOITE NO JARDIM DO BEM E DO MAL

suspense ★★

Clint Eastwood aceitou o desafio: adaptar o best-seller de John Berendt, que ficou 173 semanas na lista dos dez mais vendidos do *New York Times*. Nesta narrativa rica em suspense, o jornalista John Kelso é escalado para escrever um artigo sobre a badalada festa de Natal de Jim Williams, um famoso colecionador de arte da mística cidade sulista de Savannah. Williams, porém, mata o amante. Kelso, ao investigar o crime, conhece estranhos personagens, todos com crenças religiosas ou estilos de vida pouco ortodoxos. O diretor deixa entrever as fascinantes particularidades da trama, mas não soube aproveitar o excelente elenco – que ficou desnorteado entre o suspense, o misticismo e a excentricidade – e perdeu o desafio.

Fátima Gigliotti

(Midnight in the Garden of Good and Evil, EUA, 1997) **Direção:** *Clint Eastwood.* **Com** *Kevin Spacey, John Cusack, Jack Tompson, Lady Chablis, Alison Eastwood, Jude Law. 155 min. Warner.*

Warner

Cusack e Spacey estudam uma curiosa antiguidade

Warner

Cientistas em busca de uma explicação

ESFERA

ficção ★

Barry Levinson reuniu um time e tanto para a sua primeira incursão pela ficção científica, uma adaptação do livro de Michael Crichton (autor de *Jurassic Park*). *Esfera*, porém, acabou se tornando um fiasco tão embaraçoso que os envolvidos deveriam considerar seriamente a exclusão do filme de seus currículos. Dustin Hoffman lidera uma equipe de cientistas reunida para estudar uma espaçonave encontrada no fundo do oceano – aparentemente controlada por uma enigmática esfera. Depois de meia hora de muito papo e pouca ação, o filme perde o sentido, tornando-se uma sucessão vazia de sustos. Sem saber que rumo tomar, o diretor parece finalmente optar pela comédia – é a única conclusão possível depois da absurda cena final.

Roberto Sadovski

(Sphere, EUA, 1998) **Direção**: *Barry Levinson.* **Com** *Dustin Hoffman, Sharon Stone, Samuel L. Jackson, Peter Coyote, Liev Schreiber, Queen Latifah, Marga Gomez. 133 min. Warner.*

LOUCOS DE AMOR

drama ★★★

Nasce uma estrela: Robin Wright Penn, que já havia se destacado no melodrama *Os Amores de Moll Flanders*, entregou-se de corpo e alma a esta nova personagem – borrada de maquiagem ou com a cara lavada, ela interpreta a mulher de Sean Penn, que, cansada da vida regada a álcool, discussões e pancadaria, abandona o marido em um hospício. Dez anos depois, agora casada com John Travolta, ela recebe o ex de braços abertos. Nick Cassavetes (diretor de *De Bem com a Vida*) investiga personagens marginais e recorre ao roteiro escrito por seu pai, o cineasta John Cassavetes, há mais de duas décadas. Apesar de datado, é um retrato belo e amargo sobre o encontro de almas gêmeas e anárquicas. Se a intenção foi manter viva a memória do pai, Nick conseguiu.

Miguel Barbieri Jr.

Paris/Lumiere

Almas gêmeas e loucas

(She's So Lovely, EUA, 1997) **Direção**: *Nick Cassavetes.* **Com** *Sean Penn, Robin Wright Penn, John Travolta, Harry Dean Stanton, Debi Mazar, Gena Rowlands, James Gandolfini. 96 min. Paris/Lumiere.*

RELAÇÃO PERIGOSA

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★

Bridget Fonda encabeça o elenco desta mistura de drama, *road movie* e filme policial. Ela é uma jovem que apanha do marido violento. Quando o sujeito aparece morto, ela se torna a principal suspeita, contando apenas com a ajuda do detetive interpretado por Kiefer Sutherland. Mas nem os bons atores conseguem salvar este *Relação Perigosa* do tédio total.

(The Breakup, EUA, 1998) **Direção**: *Paul Marcus.* **Com** *Bridget Fonda, Kiefer Sutherland, Penelope Ann Miller. 110 min. Califórnia.*

QUESTÃO DE SENSIBILIDADE

INÉDITO NO CINEMA

drama ★

A família Gold entra em polvorosa quando Suzanne, a filha mais velha, anuncia estar grávida – e mais ainda quando um teste genético revela que o bebê, um menino, poderá ser gay como Daniel, o irmão de Suzanne, e ela considera a hipótese de abortar. Ficam todos contra todos – e sobra para o espectador, que por vezes mal pode acreditar no que está vendo.

(The Twilight of the Golds, EUA, 1997) **Direção**: *Ross Marks.* **Com** *Brendan Fraser, Jennifer Beals, Faye Dunaway, Garry Marshall. 97 min. Alpha.*

INCÓGNITO

INÉDITO NO CINEMA

suspense ★★★

Jason Patric, um talentoso falsificador de quadros, é contratado para pintar um Rembrandt. A tela milionária, considerada verdadeira, some, e o falsificador é acusado do roubo. O filme expõe os bastidores do mercado negro de arte e exibe belíssimas paisagens européias. Dando uma de Hitchcock, o diretor John Badham fez um thriller charmoso e eficiente.

(Incognito, EUA, 1997) **Direção**: *John Badham.* **Com** *Jason Patric, Irène Jacob, Rod Steiger, Ian Holm. 105 min. Warner.*

ANASTASIA ★★★★

VENDA DIRETA

desenho Já era hora de alguém peitar a hegemonia da Disney no mundo da animação – e o primeiro desenho em longa-metragem da Fox não chega com cara de marinheiro de primeira viagem, mesmo porque foi comandado pelos criadores de *Fievel – Um Conto Americano*. A garotada pode torcer o nariz para a seriedade da história, mas as aventuras de Anastasia, a princesa que sobreviveu à chacina dos Romanoff na Rússia de 1918, têm todos os ingredientes de sucessos como *A Bela e Fera* e *Aladdin*: ação, música e romance. Dez anos depois da queda do império, uma jovem desmemoriada é treinada por dois interesseiros para se fazer passar por Anastasia e, sem saber, ajudá-los a ganhar a recompensa oferecida pela irmã do czar em troca do paradeiro da princesa desaparecida. O Mal é representado pela hilariante figura do monge Rasputin, que no início do filme vende a alma ao diabo e roga uma praga contra os Romanoff – ele é o responsável pelas melhores cenas de ação. O descarrilamento do trem, por exemplo, é impressionante. O melhor, porém, são os movimentos dos personagens: as viradas de ombro, o molejo das pernas e algumas expressões são realmente humanas. Um concorrente digno de respeito.

Suzana Uchôa Itiberê

Anastasia e Dimitri descobrem o quanto é belo o amor

(EUA, 1997) **Direção**: *Don Bluth e Gary Goldman.* **Com as vozes originais de** *Meg Ryan, John Cusack, Kelsey Grammer, Christopher Lloyd, Hank Azaria, Bernadette Peters, Kirsten Dunst, Angela Lansbury. 94 min. Abril/Fox.*

PASSE DE MÁGICA

INÉDITO NO CINEMA

infantil ★★★

Mara Wilson, de *Matilda*, parece fazer de olhos fechados o papel da garotinha doce e esperta. Desta vez, ela se vê às voltas com uma fada madrinha que ganha vida na pele de um desajeitado Martin Short. O filme é bastante colorido, tem ótimos efeitos especiais e uma inspirada Kathleen Turner no papel da bruxa. Um legítimo programa infantil.

(A Simple Wish, EUA, 1997) **Direção**: *Michael Ritchie.* **Com** *Mara Wilson, Martin Short, Kathleen Turner, Robert Pastorelli, Amanda Plummer, Teri Garr, Ruby Dee. 89 min. CIC.*

MORTAL KOMBAT – A ANIQUILAÇÃO

ação ★★

Depois de vencer o torneio marcial que decidiu o futuro da Terra, uma equipe de lutadores é obrigada a combater o maléfico Shao-Kahn, regente de uma outra dimensão, que está disposto a aniquilar a humanidade. Continuação nada inspirada do bem-sucedido *Mortal Kombat*, de 1995, o filme só vai atrair mesmo os fãs radicais do jogo no qual é inspirado.

(Mortal Kombat: Annihilation, EUA, 1997) **Direção**: *John R. Leonetti.* **Com** *Robin Shou, Talisa Soto, James Remar. 95 min. Warner.*

TARZAN E A CIDADE PERDIDA

aventura ★ INÉDITO NO CINEMA

Será que alguém ainda se interessa por mais uma aventura com Tarzan? O canastrão Casper Van Dien (de *Tropas Estelares*) veste a sunga do herói que, depois de ser criado por gorilas e conhecer a Inglaterra, retorna à África para proteger os nativos de caçadores. Os efeitos especiais beiram o ridículo e as locações parecem artificiais. Fiasco total.

(Tarzan and the Lost City, EUA, 1998) **Direção**: *Carl Schenkel.* **Com** *Casper Van Dien, Jane March, Steven Waddington. 83 min. PlayArte.*

NA PRESENÇA DE MEUS INIMIGOS

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★★

Um gueto judeu na Varsóvia de 1943 é palco para uma perseguição nazista. Quem quiser se emocionar com a comovente história de um rabino e sua família não se arrependerá. Sem fazer concessões, o diretor investe nas interpretações para transmitir a dramaticidade da situação. Só a presença de Armin Mueller-Stahl (de *Shine*) já vale o aluguel.

Alpha

(In the Presence of Mine Enemies, EUA, 1997) **Direção**: *Peter Svatek.* **Com** *Armin Mueller-Stahl, Charles Dance, Elina Löwensohn, Chad Lowe. 96 min. Alpha.*

HEMOGLOBINA

INÉDITO NO CINEMA

suspense ★★★

Vítima de uma estranha doença sangüínea, um jovem parte para uma ilha isolada na esperança de conseguir se tratar com um cientista recluso. Mas ele desconhece que sua condição é uma herança de família – que por gerações se isolou do mundo, provocando uma terrível degeneração genética. O filme tem momentos interessantes, mas só é recomendado aos fãs do cinema trash.

(Hemoglobin, EUA, 1997) **Direção**: *Peter Svatek.* **Com** *Rutger Hauer, Roy Dupuis, Kristen Lehman, Leni Parker. 101 min. Alpha.*

CENTRAL DO BRASIL ★★★★

drama **O crítico Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977) dizia que até um mau filme brasileiro proporcionava uma "alegria de entendimento" superior à de qualquer produção estrangeira. A sensação de familiaridade a que se referia – que leva o público a se identificar com a realidade da tela – encontra em *Central do Brasil* um ícone, talvez o maior do cinema nacional nos anos 90. O diretor Walter Salles mescla o melhor da tradição autoral brasileira – reminiscências do Cinema Novo – com os compromissos de mercado indispensáveis à reconquista de um espaço perdido desde o início da década, com o desmanche promovido pelo governo Collor. E, por falar em Collor, *Central do Brasil* propõe-se a refletir sobre uma nova ética para o país. Confrontos entre diferentes códigos morais alimentam a trama, que aproxima uma "escrevinhadora" de cartas (um tanto vigarista) de um garoto órfão determinado a viajar do Rio até o Nordeste para conhecer o pai. Há o apelo social – e a emoção decorrente dele – na superfície, mas há também metáforas sedutoras debaixo dela. Um filme de estrada fiel à tradição do gênero, em que a experiência do trajeto vale mais do que a chegada ao destino.**

Sérgio Rizzo

Fernanda e Vinícius posam ao lado da imagem de Padre Cícero

Europa

(Brasil, 1998) **Direção**: *Walter Salles.* **Com** *Fernanda Montenegro, Vinícius de Oliveira, Marília Pera, Othon Bastos, Otávio Augusto, Stela Freitas, Matheus Nachtergaele, Caio Junqueira. 112 min. Europa.*

FOR ALL – O TRAMPOLIM DA VITÓRIA

comédia ★★★

Considerado o melhor filme brasileiro do Festival de Gramado do ano passado, *For All* tem muitos atrativos. Em primeiro lugar, focaliza uma situação histórica pouco conhecida, a presença de militares americanos na cidade de Natal durante a Segunda Guerra – o chamado encontro do chiclete com a banana. O roteiro, que mostra como a família Sandrini reage à presença dos estrangeiros, homenageia as chanchadas realizadas na época e desfila, com bom humor e sensualidade, paixões, intrigas e números musicais. A reconstituição de época é impecável, e as citações a Hollywood divertem. O excesso de boas idéias, porém, é o maior problema do filme, que entretém sem desenvolver nenhuma de suas muitas tramas. Alto-astral e superficial.

Christian Petermann

Columbia TriStar

Elenco made in Brazil

(Brasil, 1998) **Direção**: *Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz.* **Com** *Betty Faria, José Wilker, Paulo Gorgulho, Luiz Carlos Tourinho, Caio Junqueira, Cláudio Mamberti, Edson Celulari, Flávia Bonato. 95 min. Columbia TriStar.*

Aidan Quinn treina para ser terrorista

Columbia TriStar

CAÇA AO TERRORISTA

aventura ★★★

Chacal, o mais famoso terrorista internacional, é o personagem central desta produção que se diz baseada em fatos verídicos. Depois de uma explosão ocorrida em 1974 em Paris e presenciada por um agente da CIA (Donald Sutherland), Chacal (Aidan Quinn) é incansavelmente perseguido até meados dos anos 80. O agente, obcecado em prender ou matar o terrorista, treina para tanto um sósia, Annibal Ramirez (novamente Quinn). O filme, com trama complexa, tem cenas intensas de ação. Perde fôlego, porém, lá pela metade, quando a preparação de Ramirez e as mudanças em sua personalidade são mostradas de forma didática. O epílogo, porém, é fascinante.

Alfredo Sternheim

(The Assignment, EUA, 1997) **Direção**: *Christian Duguay.* **Com** *Aidan Quinn, Donald Sutherland, Ben Kingsley, Clauda Ferri, Liliana Komarowska. 117 min. Columbia TriStar.*

O FIM DA VIOLÊNCIA ★★

drama Nos dias de hoje, a violência assumiu uma proporção aterradora, com crianças assassinas e cidadãos pacatos que enlouquecem repentinamente. A ocasião para *O Fim da Violência*, portanto, é perfeita. Seu diretor, contudo, perdeu a alma. Nos anos 70, Wim Wenders foi cultuado por obras como *Alice nas Cidades* e *O Amigo Americano*. Na década seguinte, conquistou o grande público com *Paris, Texas* e *Asas do Desejo*. Mas, ao contrário do anjo interpretado por Bruno Ganz em *Asas*, que caiu na Terra e se tornou humano, parece que Wenders caiu de seu paraíso criativo e se transformou em uma pessoa sem emoções ou sensações. Da mesma forma que em *Até o Fim do Mundo*, o cineasta reúne aqui conceitos interessantes e arquiteta imagens plasticamente belas, mas não chega a conclusão alguma. Bill Pullman interpreta um produtor de filmes violentos que muda radicalmente de vida depois de quase ser morto em um assalto. Personagens periféricos discutem com melancolia a perda da inocência. Mas, sem a cumplicidade do diretor, o espectador permanece indiferente às angustiantes denúncias feitas pelo filme.

Christian Petermann

Pullman e Andie MacDowell formam um casal em crise

(The End of Violence, EUA/França, 1997) **Direção:** *Wim Wenders.* **Com** *Bill Pullman, Andie MacDowell, Gabriel Byrne, Loren Dean, Traci Lind, Udo Kier, Rosalind Chao, Frederic Forrest, Samuel Fuller. 122 min. PlayArte.*

DOCE VINGANÇA

comédia ★★★

Karen (Helena Bonham Carter) e Henry (Sam Neill) se conhecem de maneira estapafúrdia: ambos estão tentando se suicidar pulando de uma ponte – ela, porque seu amante teve a insensibilidade de voltar para a mulher; ele, porque um executivo desonesto tomou seu emprego. Em vez de se matar, então, eles orquestram um plano. Henry se vingará de Imogen (Kristin Scott Thomas), a esposa inconveniente, e Karen do brutamontes que acabou com a carreira de seu amigo. Só há um problema: Henry descobre que prefere namorar Imogen a destruí-la. O enredo é o mesmo de *Pacto Sinistro*, de Hitchcock, mas o tom é de comédia. Diverte, mas poderia ser melhor: com tantos clichês, é possível prever cada reviravolta com pelo menos meia hora de antecedência.

Isabela Boscov

Os suicidas querem vingança

(The Revengers' Comedies, Inglaterra/França, 1998) **Direção:** *Malcolm Mowbray.* **Com** *Sam Neill, Helena Bonham Carter, Kristin Scott Thomas, Rupert Graves, John Wood, Liz Smith. 82 min. PlayArte.*

ALLONSANFAN

drama

★★★

Os irmãos Taviani chegaram perto da unanimidade ao dirigir *Pai Patrão* e *A Noite de São Lourenço*. Mas *Allonsanfan*, que precede esses dois filmes, dividiu opiniões. A polêmica começa com o título – corruptela de "allons enfants", a abertura de *A Marselhesa*, o hino nacional francês – e continua com a caracterização de Fulvio Imbriani, o protagonista desta farsa melodramática ambientada em 1816. Aristocrata italiano desiludido com os ideais revolucionários, Fulvio quer abandonar a militância, mas os colegas procuram mantê-lo na ativa. Marxistas assumidos, os Taviani usam recursos teatrais para fazer uma caricatura incisiva da burguesia, cuja eficácia depende da boa vontade do espectador em comprar as metáforas que lhe oferecem.

Sérgio Rizzo

Caricaturas políticas

(Itália, 1973) Direção: *Paolo e Vittorio Taviani.* **Com** *Marcello Mastroianni, Mimsy Farmer, Laura Betti, Claudio Cassinelli. 107 min. Reserva Especial.*

HÉRCULES & SHERLOCK

comédia ★★★ INÉDITO NO CINEMA

As crianças vão se divertir bastante com esta aventura protagonizada por Christophe Lambert e dirigida pelo realizador de *Em Algum Lugar do Passado*. Lambert é um vigarista que, junto com seu atrapalhado parceiro, seqüestra dois cães que podem ajudá-lo a descobrir um carregamento de dinheiro falso. Mas, claro, a dupla canina vai mudar suas vidas.

(Hercule et Sherlock, França, 1996) **Direção:** *Jeannot Szwarc.* **Com** *Christophe Lambert, Richard Anconina. 85 min. Flashstar.*

CONSPIRAÇÃO SEDUTORA

Columbia TriStar

suspense ★★★ INÉDITO NO CINEMA

O argentino Juan Jose Campanella dirige esta co-produção com os Estados Unidos, falada em inglês. Trata-se de um thriller melancólico e sensual sobre um pianista e escritor fracassado que exige que sua mulher participe de uma farsa: levar um milionário a cometer um suposto adultério. A trama, porém, toma um rumo inusitado.

(Love Walked In, Argentina/EUA, 1997) **Direção:** *Juan Jose Campanella.* **Com** *Denis Leary, Terence Stamp, Aitana Sanchez-Gijón. 91 min. Columbia TriStar.*

PROCURA-SE FINBAR

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Danny e Finbar cresceram juntos em uma região paupérrima da Irlanda e são inseparáveis. Ao chegar à adolescência, porém, Finbar se mostra cada vez mais insatisfeito – e, um dia, desaparece. Anos mais tarde, Danny descobre uma pista de seu paradeiro, e some ele também. Drama intrigante que pode ser uma ótima surpresa para quem se proponha a descobri-lo.

(The Disappearance of Finbar, Irlanda/Suécia/Grã-Bretanha, 1996) **Direção:** *Sue Clayton.* **Com** *Jonathan Rhys-Myers, Luke Griffin, Eleanor Methven. 102 min. Abril.*

SOU! MAS QUEM NÃO É?

comédia ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Curiosa comédia sobre troca de sexos e a relação hipócrita entre as celebridades e seus fãs. Uma jovem, obcecada pela paixão supostamente perfeita entre o produtor musical Sam (Leslie Cheung, de *Adeus Minha Concubina*) e a estrela pop May Rose, disfarça-se de homem para ser o novo cantor-revelação. Forma-se um triângulo amoroso ingênuo e divertido.

(He's a Woman, She's a Man, Hong Kong, 1994) **Direção:** *Peter Chan.* **Com** *Leslie Cheung, Anita Yuen, Carina Lau. 105 min. Abril.*

ESCADAS DA FAMA

comédia ★★ INÉDITO NO CINEMA

Jean e Kate dividem uma casa, uma pouco auspiciosa carreira como artistas de rua e uma grande amizade – até que Jean entra em pânico por ter aceitado se casar com seu namorado e decide mudar o rumo de sua vida à força. Não é tão divertido quanto parece: o roteiro força a barra para vender os personagens como moderninhos, mas seus conflitos são mais do que batidos.

(Snakes & Ladders, Irlanda/Alemanha/Grã-Bretanha, 1996) **Direção**: *Trish McAdam.* **Com** *Pom Boyd, Gina Moxley. 93 min. Paris/Lumière.*

GRANDE SHANGHAI – CIDADE VIOLENTA

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Produzido por Tsui Hark, diretor de *A Colônia*, este drama de gângsteres ambientado nos anos 30 lembra um pouco *Era uma Vez na América*. Dois amigos enriquecem no mundo do crime, mas se apaixonam pela mesma mulher. Este melodrama assumido tem produção luxuosa e cenas de violência impecavelmente coreografadas.

(San Seunghoi Tan/Shanghai Grand, Hong Kong, 1996) **Direção**: *Poon Man-kit.* **Com** *Leslie Cheung, Andy Lau. 94 min. China.*

FREEWAY – SEM SAÍDA

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

Alpha

Os pais desajustados de Vanessa são presos. Para chegar à casa da avó, a jovem pega carona com um psicólogo infantil – e psicopata de plantão. Quem levará a melhor? A excentricidade do roteiro cai por terra por causa de Reese Witherspoon, que não convence num papel malcomportado. Co-produção de Oliver Stone.

(Freeway, EUA, 1997) **Direção**: *Matthew Bright.* **Com** *Reese Witherspoon, Kiefer Sutherland, Brooke Shields, Amanda Plummer, Dan Hedaya. 94 min. Alpha.*

FOGO E DESEJO

drama ★★

Radha é o muro de arrimo tanto da casa que divide com a mãe e o irmão quanto do restaurante que administra ao lado do marido. É sua personagem que concentra as questões levantadas pela trama: o conflito entre o novo e o velho, o espiritual e o material, em uma Nova Délhi contemporânea. A lentidão da narrativa, porém, é um teste de paciência.

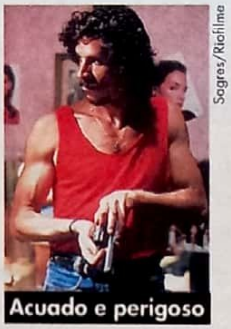
(Fire, Índia, 1996) **Direção**: *Deepa Mehta.* **Com** *Shabana Azmi, Nandita Das, Kulbushan Kharbanda, Ranjit Chowdhry. 104 min. PlayArte.*

UM CÉU DE ESTRELAS

drama ★★★★ INÉDITO NO CINEMA

Um dos mais premiados filmes da nova safra nacional, *Um Céu de Estrelas* é a estréia em longa-metragem da diretora Tata Amaral. Na bairro paulistano da Mooca, Dalva, uma jovem cabeleireira, vê seu sonho de viajar aos Estados Unidos desmoronar quando o ex-namorado invade sua casa e inicia uma sessão de tortura moral. O roteiro, escrito pelo professor e teórico Jean-Claude Bernardet e pelo cineasta Roberto Moreira, adaptou livremente o romance homônimo de Fernando Bonassi. A diretora colocou a câmera nos ombros e, com imagens trêmulas e nervosas, acuou seus personagens como bichos no mato – suas reações são violentas e instintivas, e o clima se torna cada vez mais incômodo e claustrofóbico. O resultado é um instigante exercício de linguagem.

Christian Petermann


Sagres/Riofilme

Acuado e perigoso

(Brasil, 1997) **Direção**: *Tata Amaral.* **Com** *Alleyona Cavalli, Paulo Vespúcio Garcia, Lígia Cortez, Néa Simões, Norival Rizzo, Rosa Petrim. 70 min. Sagres/Riofilme.*

Alpha

Helen e Kyra unem forças

COLAPSO

drama ★★★

Kevin Bacon atuou em filmes de prestígio, como *Questão de Honra* e *JFK*, mas não adianta: para muitos, seu cartão de visitas será sempre *Footloose*. Mas o rapaz, quem diria, demonstrou ter mais talento como cineasta do que como ator. Indicado ao Globo de Ouro de telefilme, *Colapso* é um projeto familiar: a mulher de Kevin, Kyra Sedgwick, assina a produção executiva, e seu irmão, Michael Bacon, a trilha sonora, que inclui uma canção interpretada pela dupla, batizada de The Bacon Brothers. O solo, no entanto, cabe a Helen Mirren – Globo de Ouro de atriz –, que interpreta uma quarentona que escapa da depressão graças à jovem contratada pelo marido para ajudá-la a cuidar da casa. Sóbrio, inteligente e ousado.

Sérgio Rizzo

(Losing Chase, EUA, 1996) **Direção**: *Kevin Bacon.* **Com** *Helen Mirren, Kyra Sedgwick, Beau Bridges. 93 min. Alpha.*

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO ★★★

aventura

Depois de ganhar o Oscar pelo roteiro de *Coração Valente*, Randall Wallace arriscou-se na direção e realizou a quinta versão cinematográfica do clássico homônimo de Alexandre Dumas – autor também de *Os Três Mosqueteiros*. Seu mérito foi transformar o filme em uma agitada aventura, com uma luxuosa reconstituição de época. Para tanto, ignorou os ideais de justiça social que sempre alimentaram a mitologia dos mosqueteiros. Em compensação, escalou um elenco de grandes atores, cuja empatia compensa as falhas de roteiro e de direção. Jeremy Irons, John Malkovich e Gérard Depardieu brilham nos papéis de Aramis, Athos e Porthos, reunidos na maturidade para libertar Philippe, o irmão gêmeo do jovem tirano Luís 14, trancafiado em uma prisão com uma sufocante máscara de ferro. O plano é substituir um pelo outro e salvar a França. Para executá-lo, os mosqueteiros precisam do consentimento de D'Artagnan (Gabriel Byrne), ainda fiel ao rei por razões misteriosas. No papel duplo de Luís/Philippe, Leonardo DiCaprio, o grande trunfo comercial do filme, prova que tem carisma – mas também tem ainda muito a aprender na arte da interpretação.

Fátima Gigliotti

(The Man in the Iron Mask, EUA, 1998) **Direção**: *Randall Wallace.* **Com** *Leonardo DiCaprio, Jeremy Irons, John Malkovich, Gérard Depardieu, Gabriel Byrne, Anne Parillaud, Judith Godrèche. 132 min. Warner/MGM.*

DiCaprio usa as longas madeixas de Luís 14

Belos livros contam os bastidores de *Titanic* e *Soldado Ryan*

Fotos: Divulgação

OS SEGREDOS DO SOBRENATURAL

sell-thru O pacote ***O Cinema Fantástico Através dos Tempos*** é uma curiosidade fora do convencional – os cinco títulos, inéditos no Brasil, são raros. *O Estudante de Praga* (1913), do alemão Stellan Rye, é a primeira das três versões da história de um jovem que vende o seu reflexo. *O Golem* (1920), dos alemães Paul Wegener e Carl Boese, é a adaptação de uma antiga lenda judaica, comentada por imagens expressionistas. O fascinante documentário *Häxan – A Feitiçaria Através dos Tempos* (1922) consumiu três anos de pesquisa do cineasta sueco Benjamin Christensen e traça um panorama da magia negra dos tempos medievais ao começo deste século – a trilha sonora foi especialmente composta pelo brasileiro Paulo Beto. *O Vampiro* (1932) é o primeiro filme sonoro do dinamarquês Carl Dreyer, uma impressionante fantasia gótica inspirada em um conto de Sheridan Le Fanu. E *As Viagens Imaginárias de Georges Méliès* inclui um breve documentário sobre o diretor e o pioneiro *A Viagem à Lua*, entre outros curtas. Preço do pacote: R$ 120 (R$ 49 cada fita).

CINEMA MUDO

cd-rom

Foi lançado na MostraRio, em setembro último, um CD-ROM que resgata parte da rica história da produção nacional. ***Pioneiros do Cinema Brasileiro 1896 a 1936*** focaliza o cinema mudo: há 771 fotografias da época, dados sobre 675 filmes e 26 cenas especialmente selecionadas. Fruto da pesquisa do colecionador e documentarista Jurandyr Noronha, é um projeto conjunto da Editora Melhoramentos e da EMC (Empresa de Marketing Cultural). Preço sugerido: R$ 46.

CLÁSSICOS COMENTADOS

livro

A Rocco edita a versão brasileira de uma coleção do British Film Institute, que analisa obras-primas do cinema de forma clara e cativante. Richard Corliss, da revista *Time*, investiga o inquestionável apuro estético de ***Lolita***, de Stanley Kubrick, considerado pelo autor um marco na definição do estilo do cineasta. Preço sugerido: R$ 16. O próximo título será ***Napoleão***, de Abel Gance, com texto da diretora Nelly Kaplan.

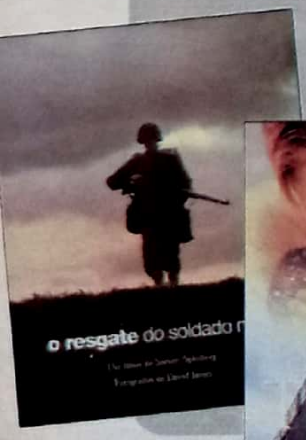
DIVERSÃO ABSOLUTA

sell-thru

Os fãs da new wave vão gostar de ***The B-52's Time Capsule***, uma reunião de clipes do grupo, de 1979 à recente retomada da carreira. O vídeo brasileiro inclui material inédito, como os clipes de "Cosmic Thing" e "Good Stuff", e um bônus exclusivo, "Legal Tender". Preço médio: R$ 22. Já quem se liga em computação gráfica não pode perder ***Tiny Toy Stories*** *(fotos)*, no qual os personagens do filme *Toy Story* apresentam curtas dos estúdios Pixar, inclusive dois que levaram o Oscar, *Luxo Jr.* e *Tin Toy*. Preço médio: R$ 25.

O CINEMA EM EMBALAGEM DE LUXO

livro O mercado editorial brasileiro está apenas engatinhando no setor de livros de luxo sobre cinema. A editora Manole entra na parada com a intenção de tirar o atraso. Um dos lançamentos é o belíssimo livro sobre ***O Resgate do Soldado Ryan***, de Steven Spielberg. As imagens, ricas em plasticidade e poder dramático, foram clicadas por David James, um dos mais respeitados fotógrafos da indústria do cinema. O livro comenta a invasão da Normandia, na Segunda Guerra, a partir de depoimentos de Winston Churchill, Dwight D. Eisenhower e soldados anônimos; são reproduzidos ainda os pontos principais do roteiro e declarações de muitos dos profissionais envolvidos na produção. Preço tabelado: R$ 29. Chega também às livrarias – e a todas as locadoras da rede Blockbuster – uma edição especial sobre o filme ***Titanic***, com prefácio de James Cameron e ótimas fotos subaquáticas. Um item imprescindível aos seus muitos fãs. Preço tabelado: R$ 24.



EMBALOS NOS ANOS 90

trilha sonora

Duas trilhas sonoras aportam nas lojas com um repertório tirado direto do túnel do tempo – resgatando pérolas dos suingados anos 70, os CDs são irresistíveis convites à dança. Em ***Boogie Nights***, há a insinuante "Jungle Fever", dos Chakachas, além de hits dos Commodores, ELO e Marvin Gaye. Já em ***The Last Days of Disco***, a seleção de clássicos vai da indefectível "I Love the Nightlife", de Alicia Bridges, a dois sucessos do Chic, "Good Times" e "Everybody Dance". Preço médio: R$ 19 cada.

UM, DOIS, TRÊS

A comédia que soube rir da Guerra Fria como nenhuma outra

Por Bruno de André

TNT

No papel da raposa capitalista MacNamara, James Cagney toma um susto com o rival

Nem só de dramas vive a máxima "um grande filme é aquele que melhor espelha seu momento histórico, social e político". Das raras comédias que atingiram tal feito glorioso, uma pouco vista passará este mês na TNT: *Um, Dois, Três* (no cinema, *Cupido Não Tem Bandeira*). O grande Billy Wilder, seu diretor, a rodou em Berlim em 1961, poucos meses antes que os comunas decidissem levantar o célebre muro para separar, na marra, a parte soviética da parte americana-francesa-britânica em que a cidade ocupada estava dividida. Disposto a narrar uma sátira cáustica, de ação frenética e diálogos tão hilariantes quanto velozes, Wilder também captou a insegurança da cidade que, naqueles dias, era o centro nevrálgico da Guerra Fria. E fez, como definiu Martin Scorsese, "uma feroz farsa política que ousou ridicularizar todas as ideologias".

A ironia é que o motor da trama é um romance proibido, do tipo *Romeu e Julieta*: de férias em Berlim Ocidental, a sapeca patricinha americana Scarlett, filha de um chefão da Coca-Cola, se apaixona e casa com Otto, jovem militante comunista alemão que ela conheceu numa fugidinha para Berlim Oriental. O azar de descascar esse abacaxi cabe a Charles MacNamara (James Cagney), executivo da Coca-Cola em Berlim que, ao invés de ver aprovada sua iniciativa de fabricar o refrigerante na URSS ("um território virgem, com 300 milhões de camaradas sedentos, loucos por uma pausa que refresca", como ele explica), ouve da matriz um sonoro "não" para o negócio e, pior, recebe a ordem de virar babá para Scarlett, mandada pelos pais à Europa para ficar longe de seus muitos namorados.

Magnífico anti-herói, MacNamara é uma raposa capitalista, ambicioso, mulherengo, viciado em trabalho, corruptor ativíssimo e tão mandão que sua mulher o chama de "mein Führer". Os soviéticos, encarnados no hilariante trio de "comissários do povo", tentam se esmerar na malandragem, adoram cometer abusos de autoridade e só não juram que todo mundo é corrupto porque, como diz seu líder, Peripetchikoff, "eu não conheço todo mundo". Os alemães tampouco são flor que se cheire – desde a rebolante Ingeborg, secretária de MacNamara, até o ajudante dele, Schlemmer, que garante nunca ter sido nazista e, perguntado se "gostava do Adolf", diz candidamente "qual Adolf?".

Bem, MacNamara acha que se livrou de Otto quando arma um truque para a polícia de Berlim Oriental prender o rapaz por suspeita de espionagem – para que Otto confesse, a tortura comunista é tocar na vitrola, sem parar, "Biquíni de Bolinha Amarelinha". Acontece que, aí, a abandonada Scarlett conta que está grávida e, enquanto os pais dela estão chegando para reencontrá-la, restam ao desesperado MacNamara poucas horas para tirar Otto da cadeia, contrabandeá-lo de volta a Berlim Ocidental, persuadi-lo a renegar o Partido e...

Estreado em dezembro de 1961, quatro meses depois que o muro subiu, *Um, Dois, Três* foi um retumbante fracasso: a tensão política estava à toda e o público perdera a vontade de rir da situação. Mas, 25 anos depois, foi relançado com sucesso estrondoso na Alemanha. Virou cult, "uma espécie de ilustração histórica da tolice russa e da estupidez americana", diz Wilder, que parou de filmar em 1981, mas continua serelepe aos 92 anos.

(One, Two, Three. EUA, 1961) **Direção:** *Billy Wilder.* **Com** *James Cagney, Horst Buchholz, Pamela Tiffin, Arlene Francis, Lilo Pulver, Leon Askin. P&b. 115 min.*

Na TNT dia 2 de outubro, às 8h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

• ***Depois Daquele Beijo***, uma obra-prima de Michelangelo Antonioni, na TNT dia 6, às 2h • ***Desfile de Páscoa***, com o talento de Fred Astaire, na TNT dia 14, às 6h • ***Alô Dolly***, musical estrelado por Barbra Streisand e dirigido por Gene Kelly, na FOX, dia 17, às 22h • ***Um Casamento Grã-Fino*** (no cinema, *Núpcias de Escândalo*), uma genial comédia com Katharine Hepburn, Cary Grant e James Stewart, na TNT dia 29, às 6h

TUDO o que eu AMO...

1 Morar na cidade de Jackson, no estado de Wyoming: "Vivo em Jackson há treze anos e fico feliz em dizer que, a esta altura, já sou considerado um membro da comunidade. As pessoas de Jackson têm até um certo sentimento de proteção para comigo – não falam de mim para estranhos, não contam onde eu moro e não inventam histórias a meu respeito. É algo que aprecio imensamente".

2 Os nova-iorquinos: "As pessoas de Nova York são, no geral, muito generosas e agradáveis para comigo. Lá, a reação habitual do público é 'oi, como vai' ou então 'gosto do seu trabalho'. Trata-se de um pessoal razoavelmente sofisticado e, para eles, não sou novidade. Não sou o Michael Jackson, não sou a Madonna. Sou só o velho Harrison, e eles sabem que minha presença não é garantia de excitação – pelo contrário. Eles me conhecem o suficiente para saber que sou uma pessoa muito reservada, e sou grato por esse respeito".

3 Assistir aos meus próprios filmes: "É claro que gosto de ver meus filmes – mas só enquanto ainda estou trabalhando neles. Assisto a cada um deles umas doze ou quatorze vezes, durante a montagem, a edição de som e por aí afora. Mas, quando começam a fazer as cópias e distribuí-las para os cinemas, perco o interesse, porque já não há mais nada que eu possa fazer pelo filme".

4 Os filmes de Indiana Jones (*Harrison deve começar o rodar o quarto episódio da série nos próximos dois anos*): "Acho que essa é uma série que deu muita satisfação à platéia e é algo que ainda me interessa muito. Gosto de fazer esse tipo de filme de vez em quando. Dos três, o primeiro, *Caçadores da Arca Perdida*, é o mais cheio de novidades, mas o terceiro, *Indiana Jones e a Última Cruzada*, é o melhor. Por isso eu não faria um quarto episódio que fosse menos ambicioso. O roteiro tem de ser *muito* bom".

5 Atuar: "Todos os meus colegas de colegial queriam arrumar um emprego 'de verdade' num escritório. Mas eu decidi que queria uma vida diferente, e por isso resolvi ser ator. Eu tinha 21 anos quando fui para Los Angeles tentar a minha sorte, e apenas uma vaga idéia do que era essa profissão. Esqueci de calcular o quão difícil ela seria. Ainda bem: se soubesse, talvez tivesse desistido".

6 Trabalhar por prazer: "Dinheiro não é o que me motiva, e sim o prazer que derivo do que faço. O trabalho para mim é uma charada intelectual, um jogo, um esforço de equipe para atingir uma meta. É um negócio complicado, mas que eu adoro".

7 Meus fãs: "Gosto do meu público – e, se ele gosta de um filme que faço, significa que tive sucesso no meu empenho, na minha visão. Não acho justo pegar o dinheiro alheio e fazer um filme que ninguém quer ver; quero oferecer às pessoas o melhor que o dinheiro delas pode comprar. Portanto, fico muito feliz em fazer o tipo de filme que faço".

8 O Caribe: "Se eu pudesse escolher uma locação para meu próximo filme, com certeza seria uma ilha qualquer do Caribe. Adoro aquele clima ameno, aquele sol e aquelas águas cristalinas".

9 Mulheres fortes: "Eu adoraria trabalhar num filme em que tivesse uma mulher como igual. Há homens que acham que o poder feminino diminui o masculino, mas discordo totalmente".

...E

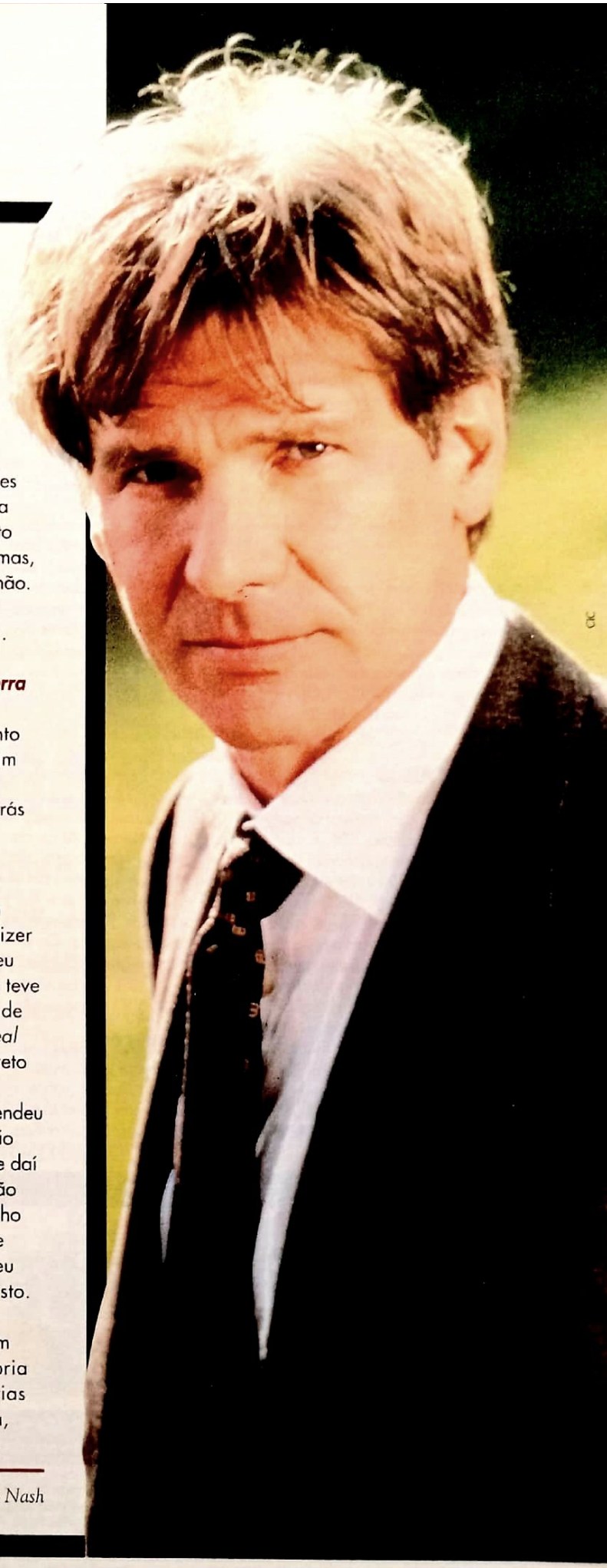
1 Trabalhar em Jackson, Wyoming: "Será que é mesmo mais fácil trabalhar perto de casa? Eu não gostaria de fazer um filme em Jackson porque não quero que a percepção que as pessoas de lá têm de mim mude – e também não quero mudar a cidade colocando-a em tumulto. Não seria justo".

2 Los Angeles: "Não tenho nenhuma antipatia por Hollywood. O único problema de Hollywood é ficar dentro dos limites de uma cidade imensa, barulhenta e difícil chamada Los Angeles. Também me dou muito bem com as pessoas da indústria do cinema e certamente não as desdenho ou o modo como elas vivem. Só que elas vivem em L.A., e aquele não é meu lugar".

3 Produzir meus próprios filmes: "Está aí uma coisa que não me interessa, muito embora eu freqüentemente coopere com os roteiristas de meus filmes e me envolva no trabalho de pré-produção. Não quero é ter meu nome ali como produtor, pois isso faria com que as pessoas vissem aquele filme como

harrison ford

ODEIO!



'meu'. É uma carga grande demais para o filme e para mim".

4 Prêmios: "Não acredito em concursos. Acho bacana contar com o respeito de seus pares, se é isso que um prêmio significa, mas também não acho que não ganhar um prêmio é sinal de que você não tem esse respeito. Além do mais, faço filmes para grandes platéias, e não produções do tipo que costuma ganhar o Oscar".

5 Escrever: "Ninguém me pediu para escrever minha autobiografia... ainda! Mas, francamente, sou criptofóbico: não suporto escrever nada além de listas. Não tenho a paciência nem o ego para deixar um 'registro' meu – aliás, é algo que me apavora. Sei que há livros a meu respeito, mas nunca os vi, nunca os li e não estou interessado neles".

6 Dizer sim: "É fácil dizer não; dizer sim, por outro lado, é a coisa mais difícil do mundo. No momento em que você diz sim, já tem uma data para cumprir".

7 A idéia de ver meus filhos trabalhando no *show business*: "Protejo meus filhos da fama de todas as maneiras ao meu alcance. E como protegê-los se eles disserem que querem entrar no ramo de trabalho da família (*a mulher de Harrison, Melissa Mathison, é roteirista de cinema*)? Usando terapia de choque! Eles nem entraram na adolescência ainda, então esse é um assunto que não está em discussão – mas, se estivesse, a resposta seria não. Quando eles forem adultos, aí sim a decisão será deles".

8 O relançamento de *Guerra nas Estrelas*, no ano passado: "O único sentimento que a idéia provocou em mim foi o de pavor por ver uma interpretação de vinte anos atrás exposta novamente".

9 O escritor Tom Clancy: "Eu nunca assinaria um contrato com Clancy. Para dizer a verdade, nem um cheque eu assinaria com ele. Ele nunca teve nada a ver com a produção de *Jogos Patrióticos* e *Perigo Real e Imediato*, nos quais interpreto o agente Jack Ryan; ele é simplesmente um autor que vendeu seus livros para que um estúdio os transformasse em filmes – e daí reclamou e implicou à exaustão com a maneira como o trabalho estava sendo conduzido. Ele é um sujeito arrogante e... eu nem deveria estar dizendo isto. O mais engraçado é que o contrato que ele assinou com a Paramount permite à própria produtora criar novas histórias com o personagem. Ou seja, nem precisamos mais dele".

Jesse Nash

Cartas

"Achei sensacional o espaço que vocês abriram para o cinema nacional. Continuem com vossas parabólicas antenadas nos sets tupiniquins (com muito orgulho), pois com certeza outros e melhores filmes virão. O *Radar Brasil* não pode parar!"
Robson Albuquerque (São Paulo – SP)

APROVADO

A edição de agosto merece um comentário especial. As novidades, como *Radar Brasil* e *O Que Eles Dizem*, estavam ótimas. Destaque para a entrevista com Jean Reno – são poucos os atores que dão respostas inteligentes, coerentes e que demonstram simplicidade em vez da arrogância da maioria.

Ana Paula Comin
(Internet)

Após dois meses de um indesejável jejum de informações cinematográficas, a SET de agosto valeu a pena. Continuem melhorando e dando mais espaço ao cinema nacional. Parabéns!

Aline Ferreira Santos
(Salvador – BA)

MELHORAMOS

Fiquei apreensivo com a mudança editorial, mas respirei aliviado ao ler a edição 134. *Radar Brasil* veio para acalmar os que esperavam uma seção sobre o cinema nacional. *Videolançamentos* e *Novos Filmes* ficaram mais ágeis e deram espaço ao filmes que realmente merecem. E finalmente, obrigado pela reportagem sobre Christopher Reeve. Continuem assim!

Reginaldo Moreira
(São José – SC)

O X da questão são as mudanças ocorridas com a SET. De início, pensei estar diante do Armageddon, e que o homem que caiu na terra teria atingido minha cabeça. Mas logo percebi que ainda sou eu mesmo, e que SET não é o John Wayne, mas é a maior! Por isso mesmo, continue sendo bem-vinda ao Brasil.

Alandec José Duarte
(Campina Grande – PB)

As mudanças foram todas positivas. A edição estava tão boa que até fez passar a saudade das *Fichas de Cine & Vídeo*. Meu destaque vai para *Cinema para Guardar*. Eu realmente sentia falta desse tipo de informação.

Márcia Cunha
(Fortaleza – CE)

BRASILEIRÍSSIMO

Era o que estava faltando: mais apoio da SET ao cinema brasileiro. A edição 134 merece nota 1.000, principalmente pelas seções *Radar Brasil*, *Atrás da Câmera* e a reportagem de Roberto Sadovski sobre o filme *Mauá – O Imperador e o Rei*. Continuem nos presenteando com essas reportagens. Os cinéfilos brasileiros agradecem.

Cícero Vieira
(Aracaju – SE)

SUPER-HOMEM

Foi emocionante ler a matéria *Ainda Sou Eu Mesmo*, sobre o ator Christopher Reeve e sua luta. Além de reconstruir a vida e a carreira, ele tenta ajudar outros com o mesmo problema. Um exemplo de como enfrentar obstáculos com dignidade, sem deixar que eles nos vençam.

Taís Bahia da Silva
(Rio de Janeiro – RJ)

CAPA

Quero parabenizá-los pela matéria sobre *Arquivo X*. A capa estava maravilhosa, e as fotos de David Duchovny... babei. Valeu! Vocês são o máximo.

Rosangela A. Tchikawa
(Omihachiman-Shi – Japão)

SALVEM O BRUCE

Vocês classificaram *Armageddon* como filme de ação, mas de qualidade ruim. Na mesma edição, deram a receita para um filme desse gênero. Eu me pergunto: o que faltou em *Armageddon*, se até Bruce Willis estava no elenco? Concordo que às vezes esperamos melhores atuações de atores como ele, mas também de críticos como José Emílio Rondeau.

Fernando Heynen
(São Paulo – SP)

Não concordo com a crítica que vocês fizeram a Bruce Willis, dizendo que ele é um ator ruim. Quem assistiu a *Os Doze Macacos* sabe que ele é um ator com grande potencial.

José Fernando Ferreira
(Palmares – PE)

OPS!

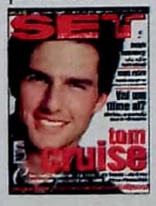
O nome correto do grupo que ajuda os agentes Fox Mulder e Dana Scully é Pistoleiros Solitários e não Cavaleiros Solitários, como publicado na edição 134.

últimas edições

nº 130 abril 98

nº 131 maio 98

nº 132 junho 98



nº 133 julho 98

nº 134 agosto 98

nº 135 setembro 98

Escreva para a SET, Avenida Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 3037-4706 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

entre leitores

- Compro *Fichas de Cine & Vídeo* de clássicos americanos, ou troco por *Fichas* de filmes atuais. Também quero me corresponder com fãs de James Deean e compro tudo sobre ele.
Jefferson Clayton Vendrame
R. B, 71,
CEP 87710-260 (Paranavaí – PR)

- Quero me corresponder com fãs de cinema, principalmente de ficção científica e terror.
Tânia Maria da Silva Lima
R. Mar das Caraíbas, 95,
CEP 09971-450 (Diadema – SP)

- Se você é fã de filmes com elenco de atores mirins, escreva-me.
João Batista Garcia
Av. Dr. Ciro de Mello Camarinha, 606,
CEP 18900-000 (Santa Cruz do Rio Pardo – SP)

- Gostaria de me corresponder com fãs de *Pânico*, *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado* e da maravilhosa Neve Campbell.
José de Anchieta B.M. Filho
Travessa Benjamim Constant, 877/401,
CEP 66053-040 (Belém – PA)

- Quero me corresponder com leitores que possuam qualquer material sobre *Império do Sol*. Também compro o vídeo do filme.
Gerlânio Fernandes de Avelar
R. Vivência Lianza, 300,
CEP 58000-065 (João Pessoa – PB)

- Compro urgente as seguintes edições de SET: 106, 114, 119, 120, 122 e 127.
Cláudio Rogério Cerqueira
R. Santos, 482,
CEP 45700-000 (Itapetininga – BA)

- Sou fã do Superman e desejo comprar todo material sobre os filmes e os atores que o interpretaram.
Eduardo Cadete Farias
R. dos Ipês, 70,
CEP 35100-320 (Governador Valadares – MG)

- Gostaria de trocar materiais de atores como Tom Cruise, Brad Pitt e Leonardo DiCaprio por materiais de Keanu Reeves.
Michele Priscila Ishiama
R. Des. Júlio Guimarães, 296,
CEP 04158-060 (São Paulo – SP)

- Vendo urgente coleção da SET do nº 1 ao 134 – todas em perfeito estado. Também tenho material importado de *Arquivo X*, Leonardo DiCaprio, Sharon Stone, Brad Pitt e muitos outros.
Susi Aparecida Vechi
R. Desembargador Hermes Paraíba, 467,
CEP 60330-140 (Fortaleza – CE)

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/868-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SET

Diretor Superintendente: Carlos R. Berlinck

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora-Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Editor Contribuinte: Francisco Ramalho
Coordenador de Produção: Miguel Gama Francisco
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboraram Nesta Edição: Alfredo Sternheim, André Barcinski, Bruno de André, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Gabriela Aguerre, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê, Vitor Paolozzi (texto), Jorge Cotrin (revisão), Marcos Smirnoff (ilustração)

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza; **Paris:** Pedro de Souza

Comercial
Gerente: Silvia Campos
Gerente de Produto de Assinatura: Luciene Lauriano

Comunicação
Gerente de Promoção e Propaganda: Sandra Galli Ponsoni

Publicidade
Diretora: Ana Serra
Gerentes: Ana Maria Lobo, Maria Luisa Marot
Executivas de Negócios: Andréa Madri, Maria Rosaria Pires
Executivas de Contas: Marília Hindi, Mônica Nicolau, Nilda Sperandeo (agências), Alessandra Alves, Marlene S. de Araújo (diretos)
Coordenação: Igor Ismael Assan (supervisor), Tieko Kuniyuki (coordenadora), Cláudio J. da Silva (coordenador jr.)

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

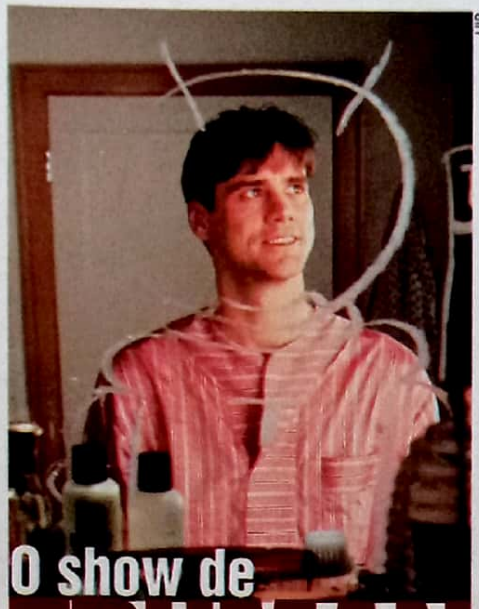
Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira de Aguiar, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

PRÓXIMAS atrações...

o que você vai ver na SET de novembro



O show de TRUMAN

Neste filme arrebatador, Jim Carrey é um sujeito comum que descobre que sua vida inteira é uma mentira: desde o momento em que nasceu, ele é, sem saber, o astro do programa de televisão mais assistido em todo o mundo. A direção é de Peter Weir, o mesmo de *Sociedade dos Poetas Mortos*

Editora Abril

SET

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 5º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4706

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tels.: (061) 223-21347/ 321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666 / 6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARÍCIA • SAÚDE
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

SET edição 136 (ISSN 0104-1592), outubro de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, tel.: (011) 810-4800, fax: (011) 868-3018, dinap.na@email.abril.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 19h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo.

Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SET** não admite publicidade redacional.

ANER **Central de Atendimento ao Assinante:** IVC
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Continental

A FACE ATERRORIZANTE DE UM GRANDE ATOR

A primeira e melhor versão cinematográfica de *O Fantasma da Ópera*, romance de Gaston Leroux, é a de 1925, um triunfo da dramaticidade do cinema mudo. A Universal investiu nela a então assombrosa quantia de um milhão de dólares, em parte gastos com cenas que foram refeitas por causa da troca de diretores. Apesar de o filme levar a assinatura de Rupert Julian, muitas passagens foram dirigidas pelo próprio intérprete do "fantasma", o lendário Lon Chaney. Conhecido como "o homem das mil faces", pela variedade de personagens que interpretou nos mais de 150 filmes que fez em menos de vinte anos de carreira, Chaney foi um ator único. Filho de pais surdos-mudos, desenvolveu desde criança a habilidade de se comunicar pela pantomima, o que lhe assegurou um lugar de destaque nos filmes silenciosos. Além disso, era um mestre na arte da maquiagem – o rosto deformado do "fantasma" foi criação sua. A cena em que a cantora lírica Christine DuBois (a atriz Mary Philbin) tira a máscara do monstro aterrorizou o espectador de ontem e ainda surpreende o de hoje por obra da genialidade de Chaney. E talento, às vezes, é hereditário: seu filho, Lon Chaney Jr., entrou para a história como o ator que foi várias vezes lobisomem, múmia, Drácula ou a criatura de Frankenstein – com o rosto quase sempre maquiado.

charles
SHEEN
marc
DACASCOS
martin
SHEEN
joe
LANDO
Quando tudo se torna pessoal a lei vai mais longe que o distintivo!
DUBLADO E LEGENDADO
CÓDIGO DE TRAIÇÃO
10 anos
PROCURE NA SUA LOCADORA
CALIFORNIA
HOME VIDEO

INFIDELIDADE
E SINCERIDADE
DEFINITIVAMENTE
NÃO COMBINAM!
MELHOR ROTEIRO 1998 LOS ANGELES FILM FESTIVAL
Sincera e Infiel
(PANTS ON FIRE)
Trair é fácil...
admitir pode ser hilariante!
Exclusivamente na sua locadora.
playtizze